

Ser um embaixador do reino de Deus é representá-Lo neste mundo. Mais do que isso: significa que fomos chamados a cumprir a mais nobre missão de levar as boas-novas do evangelho a todas as nações.

Esta obra valiosa nos mostra que uma das formas de atuar como embaixadores do Céu é através das finanças. Ter equilíbrio nessa área fundamental da vida nos permite colaborar com o avanço da obra de Deus, proporcionando alívio aos que sofrem e levando esperança a pessoas em todo o mundo.

Embaixadores do Reino traz à luz princípios bíblicos sobre a administração dos nossos recursos. Apresenta uma reflexão simples e profunda sobre finanças, envolvendo princípios, objetivos e a própria organização para uma nova experiência financeira mais gratificante. Esta obra provê uma introdução indispensável ao tema das finanças. Lida e posta em prática, transformará a sua vida.



Formada em Administração de Empresas, com MBA e Mestrado em Finanças, Camila Russo acumulou 13 anos de carreira no setor bancário. Parte desse tempo nos segmentos de estruturação de oferta pública de ações, avaliação de empresas e assessoria em fusões e aquisições.

Desde 2015 atua como planejadora financeira independente, orientando indivíduos e famílias, além de palestrar e desenvolver conteúdos sobre o tema das finanças pessoais, sempre dentro de uma perspectiva bíblica.

CAMILA RUSSO

# EMBAIXADORES DO REINO

COMO GLORIFICAR A DEUS  
ATRAVÉS DAS FINANÇAS

CAMILA MORAES RUSSO

# EMBAIXADORES DO REINO



COMO GLORIFICAR A DEUS  
ATRAVÉS DAS FINANÇAS

Casa Publicadora Brasileira  
Tatuí, SP  
2024

*Direitos reservados à*

Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia ©  
Av L3 Sul, SGAS, Quadra 61, Conjunto D, Parte C, Asa Sul  
CEP 70200-710, Brasília DF

*Administração:*

Stanley Arco  
Edward Heidingger  
Edson Erthal de Medeiros

*Coordenação Geral:* Josanan Alves

*Coordenação Editorial:* Diogo Cavalcanti

*Editores:* Max Pfeffer

*Revisão:* Ruben Dargã, Josiéli Nóbrega

*Editor de Arte:* Thiago Lobo

*Projeto Gráfico:* Beulah Design

*Capa:* Marcos Santos

*Imagem da Capa:* Adobe Stock

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

1ª edição

2024

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada, salvo outra indicação.

Nos casos de novas edições dos livros de Ellen G. White com dupla paginação, as notas bibliográficas indicam a paginação atual, seguida pela original entre colchetes.



**abdr**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
DIREITOS REPROGRÁFICOS

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Tipologia: Aleo Regular 9/13,8  
21973/48920

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
1 • EMBAIXADORES, NA POBREZA OU NA RIQUEZA .....	7
2 • BUSCAR E TRABALHAR .....	12
3 • RECEBER E HONRAR .....	15
4 • DOAR, POUPAR E DESFRUTAR .....	20
5 • DEUS, O PRÓXIMO E EU .....	24
6 • A IMPORTÂNCIA DE TER EQUILÍBRIO .....	29
7 • PRIMEIROS PASSOS PARA A ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA .....	33
8 • COMO FAZER UM ORÇAMENTO .....	39
9 • VIVENDO DENTRO DO ORÇAMENTO .....	46
10 • AJUSTANDO O PADRÃO DE VIDA .....	51
11 • RESERVAS E PROTEÇÕES .....	56
12 • O PROBLEMA DAS DÍVIDAS .....	60
13 • COMO SE LIBERTAR DAS DÍVIDAS .....	66
14 • INDEPENDÊNCIA, LIBERDADE E TRANQUILIDADE .....	72
15 • INVESTIR PARA MULTIPLICAR .....	79
16 • EVITANDO ARMADILHAS .....	85
17 • SE NÃO FOR BOM, NÃO COMPRE .....	88
18 • PLANEJE-SE .....	92
19 • DESAFIOS DA SUCESSÃO .....	99
20 • EMBAIXADORES, CUSTE O QUE CUSTAR .....	104
21 • PÉS NA TERRA, OLHOS NO CÉU .....	109

# EMBAIXADORES DO REINO



## meu pacto solene

RESERVAR os primeiros momentos de cada dia para estar em comunhão com o Senhor através da oração, do estudo da Bíblia, do Espírito de Profecia e da Lição da Escola Sabatina.



ESCOLHER dois momentos do dia para a oração, o culto pessoal e/ou o culto familiar.  
• Manhã: \_\_\_\_\_ hs. • Noite: \_\_\_\_\_ hs.



CRIAR um hábito saudável para servir melhor ao Senhor através do meu corpo e da minha mente.  
• Meu novo hábito: \_\_\_\_\_



USAR os meus dons para compartilhar as boas-novas da salvação com outras pessoas.



GUARDAR o sábado, preparando-me adequadamente na sexta-feira, respeitando seus limites e mantendo atividades e pensamentos apropriados.



DEVOLVER fielmente 10% de toda a minha renda como dízimo ao Senhor.



DEDICAR uma porcentagem regular da minha renda ( \_\_\_\_\_ %) como uma oferta ao Senhor.



Nome:

Data:

# APRESENTAÇÃO

Um dos textos mais conhecidos e amados do Novo Testamento está escrito em Filipenses 4:11: “Digo isto, não porque esteja necessitado, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.”

Esse texto nos ensina lições preciosas sobre administração financeira. O que Paulo estava dizendo não é que preferia viver na escassez, mas que aprendeu a viver satisfeito, fosse em momentos de necessidade ou de abundância. Seu conselho não é para que desfrutemos das aflições, mas para que, durante a vida, se nos depararmos com situações de necessidade, não nos desesperemos. As adversidades chegam para todos, de modo que seguir o exemplo de Paulo nos ajudará a sentir paz em meio aos momentos mais sombrios. Poucos versos depois, o apóstolo nos incentiva com a seguinte declaração: “Tudo posso Naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

Precisamos aprender a lidar com sabedoria com nossas posses. Em meio a uma sociedade endividada e sobrecarregada com juros e cobranças, é vital compreender as orientações que a Bíblia nos dá sobre finanças. A falta de conhecimento sobre o tema geralmente nos leva à insatisfação com o que já temos. Alguns podem estar satisfeitos com o carro que têm, até dar uma olhada na vitrine de uma concessionária. Da mesma forma, a satisfação com o guarda-roupa pode não sobreviver a uma ida ao shopping.

Somos tentados a pensar que, se tivéssemos “um pouco mais”, tudo ficaria melhor. Contudo, a felicidade não é alcançada pelo acúmulo de bens materiais. Isso não significa que você precise abandonar seus sonhos e suas metas, mas que deve buscar uma vida financeira equilibrada, que honre e glorifique o nome de Deus. Esse é o objetivo do livro em suas mãos. Nele, você aprenderá de maneira prática e objetiva os seguintes princípios bíblicos sobre finanças:

*Organização financeira.* Para onde vai seu dinheiro? Como controlar os gastos? Como fazer um orçamento? Por que é importante ter uma reserva de emergências?

*Objetivos financeiros.* Como lidar com as dívidas? Como ter um plano financeiro a curto, médio e longo prazo? Como investir com sabedoria?

*Princípios financeiros.* Qual é o propósito de Deus para as minhas finanças? Como viver como um servo de Deus, e não do dinheiro?

Essas duas últimas questões diferenciam este livro de outras obras da área. Você se surpreenderá com textos bíblicos que conhece há anos, os quais contêm preciosas lições sobre finanças que você provavelmente ainda não havia percebido.

A autora, Camila Russo, tem larga experiência como consultora financeira. Porém, o que se destaca na leitura é sua visão bíblica sobre o assunto. Isso é notório ao longo do livro. Durante a leitura fui abençoado com essa visão; espero que o mesmo aconteça com você.

Este livro faz parte de um projeto muito especial que envolve um lindo movimento de visitação e uma semana de oração sobre os temas da obra. Que Deus abençoe sua leitura e todo esse movimento! Que, ao final desta experiência, estejamos dispostos a viver os princípios bíblicos das finanças, prontos a nos tornar *Embaixadores do Reino!*

Que Deus o abençoe poderosamente!

Pr. Josanan Alves  
Mordomia Cristã  
Divisão Sul-Americana



1 •

## EMBAIXADORES, NA POBREZA OU NA RIQUEZA

**H**á alguns anos, ao final de uma palestra sobre finanças a partir de uma perspectiva bíblica que proferi, uma jovem mãe pediu a palavra e disse diante de todos que se sentia mal por guardar dinheiro. Ela acreditava que juntar recursos fosse demonstração de egoísmo, ganância e falta de fé em Deus. Tempos mais tarde constatei que esse pensamento não é incomum entre os cristãos. Enquanto uns simpatizam com a ideia de enriquecer e prosperar (inclusive fazendo uso de promessas bíblicas), outros valorizam a abnegação e o desprendimento, dando pouca importância às questões materiais.

Mas quem está certo afinal?

O Messias é descrito pelo profeta Isaías como uma pessoa sofrida, desprezada e rejeitada (Is 53:3). Jesus descreve a Si como alguém que não tinha sequer um lugar onde repousar a cabeça (Mt 8:20), demonstrando que não possuía moradia fixa. Totalmente dedicado à missão de “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10), o Filho do Homem dependia inteiramente da providência divina (Mt 4:1-4). O Pai do Céu lhe dava o pão de cada dia – a Ele e aos Seus discípulos – por meio das mãos de pessoas piedosas, como “Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Suzana e muitas outras, as quais, com os seus bens, ajudavam Jesus e os Seus discípulos” (Lc 8:3).

Aqui vemos claramente dois instrumentos distintos operando em sintonia: os que doam serviços e os que doam recursos. Ambos são importantes.

A propósito, falando sobre a diversidade de dons dentro da igreja, o apóstolo Paulo fez questão de destacar a relevância daqueles que contribuem (Rm 12:8). Dirigindo-se particularmente aos ricos, ele apelou para que buscassem desenvolver a bondade, a generosidade e a prontidão em repartir (1Tm 6:18).

Cristianismo, portanto, não é sobre preferir ser rico ou preferir ser pobre. É sobre dedicar os talentos e recursos de que dispomos, poucos ou muitos, fielmente ao propósito de glorificar a Deus (1Co 10:31).

John Piper ilustra isso de maneira muito didática. Imagine um planeta qualquer orbitando em volta do Sol. Gigante ou pequeno, tanto faz, sua trajetória estará correta, segura e ajustada apenas enquanto o Sol for o centro. De igual modo acontece com o dinheiro: seja muito ou pouco, nossa relação com ele estará correta, segura e ajustada apenas enquanto Deus for o centro. Do contrário, ziguezagueando fora de órbita, o dinheiro desperta em nós sentimentos como “cobiça e ganância e se torna a moeda do orgulho dos bens e de desonestidade, ansiedade, roubo, suborno e fraude”.<sup>1</sup>

Cabe lembrar que todo recurso obtido por meios dignos e honestos é uma bênção de Deus, pois é Ele quem nos dá forças para adquirir riquezas (Dt 8:18), faz prosperar nossos empreendimentos e nos dá abundância de bens (Dt 28:11-12). “É essa capacidade [para adquirir riqueza]”, afirma Ellen G. White, “é um talento precioso, desde que seja consagrada a Deus e empregada no avanço de Sua causa”.<sup>2</sup> A mesma autora, inclusive, afirma que “o desejo de acumular riqueza é um sentimento inato de nossa natureza, implantado nela para finalidades nobres pelo nosso Pai celestial”.<sup>3</sup>

Finalidades nobres. Precisamos entender que acumular, no sentido de ajuntar e armazenar, não é necessariamente algo ruim ou negativo. Depende da finalidade.

Lembremos do exemplo de José. Ele aproveitou os anos de fartura para se prevenir contra os anos de escassez. Ele ajuntou nos armazéns do faraó “muitíssimo cereal, como a areia do mar, até perder a conta” (Gn 41:49). Teria sido ruim o que ele fez? Ou José estava tão somente obedecendo à instrução que recebeu do Senhor?

O que dizer de quem planeja se aposentar um dia e não imagina contar com o seguro social nem depender da ajuda de familiares? Essa pessoa necessariamente terá de reunir meios para bancar as despesas previstas para os anos em que não estiver mais trabalhando. Se não o fizer, não terá de onde tirar. Isso sim é muito ruim!

“Mas onde fica a providência divina?”, alguém pode questionar. “Será que eu deveria então acumular dinheiro em lugar de confiar em Deus?”

Não confunda: uma coisa é acumular dinheiro; outra coisa é confiar no dinheiro. O rei Davi conquistou e acumulou muitas riquezas ao longo da vida

sem, contudo, haver depositado nelas a sua confiança (Sl 62:10). Por sua vez Ananias e Safira, que nem eram tão ricos assim, se deixaram governar pela avareza e a cobiça (At 5:1-11).

Embora o dinheiro jamais deva ser o centro da nossa vida, espera-se que trabalhemos com diligência a fim de obtê-lo, de modo que possamos viver com dignidade, sem depender dos outros e suprir o sustento da família. Inclusive auxiliar pais e mães idosos que eventualmente necessitem de amparo (1Ts 4:11-12; 1Tm 5:4, 8).

Além disso, precisamos nos precaver em relação ao futuro, conforme o exemplo da trabalhadora formiga que “armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento” (Pv 6:8, NVI). Ora, a formiga sabe que no inverno será muito mais difícil encontrar comida fora do formigueiro. Se há uma época favorável para armazenar, período em que o esforço de sair em busca de comida será abundantemente recompensado, essa é a “época da colheita”. E assim, em sua humilde simplicidade, esse pequenino ser nos ensina que, de fato, “há tempo para todo propósito debaixo do céu”, inclusive o “tempo de guardar” (Ec 3:1, 6).

O que estamos fazendo com as “épocas de colheita”? Estamos consumindo tudo e poupando nada? Se sim, então somos tolos, pois enquanto “na casa do sábio há comida e azeite armazenados, o tolo devora tudo o que pode” (Pv 21:20, NVI).

A Bíblia nos mostrou que é correto e sábio poupar e ajuntar. Mas até que ponto?

Certa vez uma pessoa, com o sincero desejo de servir a Deus, perguntou ao seu pastor se deveria vender suas propriedades e doar o dinheiro para custear projetos evangelísticos e missões. O pastor, muito ponderado, pensou um pouco e respondeu: “Querido irmão, se você fizer isso agora será de grande ajuda; mas também irá esgotar a sua capacidade de continuar ajudando pelos próximos 40 anos. Então continue crescendo, produzindo e sendo fiel. Por meio do seu trabalho, Deus lhe dará a oportunidade de ajudar mais e mais.”

Chegando o tempo determinado, José abriu os celeiros. Por sua vez o fazendeiro da parábola derrubou os próprios celeiros e construiu outros, maiores, a fim de reter ainda mais para si (Lc 12:16-19). Por fim “Deus lhe disse: Louco! Esta noite lhe pedirão a sua alma; e o que você tem preparado, para quem será?” (Lc 12:20).

Nem tolos, pendendo para o lado da irresponsabilidade, nem loucos, pendendo para o lado da avareza: Deus deseja que sejamos sábios.

A Bíblia diz que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10). Assim, se desejamos ser sábios precisamos antes compreender o que significa temer a Deus. “O temor do Senhor consiste em odiar o mal [...], a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca que fala coisas perversas” (Pv 8:13). Quem teme ao Senhor tem prazer na Sua lei e nela “medita de dia e de noite”, tornando-se “como árvore plantada junto a uma corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido” (Sl 1:2-3).

Já parou à sombra de um pé de manga? Ou de uma jabuticabeira? Ou de uma pitangueira? O que acontece com o fruto quando está maduro e não é colhido? Ele simplesmente murcha e cai... não fica na árvore. O fruto é doado, ou para os pássaros e animais que se alimentam dele, ou para as pessoas que o colhem, ou para a terra que é adubada pelo fruto decomposto.

Por acaso a árvore morre depois de doar completamente os seus frutos? Não! Será que deixa de frutificar novamente por não ter retido sequer um fruto da temporada anterior? Também não. Como pode isso? Simples: a abundância da árvore não está em reter; a sua abundância está em produzir! Porém ela não produz de si mesma. Seu vigor é consequência de estar “plantada junto a uma corrente de águas”.

Nós igualmente só seremos extraordinariamente abundantes se permanecermos em Cristo, recebendo Dele o poder para produzir e frutificar, pois sem Ele não podemos fazer absolutamente nada (Jo 15:5).

Quando Jesus disse que não nos inquietássemos quanto ao que comer, o que beber ou o que vestir, Ele não estava nos incentivando a adotar um estilo de vida indigente, negligente nem irresponsável. Estava, sim, nos orientando a voltar esforços e prioridades para o alvo correto: o reino de Deus e a Sua justiça (Mt 6:31-33). Quando disse que não juntássemos tesouros na Terra, não estava encorajando a imprudência nem a falta de juízo, mas nos fazendo reconhecer que tudo o que podemos acumular aqui é frágil, pode estragar, se perder ou ser roubado. Nosso único investimento seguro está no Céu e é nas coisas do Céu que devemos depositar o nosso coração (Mt 6:19-20).

“A riqueza só é uma posse perigosa quando posta em competição com os tesouros imortais”,<sup>4</sup> afirma Ellen White. “É o amor ao dinheiro que a Palavra de Deus denuncia como sendo a raiz de todos os males. O dinheiro em si

é um presente que Deus deu às pessoas para ser usado com fidelidade em Seu serviço.”<sup>5</sup>

Sendo assim, que mal há em enriquecer? Nenhum, desde que o Senhor continue a ser Único e Soberano em nosso coração. Essa escolha diária, porém, é mais difícil para o rico, pois ele é constantemente tentado a confiar em suas riquezas em lugar de confiar em Deus.

“Seria então mais seguro escolher a pobreza?”, fico me perguntando se alguém poderia levantar esse tipo de dúvida. Em resposta usarei mais uma citação de Ellen White: “Não podemos tornar o coração mais puro ou mais santo cobrindo o corpo de pano de saco, ou privando o lar de tudo o que proporcione conforto, gosto ou conveniência.”<sup>6</sup>

Cabe lembrar que no rol dos heróis da fé convivem ricos e pobres. O ponto comum entre eles não tem que ver com nível econômico, mas com reconhecer “que eram estrangeiros e peregrinos na Terra” à espera de “uma pátria superior, isto é, celestial” (Hb 11:13, 16).

Aqui não é o nosso lar. Deus nos chama para sermos embaixadores do Reino, representantes fiéis da pátria celestial, cujos princípios e valores devem permear todas as áreas da nossa vida, inclusive a financeira. Do contrário, vivendo como cidadãos comuns deste mundo, ao final morreremos com ele, quer tenhamos muito ou pouco dinheiro.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> John Piper, *Vivendo na Luz: Dinheiro, Sexo e Poder: Fazendo Bom Uso de Três Oportunidades Perigosas* (São Paulo: Vida Nova, 2019), p. 85
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 96 [138].
- <sup>3</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 103 [148].
- <sup>4</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 96 [138].
- <sup>5</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 97 [139].
- <sup>6</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 96 [138].



2 •

## BUSCAR E TRABALHAR

**É** atribuída ao megainvestidor Warren Buffett a seguinte frase: “Não poupe o que sobra depois de gastar; em vez disso, gaste o que sobra depois de poupar.”

Cheia de sabedoria, essa frase diz muito sobre prioridades. Afinal, o que fazer primeiro? Gastar ou poupar? De acordo com Buffett, poupar. Mas será que isso é tudo? Afinal, quais prioridades deveriam reger nossa vida financeira?

Bem, por ocasião do Sermão do Monte, Jesus Se viu rodeado de expectadores ansiosos e preocupados. Havia ali pessoas muito pobres, inseguras quanto às necessidades mais essenciais, como alimentação e vestuário (Mt 6:25 e 31). Outras eram mais abastadas, porém bastante apreensivas quanto ao futuro (v. 27). A todas, sem exceção, Cristo advertiu quanto ao perigo de idolatrar o dinheiro (v. 24) e, finalmente, apelou para que colocassem suas prioridades na ordem correta.

E o que deve vir primeiro? Trabalhar? Ganhar dinheiro? Poupar? Nada disso.

### **Prioridade nº 1: Buscar**

Jesus indicou qual deve ser nossa prioridade número um ao dizer: “busquem em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Muitos querem resolver a vida financeira à custa do tempo que deveria ser usado para a oração, para a leitura da Bíblia e para o culto familiar. O reino de Deus e a Sua justiça ficam em último plano. Em nossa agenda lotada de compromissos, para Ele sobra apenas o resto – quando sobra.

Devemos, sim, nos empenhar no sentido de estudar, trabalhar e nos desenvolver (Ec 9:10). Porém, humildemente, precisamos reconhecer que, “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl 127:1). Por melhor que seja, nenhum esforço nosso será capaz de substituir a bênção do Eterno (Tg 4:13-15). O que nos faz pensar que podemos começar a dia longe da Sua presença?

Nada deve suprimir nem substituir o momento reservado à comunhão com Deus. Antes de nos preocupar em pôr o alimento sobre a mesa, precisamos nos atentar em estarmos abastecidos da Palavra de Deus (Dt 8:3). Somente então, fortalecidos no Senhor, podemos partir para as outras prioridades.

E quais são elas? Trabalhar, receber, honrar, doar, poupar e desfrutar. Vamos estudá-las, uma a uma, no decorrer deste e dos próximos dois capítulos.

## **Prioridade nº 2: Trabalhar**

Em Provérbios 12:11 lemos: “Quem trabalha com dedicação tem fartura de alimento.” Por outro lado, “quem corre atrás de fantasias não tem juízo” (NVT).

Fantasia é uma obra da imaginação, um faz de conta. A Palavra de Deus nos orienta a viver no mundo real. E no mundo real os resultados duradouros têm que ver com trabalho dedicado e bem realizado. “A riqueza conquistada com trabalho árduo cresce com o tempo” (Pv 13:11, NVT).

O conselho bíblico é claro: “Cuide de seus negócios lá fora, apronte a lavoura no campo e, depois, edifique a sua casa.” (Pv 24:27). Perceba como existe uma lógica fundamental, onde o trabalho precede o ganho. Portanto é ilusão, fantasia imaginar que podemos desfrutar sem antes trabalhar.

Isso vale, inclusive, para quem já julga que está com a vida ganha por ter muitos bens. Veja o que diz a Palavra de Deus: “Procure conhecer o estado das suas ovelhas e cuide dos seus rebanhos, porque as riquezas não duram para sempre, nem a coroa, de geração em geração” (Pv 27:23-24). Ou seja, a Bíblia nos orienta a estar *não apenas bem-informados como também a ser produtivos. Esse é um ótimo conselho para os investidores.* Repare como os versos na sequência (25-27) falam sobre recolher o feno e reunir o capim. Dessa forma, pode-se garantir uma boa oferta de alimento para o rebanho. Os animais, uma vez bem nutridos e tratados, proporcionarão ao dono uma satisfatória produção de lã, carne e leite. O que não for consumido poderá ser vendido, e os lucros gerados poderão ser reinvestidos.





3 .

## RECEBER E HONRAR

**N**a Bíblia lemos que “o trabalhador é digno do seu salário” (1Tm 5:18). Infelizmente, nem sempre o salário vem a contento. Pode haver um atraso, um imprevisto, uma dificuldade ou mesmo má-fé por parte de quem se comprometeu a pagar. E ainda que nada disso aconteça, não é prudente gastar o que ainda não recebemos. Por esse motivo, receber é uma prioridade.

### **Prioridade nº 3: Receber**

Imagine um galão cheio d'água com uma torneira conectada na base desse galão. Se você abrir a torneira, verá água saindo apenas enquanto houver água dentro do galão. Se acabar a água, obviamente nada mais sairá pela torneira, a menos que você encha o galão novamente.

Pois bem, o galão representa sua conta corrente, a água representa suas receitas e a torneira, suas despesas.

O que são receitas? São as entradas, ou seja, o dinheiro que recebemos em troca das horas que trabalhamos, serviços que prestamos, produtos que vendemos ou bens que alugamos, emprestamos ou empregamos. Já as despesas são as saídas de dinheiro, necessárias para pagar por bens e serviços, quer sejam essenciais ou supérfluos.

Voltando à ilustração do galão, se para sair água é preciso primeiro colocar água, de igual modo, para sair dinheiro é preciso primeiro entrar dinheiro. Quando o dinheiro não entra (ou demora a entrar) e ainda assim gastamos, significa que enchemos nosso galão com a água de alguém que nos emprestou.

No campo das finanças, esse alguém geralmente é o banco, que nos oferece formatos rápidos (e caros) de crédito, tais como o cheque especial e o rotativo do cartão de crédito. Pode ser também um familiar, um agiota, um lojista ou mesmo um fornecedor a quem devemos.

Sim, toda vez que temos uma conta a pagar, seja água, condomínio, mensalidade escolar, convênio médico, mercearia, psicólogo, não importa, significa que alguém nos prestou um serviço ou nos vendeu um produto esperando receber dinheiro em troca. Se não pagarmos, estaremos em dívida com esse fornecedor.

Saiba que existe um modo muito mais comum de “gastar a água dos outros”, praticada até por gente que não se considera endividada. Refiro-me ao *financiamento*.

Se você for ao dicionário verá que financiar significa sustentar os gastos de alguém, ou prover o dinheiro necessário para que esse alguém possa adquirir algo. Pois bem, sempre que compramos e levamos para casa um produto pelo qual não pagamos de imediato, significa que o vendedor nos financiou, ou seja, permitiu tirarmos do seu estoque um ou mais itens que lhe custaram dinheiro, na confiança de que nós o pagaremos depois, a prazo e com juros.

Vamos nos aprofundar no assunto das dívidas mais adiante. Por agora quero que você compreenda o seguinte: sempre que gastamos o que ainda não recebemos, na prática estamos usando o dinheiro de outro e não o nosso, *salvo quando temos uma reserva*.

Suponha que falte água no seu galão. Para sua tranquilidade, você tem um galão reserva, o qual foi enchendo ao longo do tempo a fim de precaver-se contra a chance de faltar água.

Em finanças isso se chama *reserva para emergências*: quantia economizada com o propósito de ser usada em circunstâncias críticas – como é o caso, por exemplo, de uma interrupção ou atraso nas receitas, ou também uma despesa imprevista que não pode ser adiada. Essa reserva deve ser grande o bastante para pagar as contas e honrar os compromissos por um certo tempo, até que a situação se normalize. Voltaremos nesse tópico num capítulo mais à frente.

Outra forma de precaução consiste em *pulverizar o ganho*, ou seja, não depender de uma única fonte de renda.

Nosso trabalho é apenas uma fonte de renda. Podemos, com zelo e disciplina, empregar recursos e esforços no sentido de criar e manter outras fontes de renda além do trabalho.

A mulher virtuosa descrita em Provérbios 31, por exemplo, “examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha *com a renda do seu trabalho*” (Pv 31:16, itálico acrescentado). Essa vinha, uma vez produtiva, poderia ser arrendada (Ct 8:11), gerando para ela uma receita extra.

Vemos claramente esse conselho de empregar uma parte da renda a fim de aumentar o patrimônio e produzir novas fontes de receita em Provérbios 27:26 quando lemos que os bodes poderiam “ser vendidos pelo preço de um campo” (NVT). Um investidor sábio seguramente não desperdiçaria esse dinheiro, nem deixaria esse campo à toa, criando mato.

Sendo assim – e lembrando dos riscos de confiar no dinheiro, conforme exposto anteriormente –, é biblicamente válido expandir patrimônio e multiplicar as nossas fontes de renda enquanto tivermos oportunidade de fazê-lo.

O rei Davi, por exemplo, sem dúvida era muito ocupado à frente dos interesses da nação israelita. Nem por isso deixou de desenvolver negócios particulares. No decorrer dos anos, na medida em que Deus o ajudava a prosperar (2Sm 22:36), Davi foi adquirindo e multiplicando riquezas. Tanto que a Bíblia descreve que ele, ao final da vida, possuía um extenso patrimônio, constituído de lavouras de grãos, plantações de uvas, azeitonas e figos, rebanhos de gado e de ovelhas, além de camelos e jumentos. Ou seja, Davi tinha pelo menos oito empreendimentos distintos. Porém não era ele quem conduzia esses negócios. Homens competentes e de confiança os administravam (1Cr 27:25-31).

A propósito, o administrador (ou mordomo) é um profissional muito presente no relato bíblico. O mordomo fiel é aquele que deixa seu senhor mais feliz, é aquele que *multiplica* os bens que este lhe confia (Mt 25:21).

Fazendo exatamente assim, multiplicando os bens que o Senhor lhe confiou (sem, todavia, apegar-se a esses bens), Davi, de bom grado, pôde destinar para a construção do templo em Jerusalém uma oferta absolutamente extraordinária: “cento e cinco toneladas de ouro puro de Ofir e duzentos e quarenta e cinco toneladas de prata refinada”. E isso além de tudo o que já havia consagrado para esse propósito ao longo dos anos (1Cr 29:3-4, NVI).

Independentemente de ter várias fontes de renda ou apenas um único trabalho, devemos nos esforçar para ser exemplares, como “um bom trabalhador, que não tem de que se envergonhar” (2Tm 2:15, NVT), ao entregar sempre um trabalho bem-feito, como se estivesse “trabalhando para o Senhor e não para pessoas” (Ef 6:7).

Qualquer profissional negligente e desleixado não irá muito longe. O que é “competente no que faz”, por sua vez, “servirá reis em vez de trabalhar para gente comum” (Pv 22:29, NVT). Logo, não importa a nossa área de atuação, ao fazer nosso trabalho com excelência e esmero, podemos esperar ampla recompensa.

### **Prioridade nº 4: Honrar**

Na Bíblia lemos: “Honre ao Senhor com todos os seus recursos e com os primeiros frutos de todas as suas plantações.” (Pv 3:9, NVI).

Repare que a expressão “primeiros frutos” enfatiza uma ordem importante: assim que recebemos, não são as nossas necessidades pessoais que devem ser satisfeitas, nem os nossos interesses particulares, ou de quem quer que dependa de nós. Antes devemos honrar ao Senhor, entregando a parte que Ele nos pede de volta na forma de dízimos e ofertas. Agindo assim, reconhecemos que tudo vem do Senhor e não podemos fazer nada além de simplesmente devolver o que vem das mãos Dele (1Cr 29:14).

A Palavra de Deus é clara: “Separem o dízimo de tudo o que a terra produzir anualmente” (Dt 14:22, NVI). Desse texto podemos extrair três importantes lições. Primeira, devemos compreender que a parte correspondente ao dízimo deve ser separada, ou seja, consagrada – não nos pertence. Segunda, a base de cálculo do dízimo é a produção, a colheita, a receita. Isso significa que primeiro ganho para depois dizimar. Ou seja, antes do dízimo vem a bênção, não o contrário. Terceira, o dízimo deve acompanhar a mesma periodicidade da receita. Se a receita for anual, o dízimo deve ser anual. Se a receita for mensal, o dízimo deve ser mensal, e assim por diante. Tudo o que for consagrado ao Senhor, seja dízimo ou oferta, deve ser trazido a Ele sem demora (Êx 22:29).

No mais, cabe lembrar que o dízimo corresponde a 10%, “a décima parte dos produtos da terra” (Lv 27:30, NVT). Já as ofertas são um percentual definido pelo adorador, “na proporção em que possa dar, segundo a bênção que o Senhor, seu Deus, lhe houver concedido” (Dt 16:17).

Concedido sobre o quê? Sobre “os cereais dos campos ou os frutos das árvores” (Lv 27:30, NVT). Note que essa diferenciação entre a produção dos campos e a produção das árvores não é mencionada por acaso.

O cultivo de grãos segue um ciclo que exige dedicação do início ao fim. Aragem e preparação do solo, plantio, adubação, irrigação, controle de ervas daninhas. E, depois de colhida, a planta não produzirá novamente, a menos que a sua semente seja replantada, iniciando-se, assim, um novo ciclo.

Árvores frutíferas, por sua vez, exigem muito investimento no início, seguido de um longo período de crescimento e maturação, até que possam chegar ao seu estágio produtivo. Daí por diante, desde que recebam alguns cuidados básicos de manutenção e estejam sob condições climáticas favoráveis, produzirão por vários e vários anos, talvez décadas.

Fazendo uma analogia com a realidade moderna, podemos dizer que os “cereais dos campos” correspondem à remuneração que obtemos do trabalho dedicado, do serviço prestado, do produto vendido. Encerrado um ciclo (geralmente um mês), para produzir novas receitas será necessário sair novamente para plantar, ou seja, trabalhar, conquistar, produzir, vender, atingir metas. Se isso não for feito, a receita (colheita) futura ficará prejudicada.

Já os “frutos das árvores” correspondem à remuneração que obtemos dos investimentos que realizamos. Desde que bem fundamentados e dentro de condições de mercado favoráveis, esses investimentos produzirão por si próprios, sem intervenção de nossa parte. Aluguéis e dividendos<sup>1</sup> são exemplos de “frutos” desse grupo. Quanto mais “árvores frutíferas” tivermos, menos nossa renda dependerá diretamente do nosso trabalho.

Aqui concordamos com o conselho de Warren Buffett, conforme citado no capítulo anterior, a respeito de ganhar dinheiro enquanto dormimos. Porém, precisamos humildemente reconhecer que isso também vem da mão do Senhor (Sl 127:2).

Salários, comissões, prêmios, gratificações, aluguéis, rendimentos, dividendos e proventos, portanto, são exemplos de diferentes formas de ganhar dinheiro. Todas são resultantes das bênçãos de Deus sobre nós e, por esse motivo, sobre todas prevalece a máxima: “Honre o Senhor com os seus bens e com as primícias de toda a sua renda” (Pv 3:9).

Muito bem, depois de honrar a Deus, devemos também dar “a César o que é de César” (Mt 22:21) – assim Jesus nos instruiu com respeito ao pagamento de impostos. É nosso dever pagar “os impostos e tributos àqueles que os recolhem e [honrar] e [respeitar] as autoridades” (Rm 13:7, NVT). Fazemos assim “não apenas para evitar a punição, mas também para manter a consciência limpa” (v. 5, NVT).

Consciência limpa. Isso tem que ver com honestidade. Cabe lembrar que ninguém consegue esconder nem omitir receitas e lucros sem antes se valer da mentira, e “o Senhor detesta lábios mentirosos” (Pv 12:22). Ademais, quando deixamos de pagar o que devemos, quer para o Estado ou para qualquer outro, na prática estamos nos apoderando do dinheiro alheio. Isso é furto – transgressão clara ao oitavo mandamento. Pergunto: como esperar que Deus abençoe as nossas finanças se as administramos de forma contrária ao que a Sua Lei ordena?

No próximo capítulo continuaremos com nossa lista de prioridades que devemos seguir ao lidar com nossos recursos.

#### Referência

<sup>1</sup> Dividendo tem que ver com distribuição de lucros para os sócios de uma empresa, e consiste no resultado que remunera o capital de cada um deles, proporcionalmente à sua participação.



4 •

## DOAR, POUPAR E DESEFRUTAR

**E**m campanhas solidárias é comum nos depararmos com cenas de pessoas bem-intencionadas doando roupas, cobertores e outros itens usados. Desde que em bom estado, aquilo que não serve ou não interessa mais pode receber uma destinação nobre, servindo às necessidades de alguma família carente.

Embora esses gestos sejam bonitos de se ver, precisamos saber que o padrão que Deus nos chama a seguir é muito mais elevado.

### **Prioridade nº 5: Doar**

Na Bíblia lemos:

Quando você fizer a colheita da sua terra, não colha totalmente o canto do seu campo, nem volte para recolher as espigas caídas. Não seja rigoroso demais ao fazer a colheita da sua vinha, nem volte para recolher as uvas que tiverem caído no chão; deixe-as para os pobres e estrangeiros. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês (Lv 19:9-10).

A orientação divina para mim e para você é a seguinte: na hora de colher, não colha tudo; deixe uma parte para as pessoas carentes. Ou seja, não devemos deixar apenas os restos para os necessitados, aquilo que sobrou depois de usarmos e usarmos até não quisermos mais, mas sim o que usaríamos pela primeira vez, contudo decidimos compartilhar.

Atenção! Não façamos caridade com o dinheiro dos outros. Se temos dívidas em atraso, primeiro devemos regularizar a nossa situação. Somente

então teremos condições de ajudar o próximo em necessidade sem subtrair do outro que nos emprestou o dinheiro. A ordem bíblica é clara: “Não fiquem devendo nada a ninguém” (Rm 13:8). Não que sejamos proibidos de contrair dívidas. Uma vez que as temos, devemos ser adimplentes, ou seja, corretos e pontuais em relação aos compromissos assumidos.

### **Prioridade nº 6: Poupar**

Em Provérbios 21:20 lemos: “O homem sensato tem o suficiente para viver na riqueza e na fartura, mas o insensato não, porque gasta tudo o que ganha” (NTLH). Ora, gastar tudo é o mesmo que poupar nada. E a Bíblia diz, com todas as letras, que isso é insensatez, ou seja, tolice, coisa de gente sem juízo.

Para começar, precisamos ajustar a ordem das coisas. Lembre-se: antes de gastar é preciso poupar. Como fazer isso? Ajustando o gasto ao que sobra depois de poupar.

Vamos estudar um exemplo hipotético:

Vinicius é contador, solteiro, não tem filhos e mora com os pais. Há dois anos, logo depois de formado, ele recebeu a bênção de ser contratado por um escritório de contabilidade. Atualmente o seu salário bruto é R\$ 3.500. Porém, em sua conta é creditado o valor de R\$ 3.070,80, já descontados o imposto de renda e a contribuição para o seguro social.

<b>Salário Bruto</b>	<b>R\$ 3.500,00</b>
IRPF	R\$ 106,14
INSS	R\$ 323,06
<b>Salário Líquido</b>	<b>R\$ 3.070,80</b>

Desde que começou a trabalhar e administrar as próprias finanças, Vinicius se propôs a ser um mordomo fiel de todos os bens que o Senhor lhe confiasse. Depois de muito orar e estudar a respeito do assunto, ele compreendeu que, além de separar o santo dízimo, deveria também estabelecer um percentual para as suas ofertas e doações, de modo que fossem planejadas (1Co 16:1-2), proporcionais (Dt 16:17) e voluntárias (2Co 9:7).

Após cuidadosa reflexão, Vinicius enfim decidiu destinar 5% das suas rendas para ofertas regulares e 5% para ações solidárias da igreja,<sup>1</sup> conforme segue:

<b>Salário Bruto</b>	<b>R\$ 3.500,00</b>
Dizimo (10%)	R\$ 350,00
Oferta Regular / Pacto (5%)	R\$ 175,00
Oferta para ação solidária (5%)	R\$ 175,00
Total consagrado (20%)	R\$ 700,00

Sendo assim, logo que recebe o salário, Vinícius primeiro separa os R\$ 700 correspondentes aos dízimos, ofertas e doações. Subtraído esse valor, restam R\$ 2.370,80 para ele enfim usar como bem entender.

O que ele deve fazer agora? Primeiro de tudo, poupar. Quanto? Depende. No caso dele, que já é formado, não tem filhos e mora com os pais, o meu conselho seria: “Poupe o máximo que puder. Aproveite essa fase em que você tem um gasto baixo.”

Suponhamos que Vinícius responda por algumas despesas da casa - afinal ele já é um homem formado e, por ainda morar com os pais, compreendeu que deve, sim, assumir algumas contas. Imaginemos que essa despesa represente R\$ 1.000 por mês. Sobram ainda R\$ 1.370,80 para ele gastar consigo - o que equivale a quase 343 reais por semana, pouco menos de 50 reais por dia. Pergunto: com que facilidade um jovem solteiro gastaria 50 reais por dia?

Agora suponhamos que, antes de qualquer gasto, Vinícius separe 20% da sua renda para poupar e investir. Teríamos o seguinte:

<b>Salário Bruto</b>	<b>R\$ 3.500,00</b>
IRPF + INSS	R\$ 432,20
Total Consagrado (20%)	R\$ 700,00
Poupança (20%)	R\$ 700,00
<b>Saldo</b>	<b>R\$ 1.670,80</b>

Após poupar, e já subtraindo os R\$ 1.000 correspondentes às despesas da casa, Vinícius poderia gastar consigo R\$ 670,80 (o equivalente a 168 reais por semana, ou 24 reais por dia). Perceba que ficou “mais difícil” ele gastar dinheiro agora. Por outro lado, desde que mantenha a disciplina de poupar mês a mês, estará lidando sabiamente com as suas finanças e construindo uma boa reserva para o futuro.

Lembre-se: nunca gastar tudo o que ganha e sempre poupar antes de gastar são práticas fundamentais para manter as finanças equilibradas.

### **Prioridade nº 7: Desfrutar**

Chegou finalmente a hora de desfrutar. Afinal “todos nós devemos comer e beber e aproveitar bem aquilo que ganhamos com o nosso trabalho. Isso é um presente de Deus” (Ec 3:13, NTLH).

Presente de Deus! Portanto não é pecado desfrutar das rendas que o Senhor nos concedeu, desde que o façamos com responsabilidade, conscientes de que o que resta em nossas mãos ainda pertence ao Senhor, não é nosso. Cumprir as etapas anteriores não nos coloca agora no direito de desfrutar como se não tivéssemos satisfações a dar.

A orientação bíblica é absolutamente clara: “Assim, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31, NVI).

Nosso dever de glorificar ao Senhor não se encerra ao devolvermos os dízimos e as ofertas, nem ao doarmos ou pouparmos dinheiro. Como embaixadores do Reino, devemos também desfrutar para a glória de Deus.



#### **Saiba mais**

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre os assuntos dos capítulos 2, 3 e 4.

#### **Referência**

<sup>1</sup> Cabe lembrar que esse é um exemplo hipotético. Cada adorador deve, em oração, compreensão e consagração, estabelecer os percentuais de ofertas e doações que se sente à vontade em praticar. O único percentual que Deus fixou foi o correspondente ao dízimo (10%). Quanto às ofertas e doações, não há percentual indicado na Bíblia.



5 •

## DEUS, O PRÓXIMO E EU

Certa vez um fariseu mal-intencionado dirigiu a Jesus a seguinte pergunta: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus respondeu: “‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.’ Este é o primeiro e o maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo.’ Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22:36-40, NVI).

“Toda a Lei e os Profetas”, ou seja, toda a instrução bíblica a partir da qual devemos nortear as nossas escolhas, até mesmo as financeiras. Sendo assim, no nosso trato com as finanças, desde as pequenas ações cotidianas até as decisões mais complexas de investimentos, em todas as situações se espera que demonstremos amar a Deus, ao próximo e a nós mesmos.

Em linha com esse propósito, nos capítulos anteriores aprendemos sobre sete prioridades que devem reger a nossa vida financeira. Vamos relembrar:

1. Buscar
2. Trabalhar
3. Receber
4. Honrar
5. Doar
6. Poupar
7. Desfrutar

Não seguir essa ordem é o primeiro passo para bagunçar as finanças. Querer desfrutar o que ainda não colheu, ou colher o que ainda não plantou

são os exemplos mais comuns. Também é uma péssima decisão desfrutar antes de poupar, deixando para economizar apenas quando sobra. Ou, pior ainda, pular etapas, apossando-se da parte que pertence ao Senhor, ao Estado e ao próximo. Aliás, os que são assim movidos pela ganância pensam estar fazendo algum bem para as suas finanças quando, na verdade, estão causando grande prejuízo para a vida, especialmente em seu relacionamento com Deus.

### **Trabalhe com os números corretos**

Já o segundo passo para bagunçar as finanças consiste em trabalhar com os números errados. Voltemos ao exemplo de Vinícius:

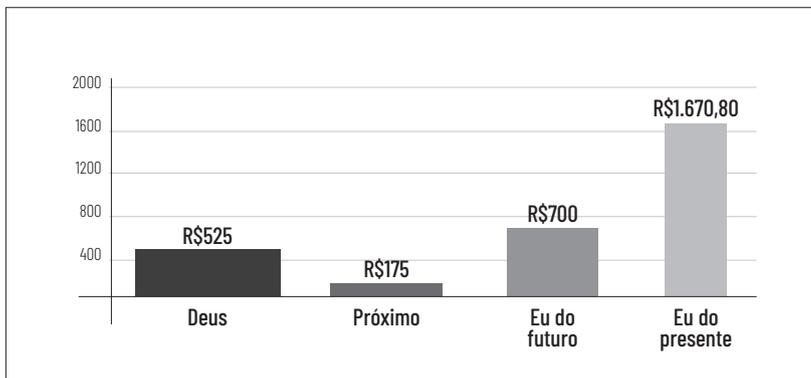
<b>Salário Bruto</b>	<b>R\$ 3.500,00</b>
<b>Salário Líquido</b>	<b>R\$ 3.070,80</b>
Dízimo (10%)	R\$ 350,00
Oferta (5%)	R\$ 175,00
Doação - ações solidárias (5%)	R\$ 175,00
Poupança / investimento (20%)	R\$ 700,00
<b>Salário Disponível</b>	<b>R\$ 1.670,80</b>

Depois de haver honrado os seus compromissos com Deus (adoração), com o próximo (doação) e consigo mesmo (poupança), o saldo que sobra para Vinícius usufruir representa pouco mais da metade do salário creditado em sua conta (54%).

É aqui que muitos se atrapalham: pensam que podem gastar o que entra, não o que fica.

No caso de Vinícius, o que entra são R\$ 3.070,80, e o que fica são R\$ 1.670,80. Logo, se ele possuir um conjunto de despesas que, somadas, rompem a barreira dos R\$ 1,6 mil, obrigatoriamente terá de tirar de algum lugar a fim de reequilibrar as suas entradas e saídas. Supondo que não seja possível diminuir a despesa nem aumentar a receita, então ele se verá obrigado a rever as quantias que antes havia planejado destinar para poupança, doações e ofertas.

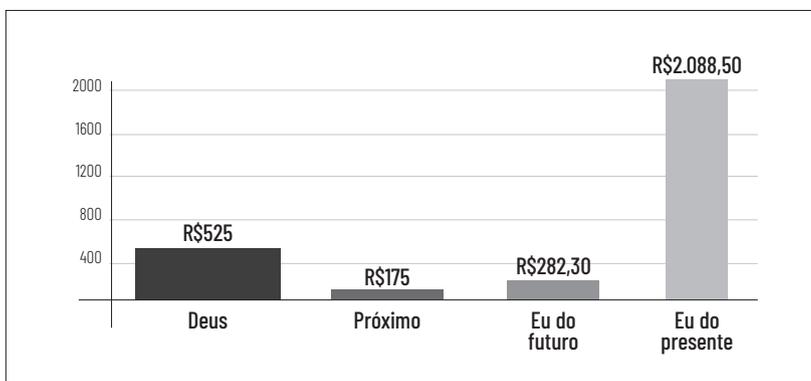
Para melhor compreensão, dividiremos o seu salário em quatro partes, conforme segue:



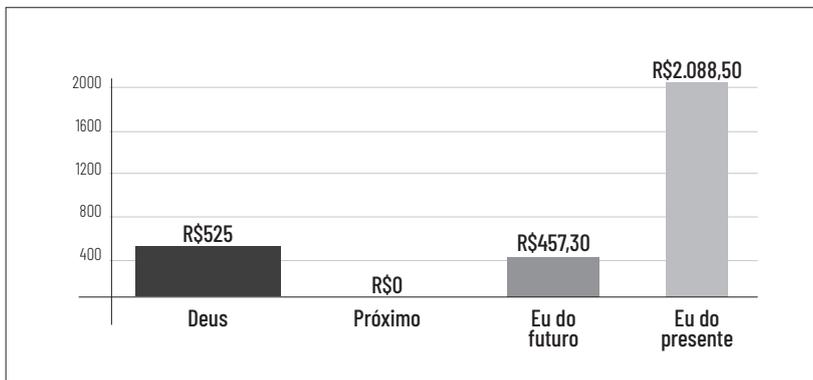
Se Vinícius tiver um aumento de 25% em seu gasto, indo de R\$ 1.670,80 para R\$ 2.088,50, como ficará essa distribuição, já que a sua entrada é a mesma, ou seja, R\$ 3.070,80?

Nesse cenário, suponhamos que ele não queira diminuir o percentual que consagrou como oferta. Desse modo, dízimo e oferta seguirão inalterados, juntos representando R\$ 525. Sobrarão então R\$ 457,30 para distribuir entre doações e poupança.

Se ele optar por manter as suas doações em R\$ 175, poderá poupar apenas R\$ 282,30:



Já se ele optar por poupar os R\$ 457,30, então não sobrar nada para doações:



Desse breve exercício podemos extrair duas lições importantes:

- *Primeira:* embora desfrutar seja o último item da lista de prioridades financeiras, trata-se da base que dá sustentação a todas as anteriores. As nossas melhores intenções serão colocadas em risco se não mantivermos o controle na hora de gastar.
- *Segunda:* quanto mais for satisfeito o “eu do presente”, mais prejudicado ficará “eu do futuro”, a menos que a compensação se dê à custa de diminuir a parte do próximo ou, pior ainda, a parte de Deus. Em suma, quando o gasto é desenfreado, alguém sai prejudicado.

“Mas Vinícius pode tentar ganhar mais”, alguém poderia sugerir. Sim, ele pode, o que não quer dizer que irá conseguir de imediato. Certamente haverá um caminho a percorrer nesse sentido, o qual exigirá investimento e dedicação da parte dele. Trata-se, portanto, de uma solução que leva tempo para amadurecer. Até que isso aconteça, é importante Vinícius se adequar, reduzindo as suas despesas (o “eu do presente”) até um patamar que seja equilibrado com as suas demais prioridades (o “eu do futuro”, o próximo e Deus).

Concluimos que a administração financeira vai muito além de fazer contas, honrar compromissos e poupar algum dinheiro, pois também produz reflexos na nossa vida espiritual. Tanto que Cristo identificou claramente os crentes de fachada como sendo aqueles em que a Palavra fica sufocada pelos espinhos, isto é, “as preocupações deste mundo, a ilusão das riquezas e outras ambições” (Mc 4:19, NTLH).

Em suma, num orçamento saudável necessariamente estão presentes três pessoas: Deus, o próximo e eu – o do presente e o do futuro. Como embaixadores do Reino, que as nossas finanças sejam um testemunho prático da obediência à lei do amor!

**Saiba mais**

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



6 •

## A IMPORTÂNCIA DE TER EQUILÍBRIO

**P**oderia falar de muitos outros passos para bagunçar as finanças. Vou me deter aqui a apenas um: viver o hoje sem pensar no amanhã. Isso não necessariamente tem que ver com um estilo de vida esbanjador; pode ser a realidade de um cristão modesto e cheio de boas intenções. Explico com um exemplo real.

Certa vez um amigo me disse estar passando por uma fase de muita dificuldade. Toda a sua renda era comprometida com despesas essenciais e não sobrava sequer o necessário para um simples sorvete com a família. Sem economias, justificava-se lembrando das inúmeras vezes em que socorreu amigos e familiares. Se nunca guardou dinheiro ao longo da vida, foi porque, segundo ele, sempre esteve disposto a abrir a mão a quem quer que lhe pedisse ajuda.

Do tipo de gente que leva uma vida simples, sem ostentação alguma, esse amigo doou-se tanto pelo próximo que esqueceu de cuidar de si mesmo. No balanço do seu orçamento ao longo da vida podemos notar um forte desequilíbrio, onde o próximo adquiriu grande relevância, ao passo que o seu “eu do futuro” ficou completamente negligenciado.

“Muito cristão o comportamento dele”, talvez você esteja pensando. De fato, trata-se de um exemplo de pessoa generosa e altruísta, mas também imprudente. Todos temos um “eu do presente” e um “eu do futuro”. Ambos precisam de atenção, não devem ser menosprezados.

### **Poupe para doar**

Aconselhando seus leitores sobre finanças, certa vez Ellen White pontuou que não devemos ser avarentos, mas honestos *com nós mesmos e com*

nossos irmãos.<sup>1</sup> Cabe ressaltar que esse conselho está inserido num contexto de incentivo à economia – uma economia equilibrada que se preocupa não apenas com as necessidades do outro ou de si próprio, mas de ambos.

A mesma autora pondera que “muitos desprezam a economia, confundindo-a com a avareza e a mesquinhez. A economia, porém, harmoniza-se com a mais ampla liberalidade. Verdadeiramente, sem economia não pode existir real liberalidade. É preciso que poupemos, a fim de podermos doar”.<sup>2</sup> O próprio ato de doar, portanto, depende de primeiro cuidarmos do equilíbrio das nossas finanças. Compreendido isso, precisamos definir um planejamento financeiro responsável, definindo critérios para poupar, gastar, doar, ajudar, presentear e, preciso dizer, ofertar também.

### **Oferte proporcionalmente**

Sim, ofertar. O Senhor espera que Seus adoradores Lhe prestem um culto racional (Rm 12:1). No que se refere às ofertas, “cada um deve decidir em seu coração quanto dar”, jamais “com relutância ou por obrigação. ‘Pois Deus ama quem dá com alegria’” (2Co 9:7, NVT). Quando ofertarem, que seja sempre “proporcionalmente àquilo que possuem. Tudo que derem será aceitável, desde que o façam de boa vontade, de acordo com o que têm, e não com o que não têm” (2Co 8:11-12, NTLH).

Isso significa que, antes de ir à igreja, primeiro precisamos refletir em casa e estipular uma quantia de oferta que seja conforme a bênção recebida do Senhor e, ao mesmo tempo, coerente com o tanto que podemos doar. Essa quantia depende das demais prioridades e compromissos que temos, inclusive no que diz respeito ao sustento da nossa família, pois “se alguém não tem cuidado dos seus e, especialmente, dos da própria casa, esse negou a fé e é pior do que o descrente” (1Tm 5:8).

Já vimos que no dízimo não se mexe – é 10%, ponto final. Por sua vez, os percentuais de ofertas, doações e poupança são de livre escolha.

Alguém pode, por exemplo, planejar poupar 50% de tudo o que ganha. É seu livre critério. O planejado, porém, deve ser de acordo com as despesas que essa pessoa tem. Caso contrário, cedo ou tarde ela se dará conta de que foi precipitada e precisará rever o plano, talvez reduzindo seu percentual de poupança para 20%, 15% ou menos, até que consiga uma solução melhor.

Com a oferta não é bem assim que funciona. A oferta planejada geralmente envolve um pacto, um voto.

Se um de vocês fizer um voto ao Senhor, o seu Deus, não demore a cumpri-lo, pois o Senhor, o seu Deus, certamente pedirá contas a você, e você será culpado de pecado se não o cumprir. Mas, se você não fizer o voto, de nada será culpado. Faça tudo para cumprir o que os seus lábios prometeram, pois com a sua própria boca você fez, *espontaneamente*, o seu voto ao Senhor, o seu Deus (Dt 23:21-23, NVI, itálico acrescentado).

Veja, o Senhor é Deus de palavra e Ele espera que sejamos homens e mulheres de palavra também. Ele não exige que Lhe façamos promessas, mas uma vez que as fazemos, devemos cumpri-las. Por isso, na hora de definirmos um percentual de oferta e fazermos um voto ao Senhor, precisamos ser muito criteriosos. Cada um deve calcular seu orçamento, refletir sobre os compromissos que tem e então fazer seu plano particular. É preferível começar com um percentual baixo, que seja factível e possa ser elevado ao longo do tempo, do que partir de um alvo elevado que depois se mostre impraticável.

Isso não significa que devemos ser mesquinhos para com Deus. Claro que não! A questão aqui não é sobre mesquinhaaria nem falta de fé, mas sobre racionalidade e planejamento.

Querido leitor, por favor entenda que esse é um assunto delicado e de extrema seriedade. Lembre-se de quando Jesus apontou a hipocrisia dos escribas e fariseus, denunciando a negligência deles em socorrer às necessidades dos próprios pais e mães idosos, embora dispusessem de meios para fazê-lo. Que justificativa eles davam? Declaravam-se impedidos de ajudar, afinal o que dispunham era “Corbã, isto é, oferta ao Senhor” (Mc 7:10-13).

Perceba, aqueles escribas e fariseus haviam feito um pacto com Deus. No seu orçamento, um dado percentual era consagrado ao Senhor na forma de oferta. Essa oferta foi dedicada à custa de eles se eximirem do dever de cuidar dos da própria casa. E agindo assim, embora fossem ofertantes zelosos, tornaram-se, aos olhos de Deus, piores que um ateu (1Tm 5:8).

Atenção! Não é honesto de nossa parte definir uma quantia de oferta que seja ínfima em comparação com as bênçãos que Deus nos tem concedido (Ml 3:8). Certa vez o Senhor perguntou ao Seu povo: “Acaso é tempo de vocês morarem em casas de fino acabamento, enquanto a Minha casa continua destruída?” (Ag 1:4, NVI). Esse questionamento nos confronta com uma verdade constrangedora: *nossas ofertas dizem muito sobre nossas prioridades*.

Tanto que, em comparação com a entrega da viúva pobre, as ofertas dos ricos, aos olhos do Cristo, não passavam de trocados, pois todos eles “deram do que lhes sobrava” (Mc 12:44, NVI). O que devolveram ao Senhor, pouquíssimo representava a sua real capacidade financeira. Em essência, a causa de Deus não era prioridade para eles. Ao contrário daquela viúva, que, da sua pobreza, entregou a maior oferta que se tem registro na história.

Querido leitor, este capítulo fala sobre a importância de termos equilíbrio, é verdade. Mas que esse equilíbrio jamais seja à custa de tentarmos servir a dois senhores: Deus e o dinheiro (Mt 6:24).

Só pode haver um senhor em nosso coração. Que seja o Deus Criador e Redentor, Aquele que, por tanto nos amar, deu o Seu bem mais precioso, “o Seu Filho Unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 314, 315 [383].
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021) p. 122 [206].

7 •



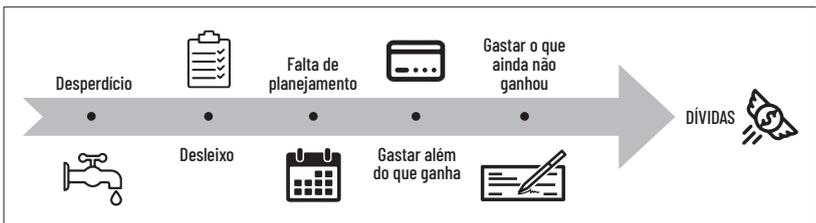
## PRIMEIROS PASSOS PARA A ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA

**C**ama por arrumar, coisas fora do lugar, armários abarrotados de tranqueiras, documentos, livros e papéis empilhados em qualquer canto da casa, comida estragando na geladeira, mato crescendo no quintal. Estes são apenas alguns exemplos de como a desorganização pode ir além das circunstâncias e se tornar um estilo de vida.

A Bíblia diz que “Deus não quer que nós vivamos em desordem e sim em paz” (1Co 14:33, NTLH). Mais claro, impossível: a desordem não deveria fazer parte da realidade do cristão, seja na igreja, em casa, no trabalho, ou mesmo lidando com as próprias finanças.

### Hábitos para a desorganização financeira

Apesar de saber disso, muitos de nós cristãos infelizmente não vivemos o plano recomendado por Deus. Permitimos que a bagunça se instale e, quando menos percebemos, as disfunções a seguir passam a descrever nossos hábitos financeiros:



*Desperdício* não tem que ver somente com torneira vazando, luzes acesas sem necessidade e comida jogada no lixo. Desperdício também ocorre quando pagamos a academia e não frequentamos, compramos livros e não lemos, parcelamos em vez de pagar à vista com desconto. Acontece quando somos multados por infringir uma lei de trânsito. Ou quando, por descuido, deixamos uma conta vencer e pagamos juros. Juros e multas, aliás, são formas muito comuns e dispendiosas de desperdiçar dinheiro.

*Desleixo* é uma característica bastante presente na vida de quem está com as finanças bagunçadas. Não que a pessoa seja irresponsável com os gastos, mas sim descuidada, desatenta. Em geral, ela até faz alguma ideia de quanto representam as suas contas mais relevantes (como aluguel, água, energia, mensalidade escolar), mas não se preocupa em manter uma anotação básica das entradas e saídas de cada mês, nem em conferir extratos, boletos e faturas. Pequenas despesas lhe passem despercebidas, enquanto novos gastos são incorporados sem muito critério. No fim o dinheiro acaba, sem que se saiba para onde foi.

*Falta de planejamento* é viver o hoje como se não houvesse amanhã. Essa é uma prática muito perigosa para as finanças (tanto do indivíduo como das pessoas que dependem dele).

*Gastar além do que ganha* é romper o limite do que a própria renda é capaz de suprir. Isso ocorre toda vez que a pessoa mantém um padrão de vida incompatível com suas receitas. De onde virá o dinheiro para bancar a diferença entre o pouco que entrou e o muito que saiu? De um empréstimo junto a um credor (dívidas), do calote a um fornecedor (contas em atraso), ou de sonegar o fisco (fraude). Em alguns casos, quando possível, pode vir também da ajuda de parentes. Não é raro observar filhos adultos, maduros, com carreiras encaminhadas e famílias formadas, ainda dependendo de receber suporte financeiro dos pais.

*Gastar o que ainda não ganhou* é se comprometer com parcelas de dívidas, esperando manter ao longo de meses a mesma condição de renda e estabilidade desfrutada no presente. Essa prática é comum, especialmente na compra de bens de maior valor, já que muitos se consideram incapazes de conquistar patrimônio sem contrair dívidas. O que elas não sabem é que, com paciência, planejamento e disciplina para poupar e investir mês a mês, poderiam juntar o suficiente para adquirir bens e realizar sonhos sem dívidas (como veremos neste livro).

Em suma, perceba como existe uma progressão entre os primeiros e os últimos hábitos da desordem financeira, todos enfim desaguando nas dívidas. Disso concluímos que um esforço para organizar as finanças dificilmente terá efeito duradouro se não for atacado na origem, inclusive permeando outras áreas com as quais as finanças se comunicam.

### **Hábitos para a organização financeira**

Por simples que pareça, *a organização financeira não se dá a partir de números, mas de hábitos*. Assim, tudo que estiver sob sua competência deve estar em ordem. Cabe reforçar: além de ser contra a vontade de Deus, a bagunça é como um ralo por onde escorre uma imensa quantia de dinheiro. Por isso precisa ser urgentemente combatida. Nesse sentido, em relação às finanças, a seguir apresento dez boas práticas simples e úteis:

*Tenha um plano de compras.* Vá à dispensa (e à geladeira) antes de ir às compras. Avalie o que está estocado há muito tempo. Se ainda não foi consumido, programe-se para consumir. Se está vencido, descarte e reflita se deve comprar de novo. Por fim, formule uma lista do que é necessário.

*Tenha uma agenda de compras.* Evite ir ao mercado, feira e açougue em dias aleatórios. Transitar pelas prateleiras irá favorecer que você compre coisas que não foram planejadas. Escolha um dia da semana ou da quinzena para ir às compras (de preferência aquele em que geralmente há promoções).

*Esteja atento ao que compra.* Nem tudo que é barato é bom. Avalie com cautela tanto a qualidade como a quantidade do que pretende comprar. Do contrário, os centavos economizados com promoções vantajosas acabarão indo para o lixo com o produto que quebrou ou estragou.

*Tenha um calendário mensal de pagamentos.* Desenhe uma tabela em formato de calendário, com 30 espaços representando os dias do mês (use o último espaço para os dias 30 e 31). Se preferir, utilize uma planilha eletrônica ou aplicativo de agenda. O importante é que você consiga visualizar o cronograma de todas as contas e compromissos financeiros que deve honrar dentro de cada mês, com seus respectivos valores. Os dias com os maiores (ou mais) vencimentos são os mais críticos. Esteja atento.

*Restrinja as datas de pagamentos.* Preferencialmente coincidindo com os dias em que você recebe seu salário ou alguma outra renda, procure

reunir os vencimentos dos seus compromissos em torno de um ou, no máximo, três dias do mês. Evite ter compromissos vencendo em vários dias diferentes do mês, pois você pode esquecer de pagar alguma conta.

*Crie um calendário anual de pagamentos.* Da mesma forma como no calendário mensal, faça um levantamento das contas que são anuais, como impostos, matrícula escolar, férias e revisão do carro. Some os valores desses compromissos com base no histórico de anos anteriores e procure poupar mês a mês a quantia correspondente a 1/12 do total. Fazendo assim, aos poucos você irá formar uma provisão destinada a pagar essas despesas sazonais, e sem desequilibrar o seu orçamento.

*Verifique as cobranças que recebe.* Confira atentamente cada conta a pagar (especialmente as faturas de cartão de crédito). Identificada qualquer inconsistência, conteste a tempo. Do contrário, estando tudo certo, confirme o respectivo pagamento e armazene os comprovantes em uma pasta específica, conforme a necessidade, sem misturar com outros papéis.

*Utilize a tecnologia a seu favor.* Os bancos geralmente oferecem ferramentas que facilitam o processo de organizar as contas a pagar, tais como o agendamento de pagamentos e o débito automático. Procure conhecer essas ferramentas e as utilize ao máximo, certificando-se sempre de possuir saldo suficiente na conta corrente para honrar cada pagamento no dia do respectivo vencimento.

*Acompanhe seu extrato bancário.* Confira seu extrato regularmente (ao menos uma vez por semana) para se assegurar de que todos os pagamentos previstos foram processados corretamente. Caso identifique qualquer erro, tome as providências necessárias.

*Reduza a quantia de contas correntes e cartões de crédito.* Além de custoso, manter várias contas e cartões dificulta o processo de conferir para onde está indo o dinheiro. Limite-se a ter uma ou duas contas, preferindo sempre a instituição que entrega a melhor relação custo x benefício. Igual raciocínio vale para o cartão de crédito.

As atividades acima servem ao propósito de organizar compras, contas e pagamentos. Elas ajudam bastante no processo de acompanhar e controlar gastos, sabendo exatamente quais são, quando ocorrem e quanto representam. Esse é apenas o primeiro passo. O próximo consiste em refletir sobre cada um desses gastos.

## Refleta sobre seus gastos

Geralmente fazemos isso apenas quando eles não cabem no orçamento (assunto sobre o qual falaremos no próximo capítulo). Quero convidá-lo a se antecipar, questionando o sentido por trás de cada gasto, independentemente de você ter capacidade de pagar por ele ou não.

Vamos a alguns exemplos.

Roberto tem um filho que fica a maior parte de seu tempo usando o celular e jogando videogame. Ele quase não colabora nas tarefas de casa e tem um desempenho medíocre na escola. Além disso, ele mal se interessa por livros. Apesar disso, Roberto continua abastecendo o garoto com tudo que precisa para alimentar o vício nas telas: internet de alta velocidade e assinatura de jogos e *streaming* – sem falar da sua ausência como pai, já que está sobrecarregado com tantas contas a pagar. Faz sentido?

Adolfo, detalhando todos os seus gastos, descobre que nos últimos meses não saiu sequer uma vez com a esposa para um jantar a dois. Em contrapartida, ele teve momentos especiais de celebração com parentes e amigos. Pergunta: será que a esposa do Adolfo está feliz com esse desequilíbrio? Não seria o caso de ele conversar e combinar com ela uma forma de priorizar e valorizar alguns momentos a sós, a fim de fortalecer o vínculo do casal?

Já Maria tem um gasto absurdo com remédios. A conta da farmácia é sempre elevada, todos os meses. Altos níveis de colesterol, açúcar no sangue, pressão alta, prisão de ventre, queimação no estômago e insônia são alguns dos males que ela costuma combater com o uso de medicamentos. Em contrapartida, Maria se alimenta muito mal, com uma dieta rica em gorduras e pobre em vitaminas e fibras, além de não praticar atividade física, trocar a água por refrigerantes, não dispensar o café e ir tarde para a cama. Certamente sua conta na farmácia reduziria significativamente se ela passasse a adotar hábitos saudáveis – sem falar no bem que isso faria para sua qualidade de vida. Será que não passou da hora de promover mudanças?

Giovana e Mauro capricharam nos presentes e celebrações do último final de ano. A casa enfeitada, a família toda com roupas novas, a árvore natalina cercada de presentes caprichosamente embrulhados, comida farta e saborosa sobre a mesa, réveillon na praia. Tudo perfeito! Em contrapartida, os primeiros meses do ano que se inicia já estão sobrecarregados de dívidas – afinal, foi-se todo o 13º salário do casal e o restante das compras realizadas foi parcelado no cartão de crédito, já que eles não tinham dinheiro para

pagar à vista. Pergunto: será que valeu a pena terem passado alguns dias desfrutando de um padrão de vida incompatível com a renda deles, à custa de sabotarem a tranquilidade financeira de vários meses à frente?

Embora esses nomes sejam todos fictícios, situações como essas refletem a realidade – talvez você tenha se identificado com alguma delas.

Precisamos compreender que *nossas finanças são uma extensão das nossas escolhas*. Sendo assim, organizar as finanças implica repensar as escolhas que fazemos.

Deixo o espaço abaixo para que você pare e reflita. Utilize as linhas abaixo e responda: Quais escolhas têm sido acertadas? Quais você precisa reverter? Quais precisam sair dos planos para a prática?

Antes de mais nada, ore: “Pai Eterno, aprendi hoje que as minhas finanças apenas reproduzem o estilo de vida que eu venho levando. Querido Deus, ajude-me a eliminar a bagunça da minha vida e viver conforme Tua santa e boa vontade. Peço-Lhe em nome de Jesus. Amém!”

---

---

---

---

---

---

---



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo



8 •

## COMO FAZER UM ORÇAMENTO

**M**ariana é uma entusiasmada professora do ensino fundamental. Solteira, ganha R\$ 2.500 por mês e mora com os pais aposentadas em um apartamento de 65 m<sup>2</sup> na Grande São Paulo. Desejando presentear a mãe com uma geladeira nova, há algumas semanas ela vem pesquisando preços e comparando modelos na internet, até que recentemente se deparou com uma promoção em que o modelo de sua preferência estava sendo ofertado por R\$ 3 mil à vista, ou em dez prestações fixas de 350 reais. Sem dinheiro para aproveitar o desconto à vista, Mariana avalia parcelar a compra.

Esse é um caso hipotético que ilustra uma situação comum do nosso cotidiano. A pergunta que eu faço é: Mariana pode arcar com essas prestações?

Julgando apenas pelo seu salário, sim. Mas a vida financeira de Mariana não é feita apenas de receitas. Ela também tem despesas. Antes de concluir se ela pode ou não assumir esse compromisso, algumas perguntas precisam ser respondidas. Por exemplo, quanto é o seu custo de vida? Sobram 350 reais no fim de cada mês? Quanto sobrou nos últimos meses? Ao se comprometer com essa nova despesa será preciso diminuir o valor destinado a outros itens importantes, como alimentação e lazer?

Quando avaliamos um parcelamento ou uma compra qualquer, geralmente temos o cuidado de calcular se cabe em função do quanto ganhamos. Precisamos também calcular se cabe em função dos compromissos que já assumimos. E para que essa conta seja correta é essencial trabalhar com números corretos – o que só é possível a partir de um orçamento bem-ajustado.

## Lições sobre orçamento

O que é orçamento? Definido de forma simples, orçamento é uma previsão das entradas e saídas de dinheiro, ou seja, das receitas e das despesas de um determinado período.

Esse período pode ser anual, dividido em recortes mensais, conforme o exemplo a seguir:

	Jan	Fev	Mar	Abr	...	Out	Nov	Dez	Total
Receitas									
Despesas									
Sobras									

Antes de avançar para uma tabela mais detalhada, podemos já extrair algumas lições aqui.

*Primeira lição:* se a soma das despesas for a mesma que a das receitas, não haverá sobras. Óbvio! Infelizmente muitos ignoram essa matemática básica. Vivem no limite (ou até além) do que suas receitas são capazes de suprir. O correto seria viver abaixo. Por sinal, um dos maiores benefícios de adotar um orçamento é justamente este: identificar as correções necessárias para que haja sobras.

*Segunda lição:* se o orçamento em si é apenas uma previsão, pouco efeito produzirá se não for devidamente conferido e controlado a partir das receitas e despesas efetivamente ocorridas mês a mês. Sendo assim, prefira ter um orçamento simples, fácil de entender e de acompanhar, em lugar de ter um orçamento complexo e difícil de lidar, que por fim será deixado de lado.

*Terceira lição:* também por ser uma previsão, é normal que o orçamento contenha erros, os quais serão identificados no decorrer dos meses, na medida em que as receitas e as despesas forem se materializando. É comum, por exemplo, subestimar valores, esquecer de incluir algum item ou haver ajustes de preços em função da inflação. Portanto, é preciso conferir e atualizar o orçamento periodicamente, para que ele se mantenha o mais próximo possível da realidade.

*Quarta lição:* o que a princípio pode parecer pouco sob uma perspectiva mensal, multiplicado por 12 se transforma em muito. Por exemplo, uma “pequena” despesa de 50 reais por mês será de 600 reais ao final de 12 meses – quantia que poderia ser suficiente para bancar uma boa celebração de final de ano. Um bom orçamento, portanto, deve levar em conta tanto as grandes como as pequenas despesas. Mesmo os gastos de baixo valor, aparentemente sem relevância, não devem jamais ser menosprezados. “Cuide dos centavos, e os dólares cuidarão de si mesmos”, diz Ellen White. “É uma moedinha aqui, uma moedinha ali, gasta para isto, aquilo, e aquilo outro, que logo somam dólares.”<sup>1</sup>

### **Especifique receitas e despesas**

Compreendido isso, o passo seguinte é prever e detalhar as receitas e, depois, as despesas.

Para uns pode ser fácil prever as receitas, mas para outros nem tanto. Isso pode variar conforme a pessoa possua ou não um trabalho remunerado, se este é formal ou informal, se recebe algum bônus por desempenho ou se a renda varia de acordo com fatores como picos de produção, troca de estação, comportamento do clima, datas comemorativas, férias, volta às aulas.

A despeito de tantas realidades distintas, um conselho é bastante útil em todas elas: *ao prever as receitas, seja cauteloso*. Melhor errar para menos do que para mais. Pense na receita como uma cerca em forma de circunferência. Conforme você ampliar a área dessa cerca, estará também expandindo a fronteira segura que serve para delimitar até onde as suas despesas podem ir. Por isso é mais prudente contar com uma previsão de receita moderada, conservadora.

Outro aspecto importante a considerar é que em geral as receitas são uma contrapartida que recebemos ao agregarmos valor para alguém, seja dedicando a mão de obra, prestando um serviço ou entregando um produto. Existe, portanto, um trabalho envolvido, e a expectativa de receita futura depende de sermos capazes de realizá-lo.

Essa capacidade é uma benção de Deus (Dt 8:17-18). E ainda que nossa renda não dependa diretamente do nosso trabalho, mas seja resultado dos investimentos, sabemos que isso também vem das mãos de Deus. Por esse motivo somos todos chamados a honrar ao Senhor com os nossos bens e com os primeiros frutos da nossa renda (Pv 3:9).

Portanto, a primeira parte do orçamento consiste em separarmos a parte que pertence a Deus, ou seja, dízzimos e ofertas. Feito isso, e uma vez subtraídos os impostos, o que restar em nosso poder será enfim a *receita líquida*, aquela que nos sobra depois de dar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22:21, NVI). Antes de considerarmos essa receita para fins de gastos, devemos reservar a parte que será doada, bem como aquela que será poupada, como aprendemos no capítulo 4.

Completada essa primeira etapa, é a vez de prever e listar cada uma das despesas, cuidando para não criar um detalhamento excessivo (a ponto de sobrecarregar o orçamento com pormenores que tornarão sua manutenção uma tarefa complexa e cansativa), nem generalizar demais, deixando de esmiuçar contas importantes.

Por exemplo, você não precisa detalhar especificamente quanto gastou com sabonetes no decorrer do mês. Mas também não deve simplesmente lançar uma conta “compras do mês”, deixando de descrever minimamente o que está embutido nessa despesa.

Outro erro a ser evitado consiste em efetuar vários pagamentos em dinheiro, sem o devido cuidado de anotá-los em algum lugar a fim de conferir depois. São gastos 100 reais, 200 reais ou mais em despesas que, sem registro, acabam ficando sem controle.

É importante criar o hábito de *anotar cada despesa realizada*, seja num papel guardado na carteira, ou num caderninho fácil de carregar na bolsa. Pode ser também num bloco de notas do celular, num aplicativo ou numa planilha eletrônica, tanto faz. Use a ferramenta que for mais fácil para você. O que importa é anotar cada entrada e saída de dinheiro. Do contrário, como você poderá depois conferir se está vivendo ou não de acordo com o seu orçamento?

A maneira mais comum de organizar essa anotação consiste em utilizar uma tabela. Nas linhas são descritas primeiramente as receitas, depois as prioridades e, por fim, as despesas, agrupadas em ordem de importância. Já nas colunas são preenchidos os respectivos valores, conforme o mês correspondente.

A tabela a seguir contém um modelo simplificado de orçamento pessoal, com algumas contas principais que poderão lhe servir de guia. Todas as categorias de despesas nela listadas são apenas sugestões. Você pode excluir e incluir linhas conforme a sua realidade. Por exemplo, se você não tem animal de estimação, não há motivo para manter a linha “cuidados com o pet”. Havendo um parcelamento, você deve detalhar essa despesa.



<b>Lazer e celebrações</b>								
Restaurantes Passeios / viagens Presentes								
<b>Cuidados pessoais</b>								
Cabeleireiro Academia / esportes Vestuário								
<b>Cuidados com o Pet</b>								
Veterinário / ração								
<b>Tarifas e anuidades</b>								
<b>Ajudas e mesadas</b>								
<b>Outros</b>								
<b>SOBRAS</b>								

Vale comentar que a classificação “Outros”, embora esteja prevista, deve ser evitada. Faça um esforço para alocar cada despesa dentro de uma categoria específica. Quanto mais diligente você for nesse exercício, mais consciência terá quanto ao perfil dos seus gastos – isso servirá de grande ajuda no momento de fazer ajustes ou se planejar.

Por falar em planos, é importante saber que o orçamento é apenas uma ferramenta. Embora seja muito útil e necessário, o orçamento sozinho não resolve a vida financeira de ninguém.

### **Avalie constantemente seu orçamento**

Pode ser, inclusive, que seu orçamento de início esteja muito ruim, bem apertado ou até negativo, com despesas superando as receitas. Isso significa que você deva desistir de ter um orçamento? Claro que não! Pelo contrário, mesmo um orçamento ruim serve como referência, ponto de partida para o plano que você deverá traçar a fim melhorar sua situação.

A propósito, uma vez finalizado o orçamento, saiba que você precisa visitá-lo constantemente. Na jornada de controle das finanças, o orçamento

deve ser acompanhado, conferido e alimentado com certa frequência (ao menos uma vez por mês). Do contrário, para nada servirá.

A fim de facilitar esse trabalho (conforme vimos no capítulo anterior), prefira utilizar uma única conta corrente<sup>2</sup> para que você possa receber seus proventos e pagar suas contas. Ao centralizar suas finanças em um único banco (ou dois, se houver necessidade), ali ficará automaticamente registrado todo o seu histórico de transações, facilitando assim o trabalho de conferi-las depois, uma a uma, a partir do extrato bancário.

Enfim, manter um registro de todas as entradas e saídas e confrontá-las sempre com o orçamento é uma tarefa essencial, mas não precisa ser complicada. Na verdade, é bastante simples – tão simples como somar e subtrair. Muitos não o fazem por acharem chato, ou por mera preguiça. Mas a Palavra de Deus adverte: “Por causa da preguiça, o telhado enverga; por causa do ócio, surgem goteiras na casa” (Ec 10:18, NVT).

Como embaixadores do Reino, somos chamados a revelar para o mundo o alto padrão de excelência que rege a pátria celestial. Jamais deveríamos descuidar a ponto de o telhado das nossas finanças encurvar e ameaçar ruir. Abracemos, portanto, a responsabilidade de fazer o que precisa ser feito e deixemos a preguiça de lado.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 176 [257].

<sup>2</sup> A conta corrente é uma ferramenta que os bancos oferecem aos seus clientes para as transações financeiras do dia a dia, tais como recebimentos e pagamentos, saques e depósitos. É importante, porém, estar atento às tarifas relacionadas a esse tipo de conta, já que podem variar bastante em função dos serviços oferecidos.



9 •

## VIVENDO DENTRO DO ORÇAMENTO

**H**á um provérbio norte-americano que afirma mais ou menos assim: “É melhor dizer para o seu dinheiro aonde ele deve ir do que depois ficar se perguntando aonde é que ele foi.”<sup>1</sup>

De fato, se não estabelecermos destinos e limites para nossos gastos, nem definirmos uma quantia regular a ser poupada mês a mês, na prática estaremos assumindo uma postura desgovernada quanto ao rumo das nossas finanças. Por isso o orçamento é uma ferramenta tão essencial no propósito de planejar e coordenar o uso do dinheiro.

Conforme vimos no capítulo anterior, concluído o orçamento, obtemos um saldo que pode ser: positivo (quando há mais dinheiro entrando do que saindo); zero (quando as entradas e as saídas empatam); ou negativo (quando há mais dinheiro saindo do que entrando).

A partir dessa conclusão básica, pode ser que você se veja numa realidade financeira distante daquela que considera ideal e suponha que a solução para seus problemas seja então ganhar mais. A Bíblia, porém, diz o seguinte: “O homem sensato tem o suficiente para viver na riqueza e na fartura, mas o insensato não, porque gasta tudo o que ganha” (Pv 21:20, NTLH).

Perceba que, de acordo com o texto que acabamos de ler, *finanças equilibradas não têm que ver com quanto ganhamos, mas com quanto gastamos*. Quer ganhemos muito ou pouco, sempre temos a opção de viver dentro dos limites da nossa renda – e isso depende de ter sensatez.

A Bíblia não diz “o homem endinheirado tem o suficiente para viver na riqueza e na fartura”. É “o homem sensato” que alcança essa proeza. No equilíbrio nas finanças, portanto, ter sabedoria pesa mais que ter dinheiro.

É claro que existem, infelizmente, situações de pobreza severa, em que a renda não é suficiente sequer para suprir as necessidades mais essenciais. Nesses casos extremos obviamente não faz sentido falar sobre viver abaixo da renda. O que a pessoa precisa é ser socorrida e amparada financeiramente, conforme a sua necessidade (Dt 15:8).

Ressalvada essa exceção, para todos os demais casos se aplica o conselho implícito no texto de Provérbios 21:20: *gaste menos do que ganha*. Isso é básico, tanto no processo de equilibrar as finanças como na construção da riqueza e da fartura. Afinal, quem consome toda a renda não tem sobra nenhuma para investir e multiplicar.

### **Adote um padrão de vida coerente**

Só existe uma forma de gastar menos do que ganhamos: adotando um padrão de vida coerente. Num patamar abaixo daquele que nossa renda seria capaz de manter.

O padrão de vida de uma pessoa ou família é uma composição de escolhas que tem a ver com o estilo de moradia, vestimenta, alimentação, entretenimento, lazer, dentre outros aspectos. Cada escolha traz consigo um custo correspondente.

Por exemplo, imagine alguém que trabalha fora e não consegue sair e voltar a tempo de comer em casa na hora do almoço. Restam-lhe então as seguintes alternativas: (a) levar consigo sua marmita; ou (b) comer num restaurante próximo do seu local de trabalho. Quaisquer dessas opções têm um custo, sendo a marmita em geral a alternativa mais econômica.

Agora suponha que essa mesma pessoa more num bairro de periferia e esteja muito insatisfeita com o tempo que leva para se locomover de casa até o trabalho e vice-versa. Por isso ela avalia se mudar com a família para uma região mais central, a fim de ficar mais perto do trabalho. Uma mudança desse porte, porém, faria aumentar uma série de despesas além do custo de moradia em si. Mercado, feira, padaria, farmácia, salão de beleza, escola, lazer, serviços de manutenção e limpeza são apenas alguns exemplos de coisas que tendem a encarecer na medida em que nos distanciamos da periferia em direção ao centro. Perceba que uma simples escolha como “onde morar?” traz consigo diversos impactos no orçamento.

Em suma, padrão de vida é um conjunto de escolhas que fazemos. Os custos correspondentes serão reproduzidos no nosso orçamento, seja em uma conta específica (como no exemplo da refeição) ou em várias contas interligadas (como no exemplo da moradia).

## Seja econômico

Sendo assim, para gastar menos do que ganhamos, devemos, antes de tudo, fazer *escolhas econômicas*.

Ser econômico, de acordo com a Bíblia, não é ser mesquinho, pão-duro nem mão de vaca, como se diz no popular. Repare no texto que diz: “O preguiçoso não aproveita a sua caça, mas o diligente dá valor a seus bens” (Pv 12:27, NVI). Em outras palavras, ainda que a caça seja farta, se aquele que a conquistou for preguiçoso a ponto de deixá-la estragar, ela irá toda para o lixo. A primeira lição que aprendemos desse texto, portanto, é que ser econômico é o contrário de ser preguiçoso.

Ser econômico também é dar valor aos bens, não no sentido de apegar-se a eles, mas sim de tirar o máximo proveito deles, levando em conta cada centavo ganho. Nada, absolutamente nada deve ser desperdiçado.

Transportando para nossa realidade de hoje (afinal, creio que você não esteja com uma caça em cima da pia neste momento), isso significa adotar atitudes de *consumo inteligente*.

Cinco sugestões de como fazer isso na prática ao consumir os seguintes itens:

- *Roupas, calçados e acessórios*. Comprar peças de boa qualidade e que sigam uma linha atemporal (que não sai de moda). Cuidar para conservá-las sempre limpas e em bom estado a fim de que possam durar por muito tempo.
- *Móveis, eletrodomésticos e eletrônicos*. Zelar para que sejam manuseados, limpos e mantidos de modo adequado. Assim serão úteis por vários anos. Ensinar os filhos a fazer o mesmo com seus brinquedos e pertences.
- *Automóveis*. Fazer uso correto, bem como manter a limpeza e efetuar as revisões periódicas, favorecendo, assim, o bom desempenho por muitos anos.
- *Moradia*. Não importa se própria ou alugada, cuidar para mantê-la sempre em ordem, limpa e bem conservada, evitando, assim, reparos dispendiosos.
- *Alimentos*. Comprar bons ingredientes e preparar refeições simples, saborosas e saudáveis, em quantidade suficiente para não faltar nem sobrar. Se sobrar, inventar receitas que permitam aproveitar as sobras, a fim de que nada seja desperdiçado.

Resumindo, padrão de vida coerente, escolhas econômicas, consumo inteligente – perceba que gastar menos do que ganha vai muito além de fazer sobrar dinheiro no fim do mês. Por fim, você poderá desfrutar de um dos resultados mais palpáveis de uma gestão financeira sensata, que é, sem sombra de dúvida, a satisfação de ver dinheiro sobrando.

E esse dinheiro, que antes era perdido em desperdícios e usos sem sentido, agora pode (e deve) ser empregado para fins mais elevados. Seja para promover a causa de Deus, ou para socorrer ao próximo em necessidade ou mesmo para cuidar do nosso “eu do futuro”.

### **Invista no “eu do futuro”**

Por falar em “eu do futuro”, imagine que você, com uns poucos e pequenos ajustes em suas escolhas, consiga uma economia de apenas 10 reais por mês. “É muito pouco”, você pode pensar. Veja quanto isso valerá se você tiver a disciplina de aplicar 10 reais todos os meses, supondo uma taxa de remuneração 7% ao ano (0,57% ao mês):

	<b>Depósitos de 10 reais por mês</b>
Em 10 anos	R\$ 1.710,52
Em 20 anos	R\$ 5.075,36
Em 30 anos	R\$ 11.694,53
Em 40 anos	R\$ 24.715,42
Em 50 anos	R\$ 50.329,49

\* À taxa de juros de 7% ao ano (0,57% ao mês)

Nesse exemplo, ao final de 10 anos, depois de 120 depósitos de 10 reais (R\$ 1.200 no total), você terá acumulado R\$ 1.710,52. A diferença (510,52 reais) corresponde aos juros que foram incorporados à sua aplicação ao longo do tempo. Se você não cair na tentação de resgatar esse valor – pelo contrário, continuar depositando os mesmos 10 reais a cada mês – com o passar do tempo verá seu investimento crescer ainda mais. E, melhor ainda, se você conseguir elevar seu esforço mensal de poupança para 5, 10, 20 vezes 10 reais, o seu resultado ao final aumentará na mesma proporção, conforme podemos conferir a seguir:

	R\$ 50 por mês	R\$ 100 por mês	R\$ 200 por mês
Em 10 anos	R\$ 8.552,59	R\$ 17.105,17	R\$ 34.210,35
Em 20 anos	R\$ 25.376,82	R\$ 50.753,64	R\$ 101.507,28
Em 30 anos	R\$ 58.472,63	R\$ 116.945,26	R\$ 233.890,52
Em 40 anos	R\$ 123.577,10	R\$ 247.154,20	R\$ 494.308,40
Em 50 anos	R\$ 251.647,45	R\$ 503.294,89	R\$ 1.006.589,79

\* À taxa de juros de 7% ao ano (0,57% ao mês)

Viver dentro do orçamento, portanto, não é uma prática com efeitos restritos ao presente, posto que produz reflexos na nossa capacidade de poupar e investir. Isso afeta diretamente o nosso bem-estar financeiro a longo prazo.

Lembre-se: “A riqueza que se ganha depressa diminui depressa, mas a que se junta aos poucos, torna-se grande” (Pv 13:11, VFL).



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referência

<sup>1</sup> No original em inglês: *It's better to tell your money where to go than to ask where it went.*



10 •

## AJUSTANDO O PADRÃO DE VIDA

**C**abe lembrar o seguinte: simplesmente esperar que o dinheiro sobre não é a postura correta. Conforme já vimos, melhor é poupar primeiro, dizendo para o dinheiro aonde ele deve ir, e então ajustar o gasto (padrão de vida) ao que sobra depois de poupar.

### **O exemplo de Jussara**

Jussara tem 30 anos de idade e dois filhos: Jonathan, de 13 anos, e Jéssica, de 10. Moradores de um bairro de periferia de uma grande metrópole, essa família exemplifica a realidade de muitos lares em que a mãe solteira se desdobra para dar uma condição digna aos filhos.

Em sua rotina semanal, as crianças passam boa parte do tempo na escola. Ali recebem o lanche da manhã, o almoço e o lanche da tarde. Retornando para casa ao fim do dia, fazem as tarefas e esperam a mãe chegar do trabalho. Nos fins de semana, as atividades da família giram em torno da programação da igreja. Jussara é diaconisa e os filhos são desbravadores.

Atualmente ela trabalha como diarista, servindo famílias que moram em bairros nobres da cidade. Ela se desloca da sua casa até o trabalho utilizando transporte público. Leva cerca de uma hora e meia para ir e o mesmo tempo para voltar. Jussara recebe cerca de 130 reais por diária, mais a condução – o que resulta num ganho total que costuma variar de R\$ 2.080 a R\$ 2.600 por mês, a depender de quantos dias por semana ela consegue trabalhar. Desse valor, Jussara arca com as seguintes despesas mensais:

- Aluguel: R\$ 800
- Feira: R\$ 180
- Padaria: R\$ 150
- Supermercado: R\$ 450
- Água/energia/gás: R\$ 130
- Internet/Celular: R\$ 150
- Salão de beleza: R\$ 120
- Dentista: R\$ 75
- Banho pet: R\$ 100
- Compras parceladas: R\$ 300

Considerando esses números, o gasto mensal médio da Jussara soma R\$ 2.455. Esse é o custo do seu padrão de vida atual. Pergunto: esse padrão de vida cabe no orçamento dela?

Bem, voltemos às prioridades financeiras: Jussara buscou, trabalhou e recebeu. Agora, como uma fiel embaixadora do Reino, o que ela deveria fazer antes de desfrutar? Conforme aprendemos nos capítulos 3 e 4, antes ela deveria honrar, doar e poupar.

O ganho de Jussara não é fixo. Varia de mês a mês, de acordo com os dias trabalhados. Sendo assim, por precaução, ela deve basear seu orçamento em estimativas mais modestas de ganho mensal - no caso, R\$ 2.080 e não R\$ 2.600. As três subtrações em sequência - dízimo, oferta e doação - são percentuais, ou seja, proporcionais às bênçãos recebidas (Dt 16:17). Desse modo, quando entrar mais, Jussara irá dizimar, ofertar e doar mais; quando entrar menos, ela irá dizimar, ofertar e doar menos, sempre seguindo a proporcionalidade.

Suponhamos que Jussara, além de consagrar a décima parte das suas entradas na forma de dízimo, resolva separar também 2% como oferta e 1% como doação para famílias carentes. Assim, trabalhando com o cenário da menor faixa de renda (R\$ 2.080), cabe subtrair 208 reais de dízimo, 42 reais de oferta e 21 reais de doação. Sobram para ela R\$ 1.809 (lembrando que Jussara não paga imposto de renda, por estar dentro da faixa de isenção).

Pergunto: o padrão de vida de Jussara poderia ser configurado a partir desse valor, R\$ 1.809? A resposta é não, a menos que ela decida poupar zero - o que não é uma escolha sensata.

Quanto ela deveria poupar?

Falaremos sobre esse assunto num capítulo à frente. Por agora, considerando que a Jussara tem um gasto elevado em relação à sua renda, o ideal seria começar com um alvo baixo de poupança e ir aumentando ao longo do tempo, na medida em que ela consiga readequar seu padrão de vida.

Vamos supor que esse alvo comece com 3%, ou seja, R\$ 62. Sobram então R\$ 1.747 para Jussara passar o mês com seus filhos. O problema é que ela já gasta além disso. Mesmo baseada na sua maior faixa de renda média, ela não conseguiria sair do negativo. Veja:

<b>Entrada Bruta</b>	<b>R\$ 2.080</b>	<b>R\$ 2.600</b>
Dízimo (10%)	R\$ 208	R\$ 260
Oferta (2%)	R\$ 42	R\$ 52
Doação (1%)	R\$ 21	R\$ 26
Poupança (3%)	R\$ 62	R\$ 78
<b>Entrada Líquida</b>	<b>R\$ 1.747</b>	<b>R\$ 2.184</b>
Gasto médio mensal	R\$ 2.455	R\$ 2.455
<b>Saldo</b>	<b>- R\$ 708</b>	<b>- R\$ 271</b>

Vamos abrir um parêntese aqui: supondo que Jussara consiga sempre R\$ 2.600 de renda bruta mensal e considerando apenas o seu gasto médio (R\$ 2.455), poderíamos dizer que ela vive dentro de um padrão de vida adequado, já que ainda sobrariam R\$ 145 para ela poupar? Bem, se ela for somente uma cidadã desta Terra, sim. Afinal, um genuíno cidadão da Terra, cujo coração está voltado somente para as coisas materiais e terrenas, não se preocupa em doar, nem em ofertar, muito menos em dizimar.

Se Jussara for uma embaixadora do Reino, como eu e você pretendemos ser, cidadãos da pátria celestial que estão aqui só de passagem, ela irá primeiramente honrar a Deus. Nosso padrão de vida não deve ser moldado a partir da renda bruta, mas sim do que sobra depois de satisfeitas todas as prioridades financeiras que a Bíblia, a Palavra de Deus, diz para seguirmos.

Como então resolver o problema de Jussara, posto que o seu custo de vida está acima do ideal?

Observe que apenas reduzindo ou cortando gastos não essenciais, como banho pet e salão de beleza, ela já conseguiria economizar até 220 reais por mês. Depois, buscando um plano de internet mais barato (ou mesmo cortando esse serviço por um tempo, já que ela e os filhos passam tão pouco tempo

em casa), poderia alcançar uma economia de até 90 reais. Somente nessas duas estratégias, seriam 310 reais de redução no seu custo de vida mensal – o que já seria suficiente para equilibrar as suas finanças no cenário em que ganha R\$ 2.600 por mês. No cenário em que o ganho médio é R\$ 2.080 por mês, Jussara precisaria fazer um sacrifício ainda maior – pelo menos enquanto as suas compras parceladas não estivessem plenamente quitadas.

Algumas alternativas seriam adiar o tratamento dentário para um momento futuro, até que pudesse juntar o suficiente para pagá-lo à vista. Também cuidar para que ela e os filhos tomassem banhos mais curtos, reduzindo assim o consumo de água e energia. Por fim, revisar a lista do supermercado, eliminando todo tipo de compra supérflua. Suponhamos que essas estratégias surtam para ela uma economia extra de 150 reais. Esse valor somado com 310 reais, dos gastos menos essenciais, reduziria o custo do seu padrão de vida para R\$ 1.995. Isso, porém, ainda não seria o suficiente. Faltariam 248 reais para fechar a conta. A principal despesa que, caso não existisse, aliviaria muito o peso das costas de Jussara é aquela que se refere às compras parceladas. Até quitá-las, porém, Jussara precisará buscar meios de ganhar mais.

Sim, ganhar mais pode (e, neste caso, deve) ser uma estratégia de equilíbrio das finanças. Mas sempre depois de esgotadas as possibilidades de reduzir gastos.

Apenas duas diárias a mais por mês (alvo factível para ela), seriam suficientes para que Jussara atingisse o ponto de equilíbrio entre suas receitas, prioridades e gastos. Veja:

<b>Entrada Bruta</b>	<b>R\$ 2.340</b>
Dízimo (10%)	R\$ 234
Oferta (2%)	R\$ 47
Doação (1%)	R\$ 23
Poupança (3%)	R\$ 70
<b>Entrada Líquida</b>	<b>R\$ 1.966</b>
Gasto médio mensal	R\$ 1.955
<b>Saldo</b>	<b>R\$ 11</b>

### **Agora faça você**

Agora que ajudamos Jussara a resolver suas finanças sem prejuízo das prioridades financeiras ditadas pela Bíblia, convido você a fazer o mesmo

exercício em seu orçamento pessoal e familiar. O passo a passo a seguir pode servir de guia.

1. Estime sua receita bruta média (seja conservador).
2. Subtraia (a partir de percentuais) o valor de cada prioridade financeira (dízi-  
mo, oferta, doação e poupança) e, então, calcule o valor da sua receita líquida.
3. Calcule o custo médio mensal do seu padrão de vida.
4. Classifique cada gasto pertinente ao seu padrão de vida em alguma  
das seguintes categorias: essencial, supérfluo, adiável e dívidas.
5. Caso seu padrão de vida atual não caiba no montante de receita  
líquida disponível, reduza primeiramente os gastos classificados como  
supérfluos e, depois, os gastos que podem ser adiados e, então, calcule  
o custo do que seria um padrão de vida mais enxuto.
6. Se mesmo esse padrão de vida mais enxuto não couber no que sua  
receita líquida é capaz de custear, adote estratégias adicionais para  
equilibrar seu orçamento, tais como: reduzir gastos essenciais, renego-  
ciar parcelamentos e dívidas e obter uma renda extra.
7. Se isso ainda não for suficiente, diminua provisoriamente os percentuais  
destinados para doações e poupança.
8. Por fim, se depois de tudo isso o custo do padrão de vida resultante conti-  
nuar acima do que suas receitas líquidas são capazes de bancar, considere  
fortemente adotar estratégias mais duras, tais como mudar-se para uma  
opção de moradia mais econômica ou vender algum bem de valor a fim  
de quitar dívidas (falaremos mais sobre isso num capítulo adiante).

Lembre-se: *finanças equilibradas não têm que ver com quanto ganha-  
mos, mas com quanto gastamos.* “O homem sensato tem o suficiente para  
viver na riqueza e na fatura, mas o insensato não, porque gasta tudo o que  
ganha” (Pv 21:20, NTLH).



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais  
conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



11 •

## RESERVAS E PROTEÇÕES

O noivo atrasou. E não foi pouco. A demora fez com que as dez virgens caíssem no sono. Até que, de súbito, à meia-noite, alguém gritou: “Aí vem o noivo!” Todas despertaram, umas para seguir o cortejo; outras para comprar óleo, já que não tinham nenhum de reserva. Você conhece o final dessa história (Mt 25:1-13).

Vamos agora imaginar o dia seguinte: essas cinco moças, a quem Jesus chamou de insensatas (v. 2, NVI), voltaram para o vilarejo onde moravam. Ali se depararam com alguns dos que sabiam que elas tinham sido convidadas para um banquete nupcial. Todos ficaram surpresos com o fato de elas terem voltado para casa tão depressa, afinal as festas de casamento naquele tempo duravam dias. Então elas se justificaram dizendo que o noivo havia atrasado. Um curioso, porém, reparou que o grupo estava incompleto e lançou a pergunta constrangedora: “Se é assim, onde estão as outras cinco que foram com vocês?”

O noivo havia atrasado, isso era verdade. No fim das contas, de quem foi a culpa por elas terem voltado mais cedo para casa? Bem, se a culpa fosse do noivo, todas as dez teriam perdido a festa. Porém, cinco entraram e cinco ficaram de fora. Isso deixa claro que não foi o atraso do noivo o que distinguiu um grupo do outro.

Permita-me transportar essa lição para o campo financeiro: de fato, nem sempre os eventos transcorrem como imaginamos ou planejamos. Imprevistos acontecem. O que interfere na nossa tranquilidade financeira não são necessariamente os imprevistos, e sim nossa maneira de nos preparar (ou não) para eles. As cinco virgens que puderam participar do banquete foram justamente aquelas que levaram consigo o óleo reserva. O que distinguiu um grupo do outro, portanto, foi a precaução que umas tiveram e outras não.

Ao construir nosso orçamento, precisamos ter claro que os dias, meses e anos em sequência não serão estritamente do jeito que calculamos que seriam. Por isso precisamos trabalhar com uma margem de erro, uma folga suficiente para acomodar algumas dezenas de reais a mais ou a menos sem bagunçar nossas finanças. É como se, na parábola, estivéssemos falando de alguns poucos minutos de atraso do noivo. Mas quando esse atraso se torna um punhado de horas – digo, por analogia, algumas centenas de reais –, não há folga no orçamento que aguente. Precisamos ter uma reserva de onde sacar.

Muito bem, já vimos que separar uma parte do orçamento para poupar deve ser prioridade. O que fazer com esse dinheiro poupado?

### **Constitua uma reserva para emergências**

Veja, antes de sair empregando nossas economias nos investimentos “X”, “Y” ou “Z”, a primeira coisa que devemos fazer, a mais básica de todas, consiste em compor uma reserva financeira, uma provisão que nos permita ter de onde sacar se, por qualquer motivo, as coisas saírem dos eixos e nosso orçamento ficar ameaçado. À essa provisão damos o nome de *reserva para emergências*.

E quais características essa reserva deve ter?

Bem, assim como aconteceu na parábola, também na vida financeira uma emergência dificilmente acontece em uma hora conveniente. Pode ser num fim de semana, à meia-noite ou longe de casa. Qualquer que seja a situação, a reserva para emergências deve ter *liquidez*, isto é, deve estar aplicada em algo que possamos ter à mão ou converter rapidamente em dinheiro, não importando o dia nem a hora. Jamais deve estar inacessível ou aplicada em algo cujo resgate exija dias de processamento antes de ser creditado em nossa conta.

Outro aspecto importante é que essa reserva deve ser constituída antes da emergência, não durante. É antes de o carro colidir que o corpo deve estar preso ao cinto de segurança. Embora isso seja óbvio, muitos parecem não se importar com o fato de que imprevistos podem acontecer com qualquer um e a qualquer momento. Não se antecipam, e somente quando a emergência se instala é que se dão conta de como estão completamente vulneráveis.

Não pode ser assim. Precisamos tratar a reserva para emergências como sendo uma proteção necessária, juntando aos poucos, mês a mês, numa aplicação segura, até termos o bastante para custear nossas despesas essenciais e honrarmos nossos compromissos por algum tempo caso as coisas saiam do normal.

Observe que as virgens prudentes tinham óleo o bastante para manter as suas lâmpadas acesas por algumas horas – não uns poucos minutos, nem vários dias. Isso nos ensina também que a reserva para emergências não deve ser escassa nem exagerada, mas *suficiente*.

### **Seja prudente, não avarento**

Em geral os profissionais de finanças aconselham compor uma reserva para emergências capaz de bancar seis meses de despesas. Alguns, mais cautelosos, falam em 12 meses. Independentemente do parâmetro escolhido, cabe aqui abrir um parêntese: devemos tomar cuidado para não transformarmos a reserva para emergências em um ídolo, apegando-nos a ela como se, de fato, fosse a nossa salvaguarda suprema.

Suponha, por exemplo, a situação em que uma comunidade fosse atingida por uma enchente e várias famílias perdessem seus pertences, incluindo a comida em suas despensas. Vamos supor também que você fosse afetado pela mesma calamidade, mas, ao contrário da maioria, você tem uma reserva suficiente para se reerguer e manter as despesas da casa por alguns meses. Por outro lado, vizinhos e pessoas próximas a você estão carecendo do básico. O que fazer? Seria o caso de agir como as cinco virgens prudentes que recusaram dividir seu óleo com as insensatas (Mt 25:9)? Não!

Lembremos que a parábola das dez virgens não fala de dinheiro. Estamos aqui fazendo apenas uma analogia. Dinheiro a gente pode dividir. Já o preparo espiritual (o verdadeiro enfoque da parábola) é exclusivo de cada um e não pode ser compartilhado.

A Palavra do Senhor nos ordena: “Não deixe de fazer o bem àqueles que precisarem, sempre que isso estiver ao seu alcance” (Pv 3:27, NVT).

Essa ordem, naturalmente, exige ponderação à luz de outros textos da Bíblia. Não podemos perder de vista, por exemplo, a advertência contida em 1 Timóteo 5:8: “Aqueles que não cuidam dos seus, especialmente dos de sua própria família, negaram a fé e são piores que os descrentes” (NVT). Logo, reter para si uma parte a fim de resguardar o sustento da família não pode ser interpretado como demonstração de egoísmo ou incredulidade. Da mesma forma, esforçar-se para viver uma vida tranquila, financeiramente equilibrada e sem depender dos outros é a realidade que se espera ver na vida de um cristão (1Ts 4:11-12).

Ser prudente, portanto, é diferente de ser avarento. “O prudente antevê o perigo e toma precauções” (Pv 22:3, NVT). O avarento, por sua vez, rompe

a fronteira da precaução e finca sua bandeira no terreno da idolatria (Cl 3:5). “Prestem atenção!”, Jesus nos diz, “tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem” (Lc 12:15).

Fechado esse parêntese, precisamos humildemente admitir que nem sempre o suficiente é o bastante. Existem imprevistos cujo impacto vai muito além do que uma reserva para emergências seria capaz de suportar. Refiro-me especialmente aos incidentes de maior gravidade, com grande potencial de prejudicar significativamente ou até levar à perda total de um patrimônio.

Lembremos que um patrimônio – por exemplo, uma casa própria, um automóvel ou um equipamento de trabalho – é resultado de vários anos de economias. Deixar de proteger esses bens é se colocar sob o risco de perder o dinheiro empregado neles. Por isso é importante tomar precauções a fim de reduzir as chances de tais prejuízos acontecerem.

Existem duas formas de precaução: a *preventiva*, que evita o problema; e a *remediativa*, que resolve o problema. Exemplo de precaução preventiva: cuidar para que a manutenção do carro esteja em dia. Exemplo de precaução remediativa: contratar um seguro para esse carro. Incêndio, colisão, furto e roubo são espécies de incidentes raros. Porém, na hipótese de ocorrerem, sob a cobertura do seguro o prejuízo sofrido será mitigado em vista da indenização paga pela seguradora. É salutar, portanto, adotar as duas formas, preventiva e remediativa, sempre respeitando um conjunto adequado de coberturas e dentro de um fluxo financeiro que caiba no orçamento.

Enfim, para encerrar este capítulo, não posso deixar de citar as palavras do Querido Mestre: “Portanto, não se preocupem com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34). Como embaixadores do Reino devemos, sim, ter uma reserva para emergências e nos cercar de proteções adequadas, porém jamais permitindo que essas precauções se transformem em inquietações. Acima de tudo, confiemos em Deus que, “segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, tudo aquilo de que vocês precisam” (Fp 4:19).



**Saiba mais**

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



12 •

## O PROBLEMA DAS DÍVIDAS

**A**s dívidas seguramente não são a vontade de Deus para Seus filhos.

Em Deuteronômio 28:1-14 lemos que o Senhor tem um plano elevado para os Seus fiéis, aqueles que O escutam atentamente e têm o cuidado de guardar todos os Seus mandamentos. Esse plano consiste em abençoá-los e torná-los bem-sucedidos em vários aspectos, inclusive a ponto de poderem emprestar a muitas pessoas em vez de precisarem tomar emprestado (v. 12).

Transportando essa verdade para o campo financeiro, podemos dizer que, no elevado propósito divino, cada embaixador do Reino deveria pertencer somente ao grupo dos superavitários (aqueles que têm dinheiro sobrando a ponto de poder emprestar), não dos deficitários (aqueles que precisam tomar emprestado porque lhes falta dinheiro).

Infelizmente, não é bem assim que acontece hoje em dia. As dívidas fazem parte da realidade de muitos cristãos e a igreja como um todo vem sendo prejudicada por isso. Vários dos seus membros estão atormentados pelos cuidados do mundo, os quais sufocam a Palavra, tornando-a infrutífera (Mt 13:22).

Podemos assim concluir que as dívidas não estão nos planos de Deus, mas estão nos planos do diabo. Na Bíblia lemos que “quem toma emprestado é escravo de quem empresta” (Pv 22:7, NVI). Quanto mais endividada uma pessoa estiver, menos liberdade ela terá. O dinheiro, que deveria ser somente um servo que trabalha a fim de multiplicar o patrimônio que o Senhor nos confiou, converte-se agora num imperador tirano a exigir tudo o que temos. Tempo, saúde, talentos e recursos que poderiam ser úteis à causa de Deus acabam sendo consumidos para pagar juros crescentes e dívidas intermináveis.

Por tudo isso, deveríamos detestar toda espécie de dívida, dada a limitação que ela produz. Contrair uma dívida jamais deveria fazer parte dos nossos planos; ou, se ela for inevitável, deveríamos nos empenhar para nos livrar dela o quanto antes.

### **Razões pelas quais as dívidas acontecem**

Infelizmente existem pessoas que acreditam que a dívida seja o único caminho para adquirir bens e formar patrimônio. Isso acontece por diversos fatores, sendo os principais a falta de planejamento, o imediatismo e a autossabotagem.

*Falta de planejamento* consiste em delegar para outro a condução das finanças. Entenda uma coisa: se o credor tiver que decidir por você, ele não irá favorecer seus interesses, mas sim os dele. E quais são os interesses dele? Que você tome dinheiro emprestado, afinal é assim que ele ganha dinheiro. Se você quiser, de fato, gerir suas finanças com o propósito de colocar dinheiro no seu bolso em vez do bolso dos outros, então planeje suas compras e aquisições a fim de poder pagar por elas à vista, sem a necessidade de financiamento.

*Imediatismo* tem que ver com não saber esperar. Por natureza, não gostamos de esperar. Queremos satisfazer nossas vontades imediatamente. Porém, em se tratando de vontades que custam dinheiro, quando não temos dinheiro para satisfazê-las, somos automaticamente tentados a tomar emprestado o dinheiro dos outros.

*Autossabotagem* é prejudicar a si mesmo. Pense um pouco sobre o que é pior para as finanças: pagar mais caro ou mais barato? Óbvio que é pior pagar mais caro! Mas parecemos não nos importar com isso quando decidimos comprar algo pelo qual não queremos esperar. Ignoramos o simples argumento de que a compra à vista é mais econômica que a compra financiada.

### **Financiar ou economizar?**

Por exemplo, suponhamos que Vinícius, aquele mesmo personagem do capítulo 4, queira comprar uma moto. Depois de avaliar várias opções, encontra uma oferta adequada à sua necessidade. Uma moto com baixa quilometragem e bem conservada, ao custo de R\$ 12 mil à vista ou a 10% de entrada, sendo o valor restante financiado em até 60 meses, a uma taxa de juros de 2% ao mês.

Se ele optar pelo pagamento à vista, seu desembolso total será R\$ 12 mil. Mas se ele optar pelo financiamento em 60 prestações, quanto terá pagado ao término desse tempo?

A tabela a seguir nos ajuda a responder a essa questão:

	À vista	em 60 meses
Ato	R\$ 12.000	R\$ 1.200
Saldo a Financiar	--	R\$ 10.800
Valor da Prestação	--	R\$ 310,70
<b>Custo Total</b>	<b>R\$ 12.000</b>	<b>R\$ 19.842</b>

Olhando a curto prazo, o que é mais fácil? Desembolsar R\$ 12.000 à vista ou desembolsar R\$ 1.200 de entrada mais uma parcela de R\$ 310,70? Perceba como a opção do parcelamento é sedutora, se olharmos apenas pela ótica do desembolso imediato. Mas precisamos olhar também pela ótica do custo total. O custo total de um parcelamento é muito superior ao custo total de um pagamento à vista, salvo raríssimas exceções.

No exemplo que estamos avaliando, parcelar a compra da moto em 60 meses implica em pagar R\$ 7.842 a mais por ela. Ao fim de cinco anos de uso, muito provavelmente ela estará bastante depreciada e dificilmente poderá ser passada adiante sequer por esse valor.

Pergunto: se Vinícius, em vez de financiar, resolvesse economizar o suficiente para poder comprar a moto à vista, quanto tempo ele levaria para juntar o dinheiro?

De início sabemos que ele tem R\$ 1.200 para dar de entrada. Então ele pode, desde já, depositar esse valor em uma aplicação. Por se tratar de um sonho com horizonte curto (afinal, ele quer comprar a moto assim que conseguir juntar a quantia necessária), vamos trabalhar com uma aplicação conservadora, que remunere, suponhamos, 0,50% ao mês, já subtraídos os impostos e as taxas correspondentes. Consideremos ainda que o valor que ele poderia depositar nessa aplicação seja o mesmo que estaria disposto a desembolsar para pagar as prestações, ou seja, R\$ 310,70. Resultado: nessas condições, Vinícius precisaria de 32 meses para alcançar seu objetivo, pouco menos de três anos.

Esperar quase três anos para realizar o sonho de comprar a moto lhe parece muito? Mas o que dizer sobre pagar quase R\$ 8 mil a mais por um bem que hoje vale R\$ 12 mil? O que dizer sobre trabalhar cinco anos para pagar uma dívida que poderia ter sido evitada com três anos de economias?

Conclusão: pagar à vista custa menos dinheiro e menos tempo que pagar financiado.

É claro que os valores aqui utilizados a título de exemplo podem mudar. Pode ser que na época em que você esteja lendo este livro, uma aplicação conservadora esteja remunerando bem menos do que 0,50% ao mês. Se isso for verdade, é bem provável que uma taxa de financiamento esteja também mais baixa, tornando ainda mais atraente a ideia de se endividar para dar lugar ao desejo de consumo imediato. Porém, tenha cuidado! Não se iluda! Quem toma emprestado é escravo. Não se coloque nessa condição limitante por escolha própria. Evite a autossabotagem.

E se Vinícius fizer o sacrifício de assumir uma parcela maior, financiando a moto em menos vezes? Afinal, ele “precisa” da moto para se locomover – coloquei entre aspas porque esse é um argumento muito presente na maioria das vezes em que as pessoas querem justificar a necessidade de contrair dívidas. Nessa hora devemos nos fazer a seguinte pergunta: será que o produto que eu quero comprar é de fato tão indispensável assim? Será que o benefício de possuí-lo compensa o custo da dívida que virá com ele?

Feita essa reflexão, voltemos ao caso de Vinícius. Ele tem à sua disposição as seguintes opções de parcelamento:

	12 meses	24 meses	36 meses	48 meses
Ato	R\$ 1.200	R\$ 1.200	R\$ 1.200	R\$ 1.200
Saldo a Financiar	R\$ 10.800	R\$ 10.800	R\$ 10.800	R\$ 10.800
Valor da Prestação	R\$ 1.021	R\$ 571	R\$ 424	R\$ 352
<b>Custo Total</b>	<b>R\$ 13.455</b>	<b>R\$ 14.904</b>	<b>R\$ 16.454</b>	<b>R\$ 18.101</b>

Perceba que o alongamento do prazo do financiamento faz cair o valor da parcela mensal, mas, em contrapartida, aumenta o custo total da moto ao final. Faz sentido, pois quanto mais tempo Vinícius levar para pagar, mais tempo a loja terá de aguardar para receber. Embora a taxa siga inalterada (2% ao mês), o tempo que esse capital demora para ser totalmente devolvido é também tempo em que os juros do financiamento ficam “rendendo” contra quem deve e a favor de quem empresta.

Aprenda isto: sempre que você sai de uma loja levando consigo um produto pelo qual ainda não pagou, significa que alguém bancou aquela compra para você, e ele não fará isso de graça. Em algum momento, não importa se dentro de poucos meses ou em prestações a perder de vista, você terá que

devolver o dinheiro, corrigido e com juros. Quanto mais alongado for o prazo, mais os juros pesarão no valor total que você pagará ao final.

Dito isso, vamos supor que ainda assim Vinícius queira sair da loja já montado em sua moto. Qual alternativa de financiamento seria mais indicada para ele?

Bem, se você voltar ao capítulo 4, verá que Vinícius, depois de dizimar, ofertar e doar, tem à disposição R\$ 2.371. Desse valor, ele separa 700 reais para poupar e R\$ 1.000 para contribuir com as despesas da casa onde mora com os pais. Sobram então 671 reais para ele arcar com suas despesas particulares ao longo do mês.

Ao olhar para as alternativas de financiamento, Vinícius poderia ser tentado a optar pelo pagamento em 24 vezes (571 reais). Importa alertar que, neste caso, sobrariam apenas 100 reais para suas despesas pessoais – incluindo o combustível para abastecer a moto. Seriam, assim, dois anos vivendo com um orçamento bastante apertado e várias renúncias (não sair com os amigos, não viajar, não comprar roupas novas nem presentes). A menos que ele resolva compensar o aumento da sua despesa à custa de economizar menos do que 700 reais por mês, prejudicando diretamente seu “eu do futuro” (conforme aprendemos no capítulo 5).

A propósito, se Vinícius desejar a moto à custa de desfazer por completo o seu alvo de poupar, ele até poderia pagá-la em 12 parcelas, sobrando ainda 350 reais para usar como bem entendesse. Seu orçamento ficaria assim:

<b>Salário Disponível</b>	<b>R\$ 2.371</b>
Poupança / investimento	R\$ 0
Ajuda com as despesas da casa	R\$ 1.000
Parcelamento da moto	R\$ 1.021
<b>Saldo para usar livremente</b>	<b>R\$ 350</b>

Pergunto: valeria a pena? Se estivesse realmente disposto a fazer tamanho sacrifício para comprar a moto, mas em vez de financiar, Vinícius resolvesse economizar R\$ 1.021 por mês. Em 11 meses ele já teria a quantia necessária para o pagamento à vista, levando em conta que já tem R\$ 1.200 guardados. Pode ser que no decorrer desse tempo ele encontre uma oferta ainda melhor e possa fazer uma boa negociação, já que terá dinheiro para isso.

Aliás, essa é mais uma vantagem de quem se esforça para economizar a fim de poder pagar à vista: ser capaz de negociar a compra de acordo com seus interesses. Quem tem o dinheiro na mão desfruta da possibilidade de barganhar um bom desconto ou vantagem para si, ao contrário daquele que, por não ter o dinheiro, vê-se forçado a aceitar a condição que vier.

Por último, lanço a pergunta: entre optar por juntar o dinheiro para comprar à vista ou financiar, que diferença faz se o Vinícius no meio do caminho perder o emprego?

“Neste caso ele poderá vender a moto para quitar a dívida”, alguém pode sugerir. Sim, é verdade. Pode ser também que a própria moto tenha sido dada em garantia e Vinícius se veja forçado a devolvê-la. Em ambos os cenários, ele ficará sem moto e sem dinheiro.

Entenda, por favor, que a dívida não é uma opção vantajosa. “Quem toma emprestado é escravo de quem empresta.” Repita esse provérbio sempre que cogitar se endividar.

E quando vier aquela tentação de comprar sem planejamento, siga o conselho do Mestre Jesus: primeiro, sente-se para ponderar e avaliar o custo (Lc 14:28). Pergunte-se:

- Preciso realmente disso?
- É necessário agora ou posso esperar?
- Quanto terei de poupar para poder comprar à vista?
- Já pesquisei e negocieei o suficiente? Tenho a melhor oferta?
- Para usar esse produto será preciso acrescentar outros custos ao meu orçamento? Quais são e quanto irão afetar o equilíbrio das minhas finanças?

Por último, mas não menos importante:

- Ao adquirir esse bem, estarei fazendo um bom uso do dinheiro que o Senhor me confiou?



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



13 •

## COMO SE LIBERTAR DAS DÍVIDAS

**D**e acordo com uma pesquisa recentemente divulgada, 78 em cada 100 famílias brasileiras estão endividadadas, comprometendo, em média, cerca de 30% da sua renda familiar com o pagamento de dívidas.<sup>1</sup> Isso significa que se uma família endividadada ganha, por exemplo, pouco mais de três salários mínimos por mês, ao final terá de se virar para viver com dois, já que um será inteiramente destinado ao pagamento de dívidas.

Poderíamos assim concluir que sair das dívidas seria um assunto de interesse de muitas pessoas. Mas a pesquisa aponta ainda que, mesmo entre as famílias que ganham até três salários mínimos, apenas 22% se consideram muito endividadadas. As demais se consideram mais ou menos (28%) ou pouco endividadadas (28%), dando a entender que a dívida se converteu num mal aceitável, especialmente junto à população de baixa renda, que parece não ver outro meio de ser capaz de adquirir bens, a não ser contraindo dívidas. É como se a dívida já houvesse sido incorporada ao estilo de vida do brasileiro.

De acordo com um relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento, um padrão semelhante a esse pode ser observado também nos países latino-americanos em geral.<sup>2</sup> A diferença é que, em contextos de mercados financeiros menos desenvolvidos, onde há maior dificuldade de acesso ao crédito formal, as pessoas emprestam diretamente de parentes e comerciantes, comprando fiado itens de necessidade básica, como alimentos e medicamentos.<sup>3</sup>

Fato é que, mesmo em países ricos como os Estados Unidos, o grau de endividamento da população é bastante elevado.<sup>4</sup>

Por sua vez, a Bíblia diz que “quem toma emprestado é escravo de quem empresta” (Pv 22:7, NVI). Como embaixadores do Reino, independentemente de qual seja nossa faixa de renda, não deveríamos achar normal a ideia de conviver com dívidas.

Se já as temos, como sair delas?

### **Primeiro, levar o assunto ao Senhor**

As dívidas, em geral, são o resultado de más escolhas que fazemos. Seja por desobediência a uma orientação divina, ou por pressa de possuir algo que não poderíamos pagar à vista, ou pela teimosia de entrar num negócio ruim, uma canoa furada, ou mesmo pela insensatez de querer passar por rico, sem de fato ser. Em quaisquer desses casos devemos antes reconhecer nossa culpa e pedir perdão ao Pai.

Humildes, devemos também pedir Sua ajuda. Afinal, nenhuma estratégia nossa, por melhor que seja, poderá prosperar, a menos que esteja sob a bênção do Onipotente. Nunca nos esqueçamos de que “é da natureza humana fazer planos, mas é o Senhor quem dirige nossos passos” (Pv 16:9, NVT; ver também Tg 4:13-16).

### **Segundo, agir na origem do problema**

Querer sair das dívidas sem antes parar de cometer os erros que nos levaram a elas seria como querer combater uma goteira no telhado apenas secando o chão em vez de subir e tapar o buraco. A muito custo pode ser que o piso fique seco por um tempo, até que venha a próxima gota.

Desorganização, falta de planejamento, imediatismo, imprudência, negligência e descontrole são exemplos de comportamentos que fatalmente nos empurram para as dívidas. Por isso devemos atacar não apenas as dívidas, mas também esses maus comportamentos que deram origem a elas. Do contrário, ficaremos apenas “secando o chão”, ou seja, sairemos de uma dívida para logo entrar em outra.

### **Terceiro, conhecer a situação de cada uma das dívidas**

Não há como traçar um plano eficiente para sair das dívidas sem antes entendermos nossa real situação financeira. E nesse quesito importa sermos detalhistas. A tabela a seguir pode servir de guia para isso.

	Dívida A	Dívida B	...
Quem é o credor?			
Quanto foi o total tomado emprestado?			
Quanto é o valor de cada parcela?			
Quantas parcelas já foram pagas?			
Quantas parcelas restam a pagar?			
A dívida está em dia ou em atraso?			
Qual é a taxa de juros desse empréstimo?			
Qual é a garantia vinculada a essa dívida?			

### Quarto, levantar o saldo devedor de cada débito

Basicamente, o saldo devedor é o montante necessário para quitar uma dívida. Num parcelamento, por exemplo, o saldo devedor corresponde à soma que seria paga, com desconto, se todas as parcelas a vencer fossem antecipadas.

Vejamos o exemplo de Karina. Ela comprou geladeira (R\$ 2.300), fogão (R\$ 1.500) e máquina de lavar (R\$ 1.200), tudo via crediário, assumindo o compromisso de pagar um carnê com 36 boletos no valor de 196,16 reais cada.

Apesar de sair da loja pensando ter feito um investimento, o que ela fez foi, na verdade, uma dívida. Fato é que os eletrodomésticos que levou para casa lhe custarão R\$ 7.062, mais de R\$ 2 mil além do que teria desembolsado se comprasse à vista. Para ela, que ganha um salário mínimo, essa diferença representa quase dois meses inteiros de trabalho só para pagar juros. Talvez, se ela fizesse essa conta, não usaria a dívida como recurso para realizar seus sonhos. Porém, como os juros de uma dívida raramente são cobrados de uma única vez – mas em “suaves” prestações –, Karina parece não se incomodar com o peso deles.

Certo dia, tendo já pago 12 parcelas do seu carnê (ao todo, R\$ 2.354), Karina se deu conta de que, para antecipar todas as prestações a vencer e quitar por completo o crediário, teria de desembolsar ainda R\$ 3.710. Esse é seu saldo devedor.

Repare que, apesar de haver pagado 1/3 das parcelas do financiamento, Karina se livrou de pouco mais de 1/5 da dívida. A que se deve essa desproporção? Aos juros que estão embutidos dentro do valor de cada parcela, principalmente nas iniciais. De fato, dos R\$ 2.354 que ela pagou ao longo de 12 meses, R\$ 1.064 foram para pagar juros e R\$ 1.290 para abater a dívida.

Agora, se em vez de quitar o saldo devedor, desembolsando R\$ 3.710 de uma vez, Karina resolvesse seguir pagando cada uma das 24 parcelas restantes

em seu respectivo vencimento, sem antecipar nenhuma, o que aconteceria? Ela iria desembolsar mais R\$ 4.708 no total, além dos R\$ 2.354 que já pagou.

Desse exemplo podemos aprender uma lição muito importante: compensa antecipar parcelas a vencer. Se não for possível antecipar todas, antecipe o máximo que puder, sempre negociando com o credor um desconto pelo fato de você estar entregando para ele um dinheiro que ele não esperava receber agora. Isso tem valor.

### **Quinto, escolher qual dívida pagar primeiro**

É muito raro reunir condições de quitar todas as dívidas de uma vez. Sendo assim, depois de nos informarmos e analisarmos as condições de cada uma das dívidas que possuímos, cabe escolher aquelas que devem ser eliminadas primeiro. E, nesse sentido, precisamos adotar alguns critérios.

O principal deles tem que ver com o próprio custo da dívida. Dívidas caras, justamente aquelas que têm as taxas de juros mais elevadas, devem ser reduzidas e zeradas o mais rapidamente possível, pois juros elevados fazem com que a dívida cresça assustadoramente ao longo do tempo. Se nenhuma providência for tomada no sentido de eliminar esse tipo de dívida (ou ao menos substituí-la por outra, com taxa menor), fica aberto o caminho rumo ao superendividamento – estágio em que o tamanho do débito é imenso, a ponto de ser considerado impagável.

Cabe lembrar que o termo “dívida”, por definição, significa obrigação de pagar algo a alguém, não importa se esse pagamento está em dia ou em atraso. Logicamente, qualquer eventual dívida em atraso deve ser priorizada na lista de compromissos a pagar, já que seu custo tende a ser ainda maior (dada a incidência de multas e mora), além do fato de que penalidades extras podem ser aplicadas (como, por exemplo, nome negativado, corte no abastecimento e ação de despejo).

### **Sexto, nos empenhar para pagar as dívidas**

Compreendido o tamanho e a situação de cada uma das dívidas existentes, e uma vez que elas estejam classificadas por grau de prioridade, a etapa seguinte consiste em se voltar para o orçamento e ajustá-lo, cortando onde for preciso a fim de canalizar o máximo de dinheiro possível para o pagamento de dívidas. Paralelamente – e principalmente nas situações em que não é possível extrair grande coisa do orçamento – há de se buscar meios de ganhar mais dinheiro, seja vendendo algum bem de valor ou itens usados, ou ainda trabalhando horas adicionais a fim de obter uma renda extra. Enfim, tanto na redução de gastos como no aumento das receitas, há de se dedicar esforço.

Sobre esse ponto, Ellen G. White diz o seguinte:

Levante-se pela manhã, mesmo enquanto as estrelas ainda brilham, se necessário for. Planeje alguma coisa, e então a realize. Cumpra cada compromisso, a menos que esteja prostrado pela enfermidade. É preferível privar-se da comida e do sono do que ser culpado de reter de outros aquilo que lhes é devido.<sup>5</sup>

### **Sétimo, nos humilhar**

A viúva, antes de ser abençoada pelo milagre da multiplicação do azeite, precisou pedir muitas vasilhas emprestadas (2Re 4:1-7). Fico imaginando quão humilhante isso foi para ela. Mas, deixando o orgulho de lado, ela simplesmente fez o que devia fazer.

O devedor é escravo, diz a Bíblia. Mas muitos endividados querem passar por senhores da situação, dizendo, com ar de arrogância: “Devo, não nego, pago quando puder!” Outros, cínicos, simplesmente não pagam e esperam a dívida caducar, como se isso não fosse uma transgressão direta ao oitavo mandamento que diz: “Não furtar” (Êx 20:15).

Uma postura assim não convém a um embaixador do Reino. A ordem bíblica para nós é muito clara: “Não fiquem devendo nada a ninguém, exceto o amor de uns para com os outros. Pois quem ama o próximo cumpre a lei” (Rm 13:8).

Pagar o que devemos, portanto, não deve ser uma questão de conveniência, mas de urgência, pois é o amor ao próximo que está em jogo. E se a dívida que possuímos for maior que nossa capacidade de pagar, como era o caso daquela viúva, precisamos então pedir ajuda a fim de resolver a situação, ainda que isso seja humilhante para nós.

Tomar a iniciativa de procurar o credor (em lugar de ficar se escondendo dele); demonstrar nosso firme propósito de solucionar a questão; abrir para ele a situação das nossas finanças e conscientizá-lo de todo o esforço que temos feito a fim de liquidar o débito que temos com ele; solicitar, se possível, um abatimento ou um novo cronograma de pagamento da dívida, com parcelas que possamos de fato pagar sem dar lugar a novos atrasos. Eis o certo a fazer.

### **Oitavo, entender que pagar as dívidas é apenas o começo**

Voltemos ao exemplo da viúva: com a casa abarrotada de vasilhas cheias de azeite, ela agora volta ao profeta Eliseu, que lhe diz:

“Vá, venda o azeite e pague a sua dívida; e você e os seus filhos vivam do que sobrar” (2Rs 4:7).

Se Eliseu tivesse dito apenas “pague a sua dívida”, aquela mulher talvez pensasse em usar as sobras da forma como bem entendesse, quem sabe se dando o luxo de fazer alguma extravagância, especialmente depois de ter passado por um momento tão difícil em sua vida. Fato é que, por providência divina, num curtíssimo espaço de tempo ela saiu da completa miséria para a fartura. Seria natural desejar esbanjar um pouco.

Mas a continuação da orientação, “e você e os seus filhos vivam do que sobrar”, trouxe para ela a solene responsabilidade de administrar suas finanças com prudência e sabedoria.

Sair das dívidas não é o fim da trajetória, mas o princípio. O esforço, a disciplina e a dedicação que empenhamos para concretizar esse alvo não devem ser abandonados.

É claro que podemos – e devemos – celebrar a vitória sobre as dívidas. Porém, de maneira comedida, sem dar lugar à imprudência e à ganância. Afinal, o mais importante após nos livrarmos dessas obrigações é aproveitar o novo orçamento que temos, sem dívidas, e construir, a partir dele, uma trajetória de liberdade em lugar de escravidão.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

<sup>1</sup> CNC. 2023. *Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor*. <<https://static.poder360.com.br/2024/01/inadimplencia-peic-cnc-2023.pdf>>, acesso em 15 de julho de 2023.

<sup>2</sup> Andrew Powell e Oscar Mauricio Valencia (eds.). *Lidar com a Dívida: Menos Riscos Para Mais Crescimento na América Latina e Caribe* (Washington: Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2023), disponível em <<https://publications.iadb.org/en/publications/portuguese/viewer/Lidar-com-a-divida-menos-riscos-para-mais-crescimento-na-America-Latina-e-Caribe.pdf>>, acesso em 15 de julho de 2024.

<sup>3</sup> Nazarena Lomagno. “El 54% de los hogares está endeudado: ¿cómo impactarán los nuevos créditos subsidiados?”, *Ámbito Financiero*, 29 de agosto de 2023, disponível em <<https://www.ambito.com/economia/el-54-los-hogares-esta-endeudado-como-impactaran-los-nuevos-creditos-subsidiados-n5807398>>, acesso em 15 de julho de 2024.

<sup>4</sup> Fernando de Querol Cumbreira. “Personal debt in the U.S. – statistics & facts”. *Statista*, 25 de junho de 2024, disponível em <<https://www.statista.com/topics/1203/personal-debt/>>, acesso em 15 de julho de 2024.

<sup>5</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 173 [253].



14 •

## INDEPENDÊNCIA, LIBERDADE E TRANQUILIDADE

**N**o capítulo 3 vimos sobre a diferença entre “os cereais dos campos” e “os frutos das árvores” (Lv 27:30, NVT). Relembrando, os “cereais” representam a renda que está diretamente ligada ao nosso trabalho, ao passo que os “frutos” representam o lucro gerado pelos nossos investimentos.

### **Renda ativa e renda passiva**

Um campo, ainda que seja fértil e bem-irrigado, não produzirá cereais de forma ordenada, previsível e abundante, a menos que antes seja arado, preparado e cultivado, depois cuidado e protegido contra pragas e ervas daninhas. Esse cuidado deve ocorrer desde o plantio até a colheita. Há grande esforço envolvido na produção dos cereais dos campos. Por isso, não seria exagero compará-los ao que em finanças chamamos de *renda ativa*, aquela que depende diretamente do nosso trabalho.

Já os frutos das árvores são a contrapartida de quem investe no plantio de árvores frutíferas e aguarda com paciência até que elas cresçam, se desenvolvam e passem a produzir, jamais cedendo à tentação de cortá-las logo após as primeiras colheitas – afinal, se bem cuidadas e dentro de condições climáticas apropriadas, seguirão produzindo por muitos e muitos anos. Podemos assim dizer que os frutos das árvores se comparam ao que em finanças chamamos de *renda passiva*, aquela que não depende diretamente do nosso trabalho – a não ser no início, na fase de investimento.

Sim, para chegar ao ponto de usufruir de uma renda passiva é preciso primeiro dispor de meios para investir. E, a não ser que você receba uma herança ou alguém resolva presenteá-lo com uma pequena fortuna para começar sua vida de investimento, o caminho honesto e digno que se apresenta diante de todos nós é o mesmo: trabalhar e economizar.

Vemos isso claramente no exemplo da mulher virtuosa, que “examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha *com as rendas do seu trabalho*” (Pv 31:16, *itálico acrescentado*).

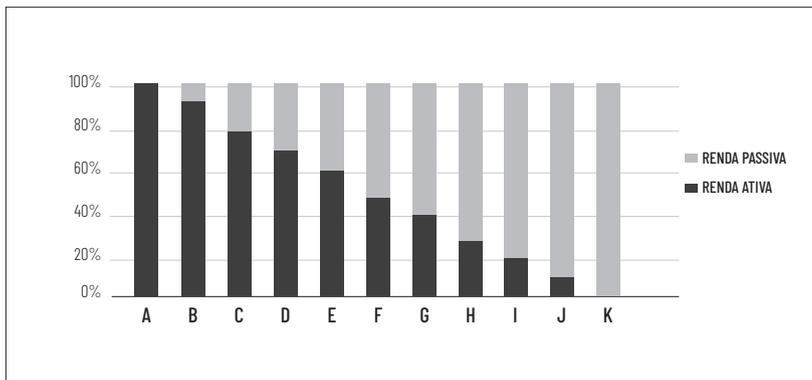
Espero com isso desfazer uma ilusão que cerceia muitas pessoas hoje em dia, especialmente entre os jovens: achar que é possível viver de renda sem antes viver trabalhando e economizando.

Aliás, outra ilusão muito presente tem que ver com o próprio conceito de viver de renda. Para clarificar esse ponto, troquemos “árvores frutíferas” por ações, cotas de fundos de investimento, títulos de crédito privado e títulos do tesouro nacional, por exemplo (você poderá conhecer mais sobre esses termos ao acessar o QRCode ao final do capítulo).

Suponha que você seja completamente inexperiente em saborear os frutos de quaisquer dessas “árvores”, ou nem saiba qual é o aspecto delas, mas, mesmo assim, queira formar seu próprio “pomar”. Ao estudar a respeito do assunto, você acaba se deparando com uma variedade enorme de espécies, ficando então em dúvida sobre quais exatamente deve escolher.

Sentindo que precisa de ajuda, você decide recorrer à orientação de um especialista. Esse profissional – que pode ser um assessor de investimentos ou um consultor de valores mobiliários, por exemplo –, dentre outras coisas, irá avaliar seu perfil de investimento, sua capacidade financeira e seus objetivos de curto, médio e longo prazos. Feito isso, então irá propor as espécies de “árvores frutíferas” que devem compor seu “pomar”. Traduzindo para a linguagem financeira, essas árvores são os *ativos*; e o pomar, a *carteira de investimentos* que você pretende montar. Lembrando que quanto mais ativos você juntar em seu patrimônio, maior será a fatia de renda passiva na composição das suas receitas.

Observe o gráfico a seguir. Perceba que ele não tem a ver com linha de tempo, mas com situação. Na coluna A, 100% da renda do indivíduo tem origem no seu trabalho, ao passo que na coluna K toda a receita é obtida de forma passiva, ou seja, por meio dos seus investimentos.



O grande alvo de muitos investidores é justamente sair da situação A para a situação K, conquistando assim a sonhada *independência financeira*, ou seja, a capacidade de viver de renda depois de haver formado uma carteira de investimentos robusta, capaz de produzir rendimentos suficientes para bancar suas contas. A partir daí, a renda ativa (aquela resultante do trabalho) se torna dispensável.

### Os desafios da independência financeira

Haveria algum problema em querer viver de renda? Nenhum, a princípio. Afinal, trata-se de um meio honesto, colhido depois de muitos anos de trabalho, economias e bons investimentos. Mas preciso alertá-lo para um fundamento importante desse modelo: a estabilidade.

Suponha que você tenha um “pomar”, ou seja, uma carteira de investimentos no valor de R\$ 300 mil, totalmente aplicada em árvores frutíferas, ou seja, em ativos que lhe pagam, em média, 10% ao ano em rendimentos, já líquidos de impostos e taxas. Logo, conquanto sua despesa não passe de R\$ 30 mil por ano (em média, R\$ 2.500 por mês), todas as suas contas serão plenamente supridas pelos frutos, digo, os rendimentos produzidos pela sua carteira.

Como você não reinveste esses rendimentos, mas os consome totalmente a fim de custear as próprias despesas, seu capital investido fica fixo em R\$ 300 mil. Até aí, tudo bem, desde que sua carteira continue a remunerá-lo em 10% e as suas despesas nunca ultrapassem R\$ 30 mil por ano. Perceba aqui a necessidade de que esses três parâmetros permaneçam estáveis, quais sejam: o valor do capital, a rentabilidade líquida e a despesa.

Valor dos ativos da carteira	R\$ 300.000
% rentabilidade líquida anual	10%
Rendimento anual	R\$ 30.000
Despesa anual	R\$ 30.000

Agora imagine o que aconteceria se algum evento inesperado causasse a desvalorização dos ativos que compõem sua carteira. Suponha, por exemplo, que sua carteira diminua 10% em valor de mercado, passando de R\$ 300 mil para R\$ 270 mil.

Diante dessa nova realidade, você se verá forçado a escolher entre duas alternativas:

- a) Buscar uma rentabilidade superior (no caso, próxima de 11,11%) a fim de produzir os mesmos R\$ 30 mil de rendimento anual;
- ou
- b) Reduzir sua despesa para R\$ 27 mil por ano (R\$ 2.250 por mês), confiando que sua rentabilidade líquida seguirá inalterada em 10% ao ano.

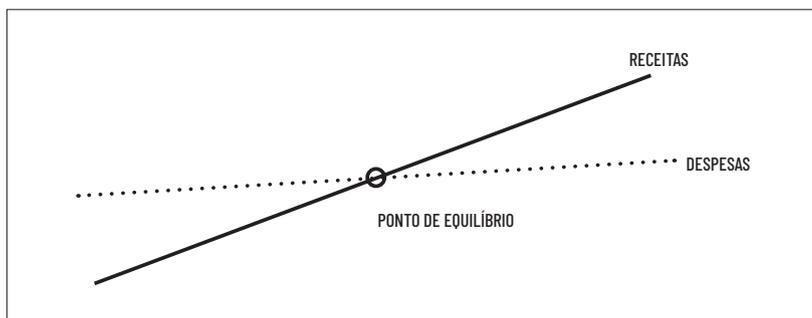
Cenário 1	Cenário 2
Capital R\$ 270.000	Capital R\$ 270.000
Rentabilidade 11,11%	Rentabilidade 10%
Rendimento R\$ 30.000	Rendimento R\$ 27.000

Vamos acrescentar mais um desafio ao problema: a inflação.

Com certeza você já escutou falar de inflação e sabe que, na prática, ela faz tudo ficar mais caro, reduzindo assim nosso poder de compra. No exemplo trazido aqui, uma inflação de 5% ao ano redundará num aumento de R\$ 1,5 mil nas despesas anuais dentro do Cenário 1, e R\$ 1,35 mil dentro do Cenário 2, ou seja, 125 a 112,5 reais de gasto adicional por mês, respectivamente.

Suponha ainda que o governo decida aumentar os impostos sobre os rendimentos de aplicações financeiras. Em função disso, a rentabilidade líquida da sua carteira, que antes girava em torno de 10% ao ano, cai para um patamar abaixo do seu ponto de equilíbrio.

O ponto de equilíbrio é aquele em que receitas e despesas se igualam. Desse ponto para cima o saldo fica positivo, pois as receitas são maiores que as despesas. Na via inversa, desse ponto para baixo o saldo fica negativo, pois as receitas são menores que as despesas.



Em se tratando de viver de renda, estar abaixo do ponto de equilíbrio provoca a necessidade de sacar recursos a fim de suprir o que falta. Em outras palavras, caso você não consiga reduzir a despesa nem aumentar a receita, será então forçado a resgatar uma parte do seu capital a fim de pagar suas contas, dificultando ainda mais o desafio de reequilibrar as finanças.

Voltemos à ilustração das árvores. Suponha que você e mais três pessoas são sustentadas com os frutos produzidos pelo seu pomar. Mas neste ano a produção ficou abaixo do esperado, sendo suficiente para alimentar apenas duas pessoas. O que fazer? Bem, é possível racionar as despesas até certo ponto, mas não dá para diminuir o tamanho da família. Você tem a alternativa de voltar ao trabalho (lembre-se de que até aqui, estava vivendo de renda), mas pode ser que não consiga emprego tão depressa. Então, como as contas não esperam, você decide vender para um vizinho algumas árvores, fazendo dinheiro à custa de diminuir o tamanho do seu pomar.

Se esse ciclo não for interrompido, seu pomar, ou seja, sua carteira de investimentos irá diminuindo e diminuindo, até enfim não sobrar nada.

Concluimos que a independência financeira é uma conquista que depende de muitos fatores para se sustentar. Mercados, governo, inflação. Citamos aqui apenas três de tantas outras variáveis que podem afetar o ponto de equilíbrio no orçamento de quem se propõe a viver de renda. E por mais que um investidor busque cercar de proteções a sua carteira, prevalece a máxima

bíblica de que “tanto as riquezas como os governos não duram para sempre” (Pv 27:24, NTLH) e não sabemos “que crise poderá acontecer no mundo” (Ec 11:2, NTLH). Em outras palavras, não existe estabilidade perene.

No mais, colocar a independência financeira como objetivo de vida pode ser uma porta de entrada para a tentação de confiar no dinheiro. Sejam realistas: viver de renda se baseia na acumulação de uma grande soma de capital. Diante da hipótese de haver uma diminuição substancial nesse capital, como garantir que nossa estrutura não fique abalada?

Vou além: se, do mesmo modo como fez com o jovem rico, Jesus lançasse diante de nós a proposta de nos desfazermos de todo o nosso patrimônio a fim de socorrer os pobres (Mc 10:21), será que atenderíamos caso dependêssemos desse patrimônio para tirar nosso sustento? Será que nossa disposição de confiar em Deus seria maior que a tentação de confiar no dinheiro?

Veja, a independência financeira é um alvo elevado, o que não significa que seja o melhor. Diante disso, há quem defenda que é a *liberdade financeira* o que se deve buscar.

### **A liberdade e a tranquilidade financeira**

Um pouco diferente do conceito de independência, a liberdade financeira tem mais que ver com equilíbrio nas finanças, contas pagas, renda suficiente para viver com conforto e zero privações. Quem já alcançou a liberdade financeira possui investimentos num montante satisfatório. Não o suficiente para parar de trabalhar em definitivo, mas o bastante para, por exemplo, dar uma pausa na carreira, reduzir o ritmo de trabalho a fim de passar mais tempo com os filhos, realizar um curso no exterior, fazer uma viagem mais demorada, voluntariar-se numa fronteira missionária, recomeçar a vida numa nova cidade ou empreender num novo negócio.

Liberdade financeira, portanto, tem a ver com liberdade de escolha. Isso é muito bom, desde que não se perca de vista a advertência que está escrita na carta de Tiago: “Vocês não sabem o que acontecerá amanhã. O que é a vida de vocês? Vocês não passam de neblina que aparece por um instante e logo se dissipa” (Tg 4:14).

Mais que independência ou liberdade, a Palavra de Deus nos recomenda buscar a tranquilidade: “Esforcem-se para ter uma vida *tranquila*, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, como nós os instruímos; a fim de que andem decentemente aos olhos dos que são de fora e não dependam de ninguém” (1Ts 4:11-12, NVI, *itálico acrescentado*).

A *tranquilidade financeira* vai muito além do plano material e tem que ver com abundância no sentido pleno da palavra, de uma vida regida pela “devoção acompanhada de contentamento” (1Tm 6:6, NVT). Não está fundamentada no dinheiro. Seu parâmetro é o temor do Senhor, “o princípio da sabedoria” (Pv 9:10). As prioridades que ela enaltece não são pautadas pelos objetivos de reter e acumular, mas de buscar o reino de Deus e a Sua justiça (Mt 6:33) e ser rico em boas obras (1Tm 6:18). Sua estabilidade não tem que ver com mercados, economias e políticas, mas com a certeza de que o Senhor, “segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, tudo aquilo de que vocês precisam” (Fp 4:19).

Lembre-se, como embaixadores do Reino somos aconselhados: “Não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2).



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



15 •

## INVESTIR PARA MULTIPLICAR

**P**odemos extrair várias lições da parábola dos talentos (Mt 25:14-30). Gostaria de destacar a seguinte: o Senhor nos confiou recursos, seja na forma de dons, força física ou bens materiais,<sup>1</sup> e Ele espera que multipliquemos esses recursos, quer comecemos com pouco ou com muito.

Falando especialmente de bens materiais, como fazer para multiplicá-los?

Ora, na própria parábola encontramos algumas respostas. “O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou mais cinco. Também o que tinha dois talentos ganhou mais dois” (Mt 25:16-17, NVI).

Repare que, além do resultado alcançado, uma característica marcava esses dois servos bem-sucedidos: ambos saíram imediatamente a aplicar os talentos recebidos.

*Sair* implica deixar a zona de conforto. Isso, por si só, não produz resultado algum. É preciso sair para trabalhar, afinal investir bem dá trabalho. Repare que o servo negligente também saiu, mas não com o intuito de trabalhar. O máximo esforço que fez foi abrir um buraco para enterrar o dinheiro do seu senhor (Mt 25:18).

*Imediatamente* significa não perder tempo, não adiar. Tanto o primeiro quanto o segundo servos agiram sem demora, tirando o máximo proveito do tempo que dispunham para multiplicar. A propósito, o fator tempo conta muito na multiplicação do dinheiro investido.

*Aplicar*, por fim, tem que ver com investir. O senhor da parábola esperava que seus mordomos empregassem o dinheiro dele, investindo-o em bons negócios ou, pelo menos, entregando-o aos banqueiros, de modo que enfim pudesse resgatá-lo com juros (Mt 25:27).

Perceba uma condição importante aqui: para multiplicar o talento (leia-se, o dinheiro) é preciso fazê-lo render. Dinheiro empregado rende; dinheiro enterrado, não.

### **Tipos de ativos**

No capítulo anterior aprendemos que quanto mais ativos juntarmos em nosso patrimônio, maior será a fatia de renda passiva na composição das nossas receitas. Para isso, porém, é preciso escolher ativos que de fato gerem renda.

Veja, assim como nem toda árvore é frutífera, nem todo ativo gera renda.

Por definição, ativos são *bens* e *direitos*. No conjunto de bens podem ser enquadrados os imóveis (casa, apartamento, lote, galpão ou terreno), assim como os veículos (carro, moto, caminhão e trator, por exemplo), além de plantações, gado, equipamentos de valor, metais preciosos e o próprio dinheiro guardado em casa. Já no conjunto de direitos estão, por exemplo, aplicações financeiras e participações em negócios empresariais.

Compreendido isso, podemos dizer que o dinheiro é um ativo? Sim. Sem sombra de dúvida! Não necessariamente do tipo que gera renda. Dependerá de onde ele está. Se for escondido debaixo do colchão ou esquecido na conta corrente, não irá gerar renda alguma. Para ser um ativo frutífero, que cresce e multiplica, tem de estar investido.

Que dizer da casa própria? Também é um ativo? Sim, mas do tipo que se usa. É como a árvore que não dá frutos, mas oferece uma boa sombra: embora seja desejável, não produz renda.

De igual modo, carro de passeio, casa na praia e rancho, por exemplo. São bens de uso, não servem à função de produzir renda (pelo contrário, mantê-los pode custar um bom dinheiro). Qual é o erro que muitas pessoas cometem? Empregam recursos na compra desses ativos, que servirão apenas para usufruir e não para enriquecer.

O rei Davi seguiu o caminho contrário. Uma vez que o Senhor o fazia prosperar, Davi estava pouco preocupado em empregar seu dinheiro na ampliação e decoração do seu palácio, ou na construção de uma casa de veraneio, por exemplo. Em vez disso, ele escolheu investir a fim de multiplicar a riqueza que o Senhor lhe permitiu adquirir. Tanto que, ao descrever o trabalho dos oficiais que administravam as propriedades de Davi, a Bíblia não menciona casas, carruagens nem cavalos, coisas que os ricos ostentavam naquela época. Pelo contrário, o destaque que se dá é para os vários

empreendimentos do rei, dentre os quais lavouras, vinhedos, plantações e rebanhos (1Cr 27:25-31), ativos que geram renda.

O conselho bíblico para nós é: “Cuide dos seus negócios lá fora, apronte a lavoura no campo e, depois, edifique a sua casa” (Pv 24:27, itálico acrescentado). Nesse texto podemos observar claramente que, antes de buscar possuir ativos de uso (como uma casa, por exemplo), precisamos nos dedicar àquilo que de fato nos fará ganhar dinheiro, justamente os “negócios lá fora” (investimentos) e a “lavoura no campo” (trabalho).

Repito: patrimônio de uso, por mais desejável que seja, é como árvore que faz sombra, mas não produz frutos. Ativos dessa espécie proporcionam conforto e status. Nenhum deles, porém, ajuda a pagar as contas.

Não há problema nenhum em ter casa, que fique claro. O problema é querer ter casa antes de ter renda. Ou, igualmente ruim, querer ter casa antes de ter preparado um ambiente de manutenção e multiplicação de riqueza.

### **Passos para multiplicar o patrimônio**

Enfim, como fazer para multiplicar?

*O primeiro passo é poupar.* Conforme já vimos, poupar significa separar uma parte que não será consumida nem gasta. Não teremos o que investir se antes não pouparmos. Assim, antes de nos preocuparmos em nos tornar bons investidores, precisamos nos preocupar em nos tornar bons poupadores, pessoas que vivem dentro do orçamento e que tratam o ato de poupar como prioridade.

*O segundo passo é estudar.* Benjamin Graham (1894-1976), conceituado investidor, professor e empreendedor norte-americano, dizia que “uma operação de investimento é aquela que, após *análise profunda*, promete a segurança do principal [o montante investido] e um retorno adequado. As operações que não atendem a essas condições são especulativas”<sup>2</sup>.

Perceba, na definição de Graham, a existência de uma ordem fundamental: antes de investir é preciso avaliar. Quem despreza essa ordem acaba tomando decisões precipitadas e, em geral, equivocadas. Como avaliar sem saber? Como dizer que algo é bom e viável sem antes conhecer o mínimo a respeito?

Concluimos que não basta somente ter disposição de analisar uma oportunidade de investimento. Precisamos antes nos capacitar para isso. Se investir basicamente consiste em fazer escolhas, não saber escolher aumenta grandemente a chance de escolher mal. Por isso devemos nos dedicar no

sentido de obter conhecimento. Somente assim conseguiremos fazer escolhas acertadas. Tempo e dinheiro destinados a essa finalidade seguramente trarão benefício duradouro, a não ser que os depositemos nas mãos de mestres presunçosos e interesseiros, que se deixam reger pelo amor ao dinheiro.

Estejamos alertas. “O inexperiente acredita em qualquer coisa, mas o homem prudente vê bem onde pisa” (Pv 14:15, NVI). Jamais deveríamos dar um passo no sentido de investir sem antes compreender claramente onde estamos pisando, ou seja, onde estamos empregando o dinheiro que, vale lembrar, não é nosso, mas do Senhor.

O *terceiro passo é diversificar*, ou seja, distribuir o dinheiro entre vários investimentos. Ainda que nos capacitemos para avaliar antes de investir, devemos sempre ter em mente que nosso julgamento é falho, posto que nosso coração é “enganoso [...] e desesperadamente corrupto” (Jr 17:9). E quanto ao futuro, sequer sabemos o que acontecerá amanhã (Pv 27:1). Assim, por mais que estejamos seguros quanto à qualidade de um investimento, jamais deveríamos confiar unicamente a ele todas as nossas economias. O conselho bíblico é: “Invista seus recursos em vários lugares, pois desconhece os riscos adiante” (Ec 11:2, NVT).

O investidor que segue a receita bíblica, portanto, não apenas avalia bem antes de investir, como também, dentro do possível, divide seu capital entre variados ativos, mantendo-se, porém, atento para não compor uma diversificação exagerada, a ponto de prejudicar a crucial tarefa de dar “cuidadosa atenção” à situação de cada ativo em particular (Pv 27:23, NVI).

O *quarto passo é esperar*. Em se tratando de investimentos, a multiplicação leva tempo. Por exemplo, a tabela a seguir apresenta quanto valeriam mil reais à taxa 0,50% ao mês:

Ao final de 10 anos	R\$ 1.819
Ao final de 20 anos	R\$ 3.310
Ao final de 30 anos	R\$ 6.023
Ao final de 40 anos	R\$ 10.957
Ao final de 50 anos	R\$ 19.936

Perceba como o dinheiro aplicado se multiplica ao longo do tempo. Em dez anos, neste exemplo, ele quase dobra. Em 30 anos, sextuplica. De R\$ 6 mil de saldo acumulado, R\$ 1 mil são capital e R\$ 5 mil são juros. Ou seja, para

cada 1 real investido no início, foram produzidos outros 5 reais de ganho num espaço de 30 anos.

Esse é o efeito dos *juros compostos*, ou seja, os juros sobre juros. Quando você investe uma quantia e não resgata os rendimentos, a remuneração do mês seguinte irá somar com o saldo do mês anterior e assim sucessivamente, sempre aumentando a base sobre a qual incidirão novos juros.

Espero com isso convencer você a agir *imediatamente*, como fizeram os servos eficientes da parábola, pois cada dia que passa sem investir é um precioso tempo perdido.

Cabe dizer que o exemplo acima é apenas para fins didáticos. Longe de mim sugerir que você se satisfaça em aplicar R\$ 1 mil e nada mais depois disso.

Aliás, suponha que você não tenha R\$ 1 mil para aplicar de início, mas possa fazer um esforço de destinar 100 reais todos os meses para esse mesmo investimento que rende 0,50% ao mês. Que efeito o tempo produziria nessas condições? A tabela a seguir nos responde essa pergunta e nos ajuda a ver também quanto do resultado final é devido à soma dos depósitos realizados e quanto se refere aos juros acumulados.

	Valor investido	Juros	Resultado Final
Em 10 anos	R\$ 12.000	R\$ 4.388	R\$ 16.388
Em 20 anos	R\$ 24.000	R\$ 22.204	R\$ 46.204
Em 30 anos	R\$ 36.000	R\$ 64.452	R\$ 100.452
Em 40 anos	R\$ 48.000	R\$ 151.149	R\$ 199.149
Em 50 anos	R\$ 60.000	R\$ 318.719	R\$ 378.719

Perceba como, com o passar do tempo, os juros somam mais que os próprios depósitos acumulados. É como se, a partir de um certo ponto, o dinheiro passasse a trabalhar por você.

Gostaria de chamar sua atenção para a diferença entre o resultado da primeira tabela e essa. Enquanto o que aplicou apenas R\$ 1 mil uma única vez obteve R\$ 1.819 ao final de dez anos, o que teve a disciplina de aplicar 100 reais todos os meses ao longo desse mesmo tempo juntou a quantia de R\$ 16.388, nove vezes mais que o primeiro, que tinha capital, mas não tinha disciplina. E essa diferença fica ainda maior conforme o tempo avança, prova de que, em se tratando de investir para multiplicar, a frequência dos aportes tem grande relevância.

O quinto passo, portanto, é ser frequente. Nossos resultados serão muito mais significativos se tivermos a disciplina de aplicar mês a mês, ainda que seja só um pouco. A Bíblia diz que a riqueza “que se junta aos poucos, torna-se grande” (Pv 13:11, VFL).

Como embaixadores do Reino precisamos lembrar que, do mesmo modo como foi na parábola dos talentos, o Senhor há de retornar para o ajuste de contas com Seus servos. Estejamos entre os servos bons e fiéis, jamais entre os maus e negligentes.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 80-81 [114-115].
- <sup>2</sup> Benjamin Graham, *O Investidor Inteligente: O Guia Clássico Para Ganhar Dinheiro na Bolsa* (Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins, 2016), p. 37.



16 •

## EVITANDO ARMADILHAS

**N**em toda árvore frutífera produz frutos. Podemos estar falando de uma frágil muda, ou de uma árvore ainda muito jovem que, para produzir, antes precisa crescer e se desenvolver. Isso leva tempo e não há certeza de que essa árvore chegará a produzir conforme o esperado.

De igual modo, ao passo que existem ativos maduros e bem fundamentados, outros, embora tenham o potencial de se tornar grandes e lucrativos no futuro, encontram-se em fase de desenvolvimento. Comprar ativos nesse estágio é acreditar na sua valorização ao longo do tempo, sob o risco de isso nunca acontecer.

Em meados de 1905, enquanto participava de uma reunião campal na Califórnia, Ellen G. White se deparou com uma série de cristãos adventistas fascinados com a ideia de empregar recursos na compra de ações de empresas mineradoras. Eles tinham a expectativa de obter grandes dividendos no futuro, conforme os minérios escondidos debaixo da terra fossem sendo descobertos e explorados. Porém, havia um problema: as minas não eram produtivas ainda. Todo o lucro que se esperava delas não passava de mera especulação.

Alguns dos que estavam ali presentes se mostraram interessados em escutar a opinião de Ellen White acerca do assunto. Percebendo se tratar de um negócio duvidoso, ela os alertou para o fato de que “nenhuma certeza podiam ter de que esses empreendimentos teriam êxito”.<sup>1</sup>

Mais tarde, recebendo especial orientação de Deus acerca desse tema, ela escreveu a um daqueles irmãos: “Foi-me ordenado que alertasse ser isso uma cilada do inimigo para consumir ou reter os recursos grandemente necessários ao avanço da obra de Deus. É uma *armadilha dos últimos dias*

para envolver o povo de Deus na perda do capital do Senhor que lhe foi confiado, e que deveria ser sabiamente usado na obra de ganhar almas.”<sup>2</sup>

Como embaixadores do Reino, precisamos estar alertas. Vivemos no fim do tempo do fim. Não sejamos ignorantes quanto ao fato de que Satanás está profundamente interessado em nos fazer cair em ciladas, armadilhas tais que nos levem a perder ou empacar os recursos que o Senhor nos confiou a fim de levarmos avante a pregação do evangelho.

Na parábola dos talentos, o servo mau e negligente devolveu nada mais nada menos que 100% do dinheiro que havia recebido do seu senhor. Ele não multiplicou, mas também não perdeu – e supôs que assim estava bom. Mas não estava. Tanto que seu senhor ficou furioso. Que reação poderíamos esperar então se, em vez de enterrar, ele houvesse perdido o talento?

Bem, infelizmente há muitos servos hoje em dia que, se fossem chamados ao ajuste de contas, apresentariam menos do que receberam. Consideram-se mordomos dos bens que Deus lhes confiou, mas não pensam ser grave o fato de investir esses bens sob o risco de perdê-los.

Recapitulemos a definição de Benjamin Graham: “Uma operação de investimento é aquela que, após análise profunda, promete a segurança do principal e um retorno adequado. As operações que não atendem a essas condições são especulativas.”<sup>3</sup>

Se, após análise profunda, a aplicação que se considera fazer não atender a esses dois requisitos, segurança do principal e retorno adequado, então não passa de uma aposta.

De que trata a expressão “segurança do principal”? Trata de não investir sob o risco de perder o dinheiro aplicado. Ainda que o retorno possa variar para mais ou para menos, o principal, ou seja, o capital investido, estará preservado.

Assim como nos dias de Ellen White, hoje se fala muito em negócios de mineração, mas não de minério. Refiro-me à mineração de criptomoedas, atividade básica para o funcionamento das chamadas moedas digitais, um dos ramos do vasto mercado de criptoativos.

Esse mercado, que existe a partir de um ecossistema totalmente digital e descentralizado, dia a dia desponta com soluções inovadoras e aparentemente promissoras, atraindo o interesse (e o dinheiro) de muitos que desejam lucrar com ele, ainda que não o compreendam plenamente.

Pode ser que esse lucro de fato aconteça, é verdade; como também pode ser que não. Assim – baseados na definição de Graham – podemos dizer que

quem compra criptomoedas a bem da verdade não está investindo, mas apostando. E dada a incerteza que gira em torno dessa aposta, qualquer consultor de finanças que se preze não recomendaria ter mais do que 10%, no máximo 20%, desses ativos na composição da carteira dos seus clientes.

O que dizer de um embaixador do Reino? Convém a ele formar um pomar com mudas de árvores cujo desenvolvimento é incerto? Falando em linguagem financeira, convém dar espaço à especulação, ainda que isso represente uma pequenina fatia da carteira de investimentos?

Quem aplica sob o risco de perder é o apostador, não o investidor. Como embaixadores do Reino, somos chamados a investir, não apostar, mesmo que seja só um pouquinho.

Não estou querendo dizer que um embaixador do Reino deva se restringir apenas a alternativas pacatas de investimento, como a poupança, por exemplo. Não é isso. Um embaixador do Reino pode investir também em títulos do tesouro nacional, títulos de crédito privado, ações e quaisquer alternativas de renda fixa ou variável, bem como comprar e vender imóveis, empreender. Tudo isso somente depois de fazer uma análise profunda a fim de ver bem onde pisa (Pv 14:15) e então concluir que o capital investido será preservado e remunerado a contento. Afinal, ele não está lidando com dinheiro seu, mas de Deus.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021) p. 167 [242].
- <sup>2</sup> White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 167 [243], itálico acrescentado.
- <sup>3</sup> Benjamin Graham, *O Investidor Inteligente: O Guia Clássico Para Ganhar Dinheiro na Bolsa* (Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins, 2016), p. 37.



17 •

## SE NÃO FOR BOM, NÃO COMPRE

Imagine que você, querendo plantar uma árvore frutífera, vá a uma loja especializada onde estão expostas várias mudas, de diversos tamanhos e tipos, algumas até produzindo. Enquanto você olha as opções disponíveis, o vendedor vem e lhe oferece uma muda seca, mirrada e bichada. Você compraria? Não! Então o vendedor saca uma promoção e dá um superdesconto que derruba o preço daquela muda. Agora que virou uma pechincha, você mudaria de ideia? Bem, espero que não. Afinal, ainda que o preço esteja baixo, isso não altera a condição da planta. Grande é a chance de ela definhar de vez e você acabar perdendo todo o dinheiro que pagou, mesmo que seja pouco.

O vendedor, insistente, vem e lhe oferece a muda de uma espécie de árvore exótica, do tipo que você nunca viu. Sinceramente, você admite que não sabe nada sobre aquela árvore. O vendedor também parece não saber explicar muita coisa sobre ela, mas defende que ela está com um preço muito bom, considerando todo o potencial que ela tem. Você compraria?

Brincadeiras à parte, por vezes parece que somos mais criteriosos comprando pés de frutas do que comprando ativos. Tanto na loja de mudas como no balcão da corretora, o conselho é o mesmo: só leve para a sua carteira ativos de qualidade inquestionável. Desconfie de frases como “Está barato” ou “O resultado a longo prazo é certo”. Não caia em ciladas. Investir bem dá trabalho e colher leva tempo. Fuja das promessas de ganho fácil e muito acima da média.

## Desconfie de ganho fácil

A expectativa de ganho é um parâmetro importante na tomada de decisão, mas por maior que seja, não alivia o peso da responsabilidade de analisar com critério a qualidade e a segurança de um investimento. Por sinal, um bom investimento nem sempre é aquele que oferece o maior retorno. Mais vale que esse retorno seja coerente com a realidade.

Veja o exemplo de Karina.

Agora livre das dívidas, Karina progride bastante na sua organização financeira e, embora ganhe apenas um salário-mínimo, já consegue poupar 100 reais por mês. Com essa disciplina, ela planeja juntar R\$ 180 mil a fim de comprar a sua casa própria.

Será que ela conseguirá?

Bem, suponhamos que Karina tenha à disposição um investimento conservador que lhe proporciona um rendimento médio de 10% ao ano, equivalente a 0,80% ao mês. Sob tais condições, ela levaria quase 29 anos para alcançar seu objetivo.

Apesar de ficar um tanto desapontada com essa perspectiva tão distante para a realização do seu sonho, Karina não desanima e segue aplicando mês a mês. Enquanto isso, procura por uma alternativa de investimento que lhe remunere um pouco melhor, sem abrir mão da segurança.

Nessa busca, um belo dia ela se depara com a publicidade de uma “oportunidade incrível” de investimento que, além de segurança, promete uma remuneração surpreendente de 4% ao mês. Ao fazer as contas, Karina descobre que, se aplicasse os mesmos 100 reais mensais nessa alternativa, juntaria R\$ 180 mil em pouco menos de dez anos.

Olhando pela rentabilidade, o segundo investimento parece ser muito melhor que o primeiro, concorda? Mas se eu lhe disser que o segundo “investimento” é, na verdade, um golpe?

Caro leitor, desconfie de tudo que promete ganhos extraordinários, fora da realidade. Lembre-se da advertência bíblica: “O inexperiente acredita em qualquer coisa” e “quem vai atrás de fantasias não tem juízo” (Pv 14:15 e 12:11, NVI).

Preste atenção, mesmo que não haja promessa nenhuma de segurança e a pessoa que está oferecendo deixe claro que se trata de um investimento arriscado, porém com grandes chances de alcançar retornos extraordinários, pergunto: você e eu, mordomos do Senhor, estamos autorizados a arriscar perder o dinheiro que Ele nos confiou?

## **Não invista em Babilônia**

Quero trazer uma reflexão do apóstolo Paulo: “‘Todas as coisas me são lícitas’, mas nem todas convêm” (1Co 6:12). Transportando essa verdade para o campo das finanças, precisamos estar atentos para o fato de que nem todo investimento é apropriado para um embaixador do Reino, por mais viável que pareça.

Certa vez um jovem cristão me perguntou se havia algum problema em ele comprar ações de empresas fabricantes de bebidas alcoólicas.

- Você bebe? - perguntei.

- Claro que não! - respondeu, um tanto surpreso com minha pergunta.

Então eu respondi:

- Veja, quando você se torna acionista de uma empresa, não importa o ramo de atuação dela, seu ganho dependerá basicamente de ela ser capaz de gerir bem seu negócio, faturar e lucrar. No caso da fabricante de bebidas alcoólicas, já que você não bebe, outros terão que beber por você. Ou seja, o produto que você não considera ser bom para sua saúde terá que ser consumido por muitas outras pessoas, em detrimento da saúde delas. Você acha certo?

A pergunta que todos devemos fazer é: “De onde vem o lucro do investimento que estou considerando fazer?” Se for de algo que o Senhor não aprovaria, ainda que seja lícito, não convém aplicar nele nosso dinheiro.

E se não for lícito, pior ainda! Como esperar que Deus abençoe recursos aplicados em negócios cujo retorno dependa de práticas pecaminosas como adulteração, contrabando, tráfico, furto, roubo, falsificação, burla, exploração, sonegação e suborno? “Como uma gaiola cheia de pássaros, assim as casas deles estão cheias de fraude; [...] ‘Deixaria Eu de castigar estas coisas?’ - diz o Senhor” (Jr 5:27, 29).

Por fim, não podemos ignorar o fato de que o livro de Apocalipse prevê uma tragédia sem precedentes no mundo dos negócios. Refiro-me à queda da Babilônia, “habitação de demônios, esconderijo de todo espírito impuro, covil de toda ave impura e de todo animal impuro e detestável” (Ap 18:2, NVT).

À custa do seu luxo excessivo, os negociantes da Terra se enriqueceram [...] [e estes] chorarão e se lamentarão por causa dela, porque ninguém mais compra a sua mercadoria [...]. Eles dirão: “Foram-se as frutas que tanto lhe apeteciam! Todas as suas riquezas e todo o seu esplendor se desvaneceram; nunca mais serão recuperados.” [...] “Em apenas uma hora, tamanha riqueza foi arruinada!” (Ap 18:3, 11, 14, 17, NVI).

Se há um jeito certo de colocar a perder todo o capital que o Senhor nos confiou, é aplicando-o nos empreendimentos de Babilônia. Seria muita ingenuidade nossa pensar que o inimigo de Deus não estaria interessado em nos atrair para esses investimentos.

Tomara que nenhum centavo nosso esteja investido em ativos ligados às práticas impuras e detestáveis de Babilônia! Se estiver, vale para nós o apelo: “Saíam dela, povo Meu, para que vocês não sejam cúmplices em seus pecados e para que os seus flagelos não caiam sobre vocês” (Ap 18:4).

Como embaixadores do Reino, nos empenhemos para que nossos investimentos aqui nesta Terra não sejam apenas seguros e rentáveis, mas também uma evidência de que não queremos ficar aqui. Aspiremos morar numa “pátria superior, isto é, celestial” (Hb 11:16).



**Saiba mais**

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.



18 •

## PLANEJE-SE

**N**o capítulo 11 aprendemos sobre a importância de ter uma reserva para imprevistos (ou para emergências, como é mais conhecida). Fal-tou falar de um detalhe: não podemos chamar de imprevisto ao que não é imprevisto.

Despesas recorrentes, tais como IPTU, IPVA, material escolar, presentes de aniversário, viagens de férias e celebrações de final de ano não são imprevistos. Envelhecimento e aposentadoria também não são imprevistos, assim como o crescimento dos filhos e todo o investimento material que isso acarreta, especialmente em relação aos estudos. Enfim, para nenhum desses eventos previsíveis deveríamos sacar da reserva para imprevistos. Certo é nos planejarmos em relação a eles, juntando e formando uma provisão específica, posto que sabemos exatamente (ou fazemos alguma ideia de) quando acontecerão.

Pois bem, por tudo o que foi explanado até aqui, já reunimos os conhecimentos necessários para colocar nossas prioridades financeiras na ordem correta, definirmos um orçamento equilibrado, adotarmos um padrão de vida compatível com nossas receitas e reservarmos uma parte da renda a fim de poupar e investir. Também compreendemos que, com paciência e disciplina, podemos economizar com o propósito de concretizarmos os nossos sonhos, sem contrair dívidas. Chegou o momento de traçarmos planos.

Para tanto, precisamos seguir alguns passos, são eles: definir quais são os nossos objetivos; classificá-los por prazos; quantificar o custo de cada um; calcular o tamanho de esforço mensal de poupança que teremos de fazer a fim de realizá-lo dentro do tempo pretendido; e, se necessário, escolher qual (ou quais) objetivo(s) será(ão) priorizado(s) em detrimento de outros que terão de esperar.

## **1º Defina os objetivos**

Se você é solteiro(a) e mora sozinho(a), essa etapa depende exclusivamente da sua preferência e vontade individual. Se você divide suas finanças com cônjuge, filhos, família em geral, é importante que, nessa hora, todos conversem e combinem juntos quais são os objetivos mais importantes para o bem da família como um todo, tendo claros os benefícios e as contribuições de cada membro.

Sim, todos podem contribuir, resguardadas as devidas proporções, naturalmente. Gosto de uma frase do pastor Antonio Tostes, que diz: “Quem não pode ajudar a ganhar, deve então ajudar a economizar.” Esse sentimento de participação é muito importante.

Conversar sobre os planos pode ser uma experiência muito agradável que fortalece a união dos membros da família, inclusive em torno do propósito de cuidar das finanças. Isso deve ser feito dentro de um diálogo respeitoso, em que todos tenham a oportunidade de se manifestar com a segurança de que cada opinião está sendo levada em conta. Nesse contexto, ninguém deve tentar impor sua vontade individual sobre os outros.

## **2º Defina prazos para a realização de cada objetivo**

Objetivos devem ter prazos definidos. Do contrário serão meras aspirações.

Ainda que não possamos prever a data exata da sua ocorrência, para fins de planejamento, podemos classificar cada objetivo dentro de uma faixa de tempo, a saber: curto, médio e longo prazos.

No *curto prazo* ficam reunidos todos os objetivos cuja realização se pretende para um espaço de até dois anos. Matrícula escolar, celebração de aniversário, revisão periódica do carro e férias são exemplos de objetivos que se materializam dentro desse intervalo e, até por esse motivo, devem ser previstos no próprio orçamento anual.

No *médio prazo* ficam os objetivos com perspectiva de concretização dentro de um intervalo de tempo maior, entre dois e cinco anos. Exemplos são a reforma da casa, a troca do carro, ou até uma viagem mais onerosa, do tipo que não se faz todo ano.

Já no *longo prazo* estão os objetivos cuja realização é prevista para além de cinco anos. Exemplos são a faculdade dos filhos ainda pequenos, a compra da casa própria e o alvo de se aposentar um dia.

No decorrer do tempo, o que hoje é longo prazo passará a ser médio, o que é médio passará a ser curto, e assim sucessivamente. É importante monitorarmos como está o andamento dos nossos planos em função dos prazos que diminuem. E quanto mais próximos estivermos da data de realização de um objetivo, mais conservador e líquido deve ser o investimento onde estarão aplicados os recursos que servirão para concretizá-lo.

### **3º Quantifique os objetivos**

Certa vez Jesus perguntou: “Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la?” (Lc 14:28, NVI). De fato, cada objetivo tem um preço. Quanto mais perto de ser realizado, mais fácil é saber esse preço. E o contrário é verdadeiro: quanto mais distante está o horizonte de realização, mais difícil fica definir quanto custará. Resta-nos adotar estimativas.

Por exemplo, quanto custará abrir um pequeno negócio daqui há cinco anos? Bem, essa resposta depende de uma série de fatores, a começar pelo tipo de negócio e sua viabilidade. Isso, porém, não nos impede de pesquisar e trabalhar com números médios aproximados.

No mais, sabemos que ao longo dos anos o próprio dinheiro perde poder de compra em função da inflação. Não podemos ignorar esse fato na hora de estimar quanto devemos juntar a fim de realizar cada objetivo traçado.

Por simplificação, suponhamos uma inflação histórica média de 5% ao ano. Se temos em perspectiva um objetivo que hoje custaria R\$ 10 mil, mas levará, por exemplo, três anos para se concretizar, cabe adicionarmos R\$ 1.500 ao nosso alvo de poupança, isto é, 15% a mais em relação ao custo de hoje, de modo a juntar ao final R\$ 11.500 e absorver, assim, o impacto que a inflação trará ao longo do tempo.<sup>1</sup>

Ou seja, quanto mais distante for a realização de um objetivo, mais cautelosos devemos ser ao quantificarmos seu valor, e sempre levando em conta a inflação.

### **4º Calcule o tamanho do esforço mensal de poupança**

Nenhuma das etapas anteriores terá efeito se não nos empenharmos a fim de juntar a quantia necessária para a realização de cada objetivo. Vejamos o exemplo de Luciana e seu noivo, Felipe, que traçaram os seguintes planos:

<b>Objetivo</b>	<b>Custo</b>	<b>Prazo</b>
Viajem de lua de mel	R\$ 10.000	18 meses
Festa de casamento	R\$ 25.000	18 meses
Troca do carro do casal	R\$ 30.000	36 meses
Abertura de um negócio próprio	R\$ 50.000	48 meses
Compra da casa própria	R\$ 300.000	72 meses

Quanto eles deveriam poupar, desde já?

Bem, essa resposta depende do retorno dos investimentos onde suas economias serão aplicadas, dos impostos e taxas incidentes, além da própria inflação prevista para o período. Por simplificação, suponhamos que os preços sigam constantes ao longo do tempo, e que eles consigam obter uma remuneração média de 0,50% ao mês nas aplicações de curto prazo, 0,60% nas de médio e 0,85% nas de longo, já subtraídos eventuais impostos e taxas. Sendo assim, temos:

<b>Objetivo</b>	<b>Esforço mensal de poupança</b>
Viajem de lua de mel	R\$ 532
Festa de casamento	R\$ 1.331
Troca do carro do casal	R\$ 749
Abertura de um negócio próprio	R\$ 902
Compra da casa própria	R\$ 3.038
<b>Soma</b>	<b>R\$ 6.552</b>

Esse é somente um exemplo. Pode ser que você, na época em que estiver lendo este livro, tenha acesso a taxas de remuneração menores ou maiores que essas. O ponto que quero destacar aqui não é a remuneração em si, mas a decisão que Luciana e Felipe terão que tomar, já que atualmente a capacidade de poupança deles não chega nem perto de R\$ 6.552 por mês. O que fazer então?

### **5º Escolha quais objetivos priorizar**

Assim como a maioria de nós, Luciana e Felipe também não têm meios de bancar tudo o que desejam, mesmo com planejamento. Por isso precisam definir, em consenso, quais são as prioridades.

Cada um tem seu conceito de prioridade. Uma festa de casamento, por exemplo, pode ser considerada algo dispensável na visão de um, mas essencial na visão do outro. Independentemente de juízo de valor, fato é que esses jovens noivos precisarão conversar, negociar e talvez até adiar algum dos objetivos que traçaram, tecendo planos mais modestos a fim de poder concretizá-los.

De uma coisa eles não abrem mão: celebrar o casamento.

Determinados, esses noivos sabem que, unindo esforços, juntos conseguem economizar R\$ 2 mil por mês. Depois de casados, deixando cada um de morar com os pais, acreditam que será um pouco mais desafiador poupar isso tudo, mas se propuseram a manter o alvo, topando fazer algumas substituições. Por exemplo, menos saídas de domingo à tarde por mais momentos em casa, já que, depois de tanta espera, poderão finalmente curtir a vida conjugal. Ainda assim, porém, por tudo que gostariam de fazer, R\$ 2 mil mensais não são suficientes.

No caso deles existe um casamento marcado. Julgando somente pelo custo da festa e da lua de mel, com R\$ 2 mil por mês conseguiriam bancar esses itens sem dificuldade e ainda sobraria algum dinheiro. Se optarem por essa solução, porém, adiarão em 18 meses o início das economias voltadas à realização dos seus demais objetivos – e isso poderá ser muito frustrante para eles depois.

Melhor seria se optassem por uma cerimônia de casamento mais modesta (com uma decoração discreta e um jantar restrito apenas aos pais, irmãos e avós do casal, por exemplo). Poderiam também escolher um destino mais econômico para a lua de mel. Embora tentados a seguir o padrão ditado pelos amigos que se casaram antes deles, é preferível garantir que darão início ao seu casamento com todas as contas pagas e algum dinheiro guardado.

Entre trocar de carro e abrir um negócio próprio, a primeira opção não é prioridade. Se cuidarem de fazer as manutenções do automóvel que os serve atualmente, poderão seguir com ele por vários anos.

Feitos apenas esses ajustes, o quadro ficaria assim:

<b>Objetivo</b>	<b>Novo custo</b>	<b>Novo prazo</b>	<b>Esforço</b>
Lua de mel	R\$ 7.500	18 meses	R\$ 399
Jantar de casamento	R\$ 7.500	18 meses	R\$ 399
Troca do carro	--	--	--
Negócio próprio	R\$ 50.000	48 meses	R\$ 902
<b>Soma</b>			<b>R\$ 1.700</b>

Perceba que, ao definir prioridades e ajustarem seus alvos, Luciana e Felipe estão agora muito mais próximos de alcançar seus objetivos de curto e médio prazos. Falta ainda tratar seu objetivo de longo prazo – que é, no caso deles, a casa própria. Para esse alvo específico, eles podem destinar apenas 300 reais por mês, pois isso é tudo o que sobra depois de endereçadas as prioridades mais urgentes. Com 300 reais por mês, eles conseguiriam juntar apenas R\$ 29.624 ao final de seis anos – menos de um décimo do que calculam ser necessário para realizar o sonho de adquirir a casa própria.

Contudo, cabe lembrar que, uma vez liquidadas as despesas do casamento, do 19º mês em diante sobrarão 798 reais de economias mensais, que poderão ser somadas ao projeto da moradia.<sup>2</sup> O mesmo acontecerá depois de completado o investimento no negócio próprio, acrescentando outros 902 reais para aquela finalidade.

Mirando assim o alvo da casa própria, na medida em que as prioridades anteriores forem sendo atendidas, Luciana e Felipe poderão juntar em seis anos quase R\$ 108 mil. Veja:

	Aplicação Mensal	Saldo no 72º mês
Do 1º ao 18º mês (18 meses)	R\$ 300	R\$ 9.174
Do 19º ao 48º mês (30 meses)	R\$ 1.098	R\$ 45.752
Do 49º ao 72º mês (24 meses)	R\$ 2.000	R\$ 52.998
Total acumulado até o 72º mês (a 0,85% ao mês)		R\$ 107.924

Esse valor representa cerca de 1/3 do que eles gostariam. Parece desanimador, mas já é um começo, especialmente porque os 2/3 que faltam poderão ser alcançados num espaço de tempo bem menor, graças ao efeito dos juros compostos: se Luciana e Felipe continuarem firmes no plano de economizar para adquirir a casa própria, preservando o que já juntaram e investindo regularmente R\$ 2 mil por mês, bastarão mais quatro anos e quatro meses para alcançarem o alvo de R\$ 300 mil.

Pode ser que eles não queiram adiar os planos. Nesse caso, com o que terão juntado em seis anos (R\$ 108 mil), poderão comprar um lote e construir uma pequena casa que servirá para eles de início e poderá depois ser ampliada quando a família aumentar. Por outro lado, se mantiverem seu esforço de economia, mas reduzirem o alvo para R\$ 200 mil, dois anos e quatro meses

adicionais serão suficientes para juntar esse valor – ou até menos tempo, se estiverem dispostos a poupar e investir um tanto além de R\$ 2 mil por mês.

Enfim, esse é um caso hipotético, você sabe. Espero que, com ele, eu possa ter demonstrado a você que os objetivos, pequenos ou grandes, podem, sim, ser concretizados, e sem dívidas. Basta que tenhamos planejamento, disciplina, moderação e paciência.

## Consagre seus planos a Deus

No mais, não podemos nos esquecer de que “é da natureza humana fazer planos, mas o propósito do Senhor prevalecerá” (Pv 19:21, NVT). Acima de qualquer plano que rascunhemos está a soberania de Deus. Podemos e devemos pensar no futuro e traçar propósitos nobres e elevados, porém sempre com a humildade de reconhecer que “se Deus quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo” (Tg 4:15, itálico acrescentado). Dependemos inteiramente da providência divina, e quanto a isso podemos estar absolutamente tranquilos, pois Deus é especialista em costurar planos grandiosos para nós (Is 55:9; Jr 29:11), muito além do que podemos sequer imaginar (1Co 2:9).

Mais importante que todos os cinco passos que vimos até aqui, aprendamos a lição contida em Provérbios 16:3: “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (NVI). Nenhum plano nosso caminhará para a frente se os estivermos conduzindo de costas para o Pai. Por isso a ênfase do salmista: “Agrade-se do Senhor, e Ele satisfará os desejos do seu coração” (Sl 37:4).

Embaixadores do Reino, consagremos nossa vida ao Senhor dos planos, aceitando dia a dia Sua vontade soberana. Assim fazendo, podemos estar em paz, mesmo quando o desenrolar dos eventos sair do planejado, pois “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Rm 8:28).



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Por simplificação didática, aqui praticamos o conceito de juros simples. A conta exata seria aplicar juros sobre juros – neste caso, inflação sobre inflação. O resultado correto seria 15,76% de inflação acumulada em três anos, R\$ 11.576 de alvo de poupança.
- <sup>2</sup> Depósitos antes destinados a pagar as despesas do casamento e da lua de mel.



19 •

## DESAFIOS DA SUCESSÃO

O que você faria se soubesse que muito em breve irá morrer? Que uso faria dos poucos dias de vida que lhe restam? Pediria demissão do trabalho e partiria para uma última viagem dos sonhos? Tiraria muitas fotos com os filhos e a família, a fim de que eles possam guardar recordações de você? Ou escreveria um livro contando sua experiência de vida?

O rei Ezequias, de Judá, por volta do 14º ano do seu reinado, quando tinha cerca de 39 anos de idade, adoeceu de uma úlcera mortal. A Bíblia conta que nessa ocasião o profeta Isaías foi visitá-lo a fim de lhe dar a seguinte notícia: “Assim diz o Senhor: ‘Ponha em ordem a sua casa, pois você vai morrer; não se recuperará’” (2Re 20:1, NVI).

“Ponha em ordem a sua casa”, essa foi a orientação divina para o servo à beira da morte. Diferente do que ocorreu com Ezequias, a maioria de nós não sabe quando irá morrer. Nem por isso devemos adiar a tarefa de colocar em ordem nossa casa.

Sobre esse assunto, Ellen White nos deixou a seguinte advertência:

Cristãos que creem na verdade presente devem manifestar sabedoria e previdência. Não devem negligenciar a disposição de seus recursos [...]. Devem manter seus negócios de tal forma que, se fossem chamados a qualquer hora para deixá-los e não pudessem escolher quaisquer critérios, pudessem ser solucionados como gostariam que fossem se estivessem vivos. Muitas famílias têm sido defraudadas desonestamente de toda a sua propriedade e ficaram

sujeitas à pobreza, porque o trabalho que podia ter sido bem feito em uma hora foi negligenciado. Aqueles que preparam seu testamento não devem poupar esforço ou despesa para obter conselho jurídico e preparar-se de modo a resistir à prova.<sup>1</sup>

Perceba que esse é um assunto que deve ser encarado com seriedade e responsabilidade.

Pergunto: se por qualquer motivo você morresse hoje, como ficariam os que dependem do seu sustento? Quem daria continuidade aos seus negócios? Para quem iriam os bens que você possui? A propósito, como está a documentação desses bens? Os seus herdeiros em potencial sabem da existência desses documentos? Há mais alguém para quem você gostaria de deixar uma herança, mas que está fora da sua linha de sucessão?

### **Boas práticas para deixar a “casa” em ordem**

Sucessão, numa definição simples, é o processo em que uma pessoa assume o lugar de outra. Pense num terreno, por exemplo. Esse terreno provavelmente tem um documento oficial de registro onde constam informações a respeito de quem é o proprietário dele. Por ocasião da morte desse proprietário, seus herdeiros devem se apresentar a fim de transferir para si a propriedade e assumir em lugar do falecido os direitos e obrigações referentes ao imóvel.

Suponha que esse terreno não esteja com a documentação regularizada, ou que os herdeiros não concordem com sua divisão, querendo um ficar com uma parte maior que a do outro. Fica assim o imóvel “parado”, aguardando que a situação se resolva. A depender de toda a complexidade e discussão envolvida em torno da herança, talvez nunca se resolva.

Se, por hipótese, o falecido desejava doar esse terreno para a igreja, mas não o fez em vida, quem garante que os herdeiros doarão, especialmente se não compartilham da mesma fé?

Estes são apenas alguns exemplos de muitas questões que emergem em torno da morte de alguém. Por isso o Senhor nos adverte a deixar a casa em ordem antes de morrer.

Não pretendo aqui me aprofundar no tema do direito sucessório. Mas posso sugerir algumas boas práticas que seguramente contribuirão para deixar “a casa” organizada.

1. Conversem sobre morte. Por mais estranho que soe esse conselho, é de extrema importância a família saber como deveria agir na falta de algum membro, especialmente se este for o provedor ou a provedora principal das finanças do lar.
2. Certifique-se de que todos os seus bens estejam corretamente documentados em seu nome e oficialmente registrados em cartório.
3. Caso identifique alguma pendência ou necessidade de atualização, providencie e formalize o acerto quanto antes. Não deixe isso para seus herdeiros e seu cônjuge resolverem depois que você morrer. Isso poderá ser para eles mais um transtorno, além da falta que você fará.
4. Tenha uma pasta específica para esses documentos e garanta que todos da família saibam onde encontrá-la.
5. Avalie a pertinência de contratar um seguro de vida ou um plano de previdência VGBL<sup>2</sup> cujo montante seja o bastante para custear o inventário dos seus bens.<sup>3</sup>
6. Se necessário, adicione a esse montante uma reserva extra que sirva para o sustento da família até que o processo de inventário possa ser concluído.
7. Busque a assistência de um advogado competente no assunto e, se for apropriado, antecipe a transmissão de bens em vida, por meio de doações.

É importante ter em mente que os bens que uma pessoa deixa por ocasião da sua morte não são passados aos herdeiros de forma automática. É necessário efetuar um inventário.

O inventário é um processo que formaliza a transmissão do patrimônio do falecido aos seus herdeiros, assegurando que cada um receba a parte a que tem direito, seguindo uma distribuição justa e transparente. No inventário é apurado o balanço patrimonial do falecido, por meio do levantamento dos bens, direitos, obrigações e dívidas que ele possuía. Concluída essa etapa e conferidos os herdeiros existentes, então se procede a partilha, ou seja, a distribuição da herança entre os herdeiros, seguindo regras estabelecidas em lei.

Concluimos que, se um indivíduo tem planos de que uma parte dos seus bens seja transmitida a alguém ou a alguma instituição que não esteja entre os herdeiros previstos em lei, ele deve necessariamente colocar esse plano em curso antes de morrer. Seja por meio de doação ou por meio de testamento.

## O testamento e a doação

Cabe lembrar que o testamento é um instrumento que se aciona somente após a morte do indivíduo, exigindo percorrer todo um processo judicial para enfim produzir efeitos aos beneficiários. A doação, por sua vez, pode ser formalizada por meio de escritura pública (para bens imóveis) ou particular (para outros bens) e produz efeitos imediatos. Sendo assim, se uma pessoa tem o desejo de contribuir para a construção de uma escola ou uma igreja, por exemplo, e pretende dedicar um terreno dela para essa finalidade, melhor fazê-lo por doação em vez de testamento. Desse modo, a necessidade do beneficiário poderá ser atendida a contento e o doador poderá ter a alegria de presenciar os resultados do seu gesto de generosidade.

A doação e o testamento são formas de garantir que os bens e recursos do indivíduo tenham a destinação que ele deseja. Isso é especialmente importante quando temos a consciência de mordomia cristã e os nossos herdeiros, ao contrário, são pessoas infiéis e dissipadoras, que facilmente arruinariam os recursos que o Senhor nos confiou. Transferir nossa mordomia para descrentes seria como colocar “esses recursos no lado do inimigo”<sup>4</sup>, um ato de negligência e infidelidade da nossa parte.

Davi compreendeu isso de forma tão clara que decidiu doar em vida uma enorme quantia de ouro e prata para a construção do templo do Senhor (1Cr 29:3-4). Será que os herdeiros do rei ficaram desamparados depois de tamanho ato de consagração? Não! Para eles continuaram os campos, as lavouras, os rebanhos e demais empreendimentos que Davi possuía. A diferença é que, em vez de receberem tesouros, os herdeiros receberam os negócios do rei. Desde que trabalhassem com empenho e conduzissem esses empreendimentos com sabedoria, poderiam com eles construir sua própria riqueza.

“O homem bom deixa herança para os netos”, diz a Bíblia (Pv 13:22, VFL). Esse texto é de abalar nossa estrutura, pois ele não trata de dinheiro, mas de um legado deixado por alguém que “teme o Senhor e tem grande prazer em Seus mandamentos! Seus descendentes são poderosos na terra, serão uma geração abençoada, de homens íntegros” (Sl 112:1-2, VFL).

Gostaria de chamar sua atenção para um detalhe fundamental: nos cartórios da Terra podemos até ser proprietários de algum ou vários bens; mas no cartório do Universo somos apenas *mordomos*. Estar consciente disso deve lhe fazer mudar completamente de perspectiva sobre a sucessão dos bens que o Senhor lhe confiou.

Em primeiro lugar, enquanto vivermos, devemos administrar com fidelidade todo o patrimônio que o Senhor nos permitir juntar. Em segundo lugar, mais que sucessores, devemos nos preocupar em formar mordomos que cumpram fielmente o papel de cuidar de tudo aquilo que o Senhor primeiramente nos confiou e que, por ocasião da nossa morte, passará para as mãos deles. Em terceiro lugar, muito mais que destinar tesouros para os herdeiros, como embaixadores do Reino, como Davi, devemos nos preocupar em consagrar tesouros para a causa de Deus.



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 3, p. 101 [117].
- <sup>2</sup> VGBL é a sigla para Vida Gerador de Benefício Livre, modalidade de plano de previdência privada aberta que se equipara a um seguro de vida – no caso um seguro por sobrevivência – e, assim como as demais verbas de natureza securitária, não entra em inventário, sendo o seu saldo diretamente transferido aos beneficiários cadastrados. Obs.: cabe frisar que essa regra é alvo de constantes debates e pode ser alterada no futuro. Submeta seu planejamento sucessório à orientação de um especialista.
- <sup>3</sup> Nessa hora vale consultar um planejador financeiro experiente em planejamento sucessório. Ele irá estimar quanto seria esse montante em função do valor dos bens que você possui. Importa saber que os custos de um inventário não são baixos e envolvem diversos dispêndios, desde a fase de preparação dos documentos até a fase de conclusão do processo. Antes de receber qualquer bem em herança, os herdeiros terão de arcar com emolumentos e taxas, honorários advocatícios e o imposto correspondente (que no Brasil varia de estado para estado). A depender dos custos envolvidos, muitos se veem impossibilitados de concluir o processo, prejudicando assim o uso que poderiam fazer desses bens – o que é especialmente grave no caso de filhos menores de idade.
- <sup>4</sup> White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 3, p. 102 [118].



20 •

## EMBAIXADORES, CUSTE O QUE CUSTAR

Os pães eram de cevada. Sem sombra de dúvida, aquilo era comida de gente pobre. Pessoas com o mínimo de condição faziam pão usando farinha de trigo e não de cevada. Que seja, alguém lhe disse que o Mestre estava precisando das suas pobres provisões e, sem hesitar, o rapaz prontamente ofereceu tudo o que trazia consigo.

Não era muita coisa. Na verdade era algo bem insignificante. Tanto que André diz isso na frente dele: “Aqui está um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixes. Mas o que adianta isso para tanta gente?” (Jo 6:9, NVT).

Quem sabe, constrangido pelo comentário sincero do discípulo, um pensamento tenha invadido a mente do pobre moço: “É mesmo... que tolíce minha pensar que Jesus poderia fazer algo grandioso a partir de tão pouco.”

Mas o desconforto causado por sua irrelevância não durou muito tempo. Sua mente juvenil imaginava com interesse o que aconteceria na sequência. Ainda mais porque, olhando rapidamente ao seu redor, logo notou que, em meio àquela multidão, ninguém mais se apresentou além dele. E tinha muita gente! Chegou depois aos seus ouvidos a informação da contagem: 5 mil homens, sem contar mulheres e crianças. Que surpreendente! Será que entre todas aquelas pessoas ele era o único precavido? Ou... o único disposto a doar?

“Tanto faz”, o pensamento sobre o que os outros faziam ou deixavam de fazer logo se dissipou. Importava mesmo era saber o que Jesus faria. Poucos minutos antes aqueles pães e peixes estavam guardados para quando a fome batesse e, agora, Jesus os segurava em Suas mãos enquanto dava graças. Um sentimento caloroso então invadiu o coração daquele jovem: a alegria de ver que sua pequena oferta poderia ao menos ser útil para saciar a fome do querido Mestre. Que momento!

Em uma cena diferente do ministério de Cristo, outro jovem aparece. Não foi André nem algum outro discípulo que o trouxe para perto do Mestre. O jovem veio por conta própria. Ajoelhou-se humildemente diante de Jesus (Mc 10:17), mesmo sendo “dono de muitas propriedades” (v. 22) e “riquíssimo” (Lc 18:23), bem diferente da esmagadora maioria dos que vinham ter com Jesus. Que estranho o Mestre deixar escapar a oportunidade de fazer dele um seguidor.

Ninguém entendeu nada. Tudo parecia ir tão bem. Numa rápida entrevista, o moço disse que guardava todos os mandamentos e fazia tudo certinho desde a infância. O que mais poderia ser exigido dele? O Filho do Homem, que “não vê como o ser humano vê” (1Sm 16:7), olhando fundo nos olhos daquele jovem, disse com todo amor: “Está faltando somente uma coisa: Vá, venda tudo o que você tem e distribua o dinheiro entre os pobres, pois assim você terá um tesouro no Céu. Depois venha e siga-Me” (Mc 10:21, VFL).

Que surpresa foi aquela condição para ele! Se Jesus houvesse pedido apenas 1% de toda a sua fortuna, já seria o bastante para fazer muito mais do que antes havia feito com míseros cinco pães e dois peixes. Mas Jesus não queria 1%, nem 20% ou 50%. Ele queria tudo! E entre doar e reter, aquele rico preferiu reter. Foi-se embora, triste.

Dois jovens: um pobre, outro rico. Um saiu do encontro com Cristo com o coração cheio de alegria; outro com o coração cheio de tristeza. Ambos estavam dispostos a escutar o Mestre, mas somente um levou a sério o propósito de se doar completamente por Sua causa - ironicamente, aquele que dispunha de tão poucos recursos.

Quero chamar sua atenção para um detalhe: o jovem rico era inteiramente obediente aos mandamentos (Mc 10:19, 20). Podemos concluir que ele provavelmente devolvesse o dízimo com regularidade, guardasse o sábado de pôr do sol a pôr do sol, administrasse seus negócios com absoluta honestidade, fosse bondoso e justo com seus empregados, respeitasse as leis civis e as autoridades constituídas, se portasse com honra e dignidade, tratasse a todos com gentileza. Que exemplar! Apesar de tudo isso, persistia dentro dele um desassossego, uma dúvida quanto ao que mais deveria fazer a fim de herdar a vida eterna. Sentia como se lhe faltasse algo. Não sabia o que era, até Jesus revelar: o que lhe faltava era a firme disposição de seguir a Cristo, sem se importar com o que teria de deixar para trás.

Abraão deixou para trás sua terra e sua parentela (Gn 12:1). Moisés deixou o conforto do palácio (Êx 2:15). Rute deixou seu povo e sua cultura (Rt 1:16).

Davi deixou a vida pacata do pastoreio (1Sm 17:14-15). Eliseu deixou os pais a quem era tão apegado (1Re 19:20). Daniel deixou a comida saborosa que estava servida à mesa (Dn 1:8). Neemias deixou a exuberância da capital do império (Ne 2:5). Zaqueu deixou seu jeito ganancioso e desonesto de construir fortuna (Lc 19:8).

Todos esses são exemplos de homens e mulheres que abdicaram de algo a fim de servir a Deus por inteiro. Essa escolha, reafirmada dia a dia, certamente fez toda a diferença na vida de cada um deles. Nenhuma dessas belas histórias de desprendimento, porém, se compara ao que Cristo renunciou para vir nos salvar (Fp 2:6-8).

E Ele nos incentiva, dizendo:

Eu lhes garanto que todos que deixaram casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou propriedades por Minha causa e por causa das boas-novas receberão em troca, neste mundo, *cem vezes mais* casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e propriedades, *com perseguição*, e, no mundo futuro, terão a vida eterna. (Mc 10:29-30, NVT, itálico acrescentado).

Você faz ideia do que significa “cem vezes mais”?

Só para nos situarmos, na parábola dos talentos (Mt 25:14-30) os servos bons e fiéis devolveram ao seu senhor somente uma vez mais: o que recebeu dois trouxe outros dois, uma vez mais, quatro talentos ao todo; o que recebeu cinco apresentou outros cinco, uma vez mais, dez talentos ao todo. Se eles tivessem conseguido um desempenho melhor, suponhamos, duas vezes mais, o que recebeu dois traria mais quatro, seis ao todo; e o que recebeu cinco traria mais dez, quinze ao todo.

Ao dizer “cem vezes mais”, Jesus estava utilizando um parâmetro de retorno que ia muito além da capacidade dos melhores negociantes daquele tempo – e de hoje também. Afinal, mesmo com uma taxa de retorno constante em 25% ao ano, seriam necessários 21 anos para multiplicar o patrimônio dessa forma.

Detalhe: se olharmos para o índice S&P 500, aquele que reflete a rentabilidade de uma carteira composta pelas ações das 500 maiores empresas listadas na bolsa de valores norte-americana, veremos que, num histórico razoavelmente recente (de 1995 a 2023), esse índice superou a marca dos 25% de retorno anual apenas sete vezes.<sup>1</sup> Ou seja, mesmo reunindo os gestores das empresas mais valorizadas do mundo, não conseguiríamos atingir

o resultado que Cristo assegura aos Seus fiéis, “já no tempo presente” (Mc 10:30, NVI). Mas tudo isso “com perseguição”, ressalta Jesus, pois Ele sabe que o inimigo não quer que sejamos de Cristo por inteiro.

O jovem rico parecia ser de Cristo por inteiro, mas não era. E o que o impedia não era a perseguição. Não! O que o impedia era a idolatria.

Sim, idolatria. Entre “servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6:24, NVI), aquele jovem preferiu servir ao dinheiro. Infelizmente, “muitos dos que afirmam estar guardando todos os mandamentos de Deus estão fazendo a mesma coisa”, afirma Ellen G. White.<sup>2</sup> Precisamos urgentemente compreender que jamais seremos inteiramente de Cristo se nosso coração estiver dividido.

Terminando de descrever a generosa recompensa reservada àqueles que deixam coisas para trás por amor à Sua causa e por amor ao evangelho, Jesus conclui: “Contudo, muitos primeiros serão os últimos, e muitos últimos serão os primeiros” (Mc 10:31, NVT).

Comparando o jovem pobre com o jovem rico, na visão do mundo, o rico seria o primeiro; na visão do Céu, o pobre – não pela sua condição, mas pela sua disposição. Não pelas suas aspirações humildes, mas por estar totalmente convicto de que nenhuma conquista aqui, por melhor que seja, equiparase à alegria de servir à causa de Cristo e se doar inteiramente por ela.

A todos nós o Senhor confia recursos – para uns mais, para outros menos. Fato é que, independentemente da quantia confiada, o propósito é igual para todos: servir aos interesses da pátria celestial.

Fazemos isso quando colocamos Deus em primeiro lugar. No campo das finanças, isso significa:

1. Trabalhar com dedicação e esmero;
2. Obter nosso ganho de modo justo e honesto;
3. Consagrar fielmente a parte que Deus reivindica como Sua na forma de dízimos e ofertas;
4. Contribuir generosamente para aliviar o sofrimento do próximo em necessidade e levar adiante a pregação do evangelho;
5. Pagar os compromissos em dia, a fim de não devermos nada a ninguém;
6. Poupar e investir com sabedoria a fim de multiplicar;
7. Usufruir alegremente do que restar em nosso poder, sempre com responsabilidade; e
8. Ter disposição para fazer ainda mais pela causa de Deus, se preciso for.

Arrisco dizer que foi no oitavo item que o jovem rico escorregou.

Pergunto: quanto mais eu e você estamos verdadeiramente dispostos a fazer pela causa de Deus?

Cuidado: se a resposta for algo como “Já faço muito!” ou “Nada além do que já faço!”, isso pode ser indício de que somos, de alguma forma, parecidos com o jovem rico, apegados às coisas terrenas. Nossa vida se resumirá a uns poucos anos e, talvez, algum sucesso financeiro, nada mais. Tudo isso à custa de perdermos a vida eterna.

Não permitamos que isso aconteça! Deixo o espaço abaixo para você refletir em oração. O que o impede de fazer mais pela causa de Deus?

---

---

---

---

---



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

- <sup>1</sup> J. B. Maverick, “S&P 500 Average Return and Historical Performance”, Investopedia, 3 de janeiro de 2024, disponível em <<https://www.investopedia.com/ask/answers/042415/what-average-annual-return-sp-500.asp>>, acesso em 17 de julho de 2024; ver também “S&P 500 Historical Annual Returns”, *Macrotrends*, disponível em <<https://www.macrotrends.net/2526/sp-500-historical-annual-returns>>, acesso em 17 de julho de 2024.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 146 [211].



21 •

## PÉS NA TERRA, OLHOS NO CÉU

**T**alvez você esteja curioso sobre aquela história das cem vezes mais (Mc 10:30). Será que poderíamos interpretar esse texto ao pé da letra? Ainda que sofrendo perseguições, poderíamos esperar tamanha recompensa material neste mundo se nos dispusermos a abrir mão de tudo para seguir a Cristo?

Veja, foi para Pedro que Jesus primeiramente dirigiu essa promessa (Mc 10:28-30). Que eu me lembre, Pedro não morreu rico, e também não deixou um patrimônio de cem vezes mais barcos de pesca para seus herdeiros. Diz a tradição que Pedro morreu como mártir, vítima da perseguição do implacável imperador Nero. Imagine quanto ele sofreu até chegar às últimas consequências de seguir a Cristo!

Teria então Jesus mentido para Pedro - e, por extensão, para todos aqueles que creem na Sua Palavra? Claro que não!

O problema é que gostamos de medir riqueza e sucesso a partir de uma perspectiva terrena e materialista. E isso não é de agora.

Em Éfeso, por exemplo, havia supostos cristãos que, cheios de confiança, ensinavam coisas contrárias à verdade. Eles defendiam que “servir a Deus é um meio de ficar rico” (1Tm 1:3,7; 6:5, VFL).

Percebendo o dano que esse pensamento poderia causar na saúde espiritual da igreja, Paulo rebateu: “De fato servir a Deus faz com que uma pessoa fique rica, *se ela estiver feliz com aquilo que tem*. Pois nós não

trouxemos nada para o mundo, e nem podemos levar nada dele. Portanto, *devemos estar contentes se tivermos o que comer e o que vestir*" (1Tm 6:6-8, VFL, itálico acrescentado).

Note que Paulo não diminuiu a recompensa de servir a Cristo. Pelo contrário, ele a colocou em evidência, porém combatendo nosso jeito materialista de enxergar as coisas. E disse mais: se temos recebido do Senhor o sustento diário, tendo o suficiente para nos alimentar e nos vestir, isso já é o bastante para vivermos contentes. Se além disso o Senhor nos conceder riquezas e bens materiais, podemos saber que o que juntarmos aqui, aqui ficará. Conscientes disso, devemos fazer o melhor uso desses recursos. Afinal o conselho para aqueles que possuem muitas riquezas é: "Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir" (1Tm 6:18).

Voltando à história de Pedro, podemos concluir que ele foi, sim, bem-sucedido, assim como também foram João Batista, Estevão, Paulo, Lutero, Calvino, madre Teresa e tantos outros fiéis que se doaram completamente pela causa de Cristo. Não podemos quantificar esse sucesso em gramas de ouro, nem em dólares, reais ou qualquer outra moeda.

Aliás, encorajando o "povo escolhido por Deus, estrangeiro neste mundo", Pedro fez questão de nos lembrar acerca de "uma herança que é incorruptível, pura, e que nunca perde seu valor [a qual] está guardada nos Céus" para nós, herança cujo valor não se pode medir em dinheiro. Isso deve ser motivo para vivermos alegres, embora aqui tenhamos momentos de tristeza "por causa dos vários tipos de provações" que nos afligem (1Pe 1:1, 4, 6, VFL).

Perceba que, procurando animar e fortalecer a fé dos irmãos, Pedro não reivindicou nenhuma promessa de bênção e prosperidade material, nem sequer mencionou bens característicos de gente rica do seu tempo, como joias, vestes finas, coloridas e bordadas, mansões, rebanhos, campos, lavou-ras - nada disso. O máximo que fez foi dizer que a fé provada é muito mais valiosa que o ouro perecível (v. 7).

Em suma, para Pedro, nada do que pudesse ter aqui seria capaz de aliviar a ardente expectativa do reencontro com seu amigo e salvador. Fato é que, em toda a trajetória desse homem de fé e coragem, houve apenas um momento em que o vemos como um verdadeiro miserável: foi depois de negar a Cristo três vezes (Mt 26:75).

Caro leitor, não existe sucesso material capaz de compensar a tragédia de negar a Cristo.

Se for para nosso bem maior, para nossa salvação e para benefício de outras pessoas que possam ser alcançadas através da nossa generosidade, Deus tem poder para nos recompensar com cem, duzentas, mil vezes mais, se Ele quiser. Se isso não estiver nos Seus planos para nós, tudo bem. Assim como Pedro, podemos descansar na segurança de que, no fim das contas, no Céu o multiplicador será infinito.

Uma canção do compositor Jader Santos inspirou o título deste capítulo e, de certa forma, resume a essência da mensagem que quero deixar nestas últimas páginas. Diz assim:

Nós almejamos outro lar,  
um novo Éden pra morar,  
Pois ficaremos por aqui  
somente um pouco mais.  
Esta promessa quero alcançar  
Custe o que custar.  
E, enquanto espero, sigo confiando  
No poder que vai me salvar.  
Com os pés na Terra e os olhos no Céu,  
eu vou, eu vou.  
Com os pés na Terra e os olhos no Céu,  
Eu vou seguindo até encontrar meu Jesus.<sup>1</sup>

Sabe, falando como financista, eu poderia encerrar este livro reforçando a importância de você controlar seu orçamento, economizar, pagar suas dívidas, planejar suas compras, formar sua reserva, investir, empreender, multiplicar seu patrimônio, zelar pelo bem-estar futuro da sua família. Espero que eu tenha conseguido tratar minimamente disso tudo nos capítulos anteriores para que, a partir desses ensinamentos, você tenha condições de transformar sua realidade financeira para melhor.

Cabe destacar um conselho mais importante e essencial. Para isso, não posso deixar de lhe falar como adventista: administre suas finanças com os pés na Terra e os olhos no Céu.

Se além dos pés, nossos olhos também estiverem na Terra, que tragédia será! Poderemos até alcançar um futuro rico e bem-sucedido, mas que jamais irá durar pela eternidade. Toda a nossa busca terá sido em vão, tão inútil como “correr atrás do vento” (Ec 2:11).

Se somos embaixadores do Reino, estrangeiros neste mundo, podemos estar certos de que nosso verdadeiro sucesso não tem que ver com o que ajuntamos aqui, mas para onde iremos depois.

Lembre-se: enriquecer pode ser resultado, mas não deve ser o alvo. Pode ser consequência, mas não deve ser a intenção. Entende a diferença? Traçar a riqueza como alvo e objeto de desejo faz com que concentremos nossos esforços e pensamentos nas coisas terrenas e passageiras, em lugar das coisas celestiais e eternas.

“Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso”, Paulo diz. Em lugar de cobiçar riquezas terrenas, que nosso alvo seja buscar a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão, combatendo dia a dia o bom combate da fé, até que um dia, pela graça de Cristo, nosso Salvador e Senhor, possamos tomar posse da vida eterna (1Tm 6:11-12).

Lá sim, seremos todos jovens e ricos. Mais importante que isso, não seremos mais embaixadores. Seremos herdeiros!



### Saiba mais

Acesse o QRCode para mais conteúdo sobre o assunto deste capítulo.

### Referências

<sup>1</sup> Jader D. Santos (letra e música), “Pés na Terra, Olhos no Céu”, *Hinário Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), nº 406.